

CAPÍTULO IV

NAÇÃO GREMISTA

**Eu não sei como dizer!
Ser gremista é experimentar todas as emoções.
Ser gremista é ter orgulho de sê-lo!**

(Bianca Pinheiro Machado, “uma pessoa que ama o Grêmio”. Aluna da 6ª série do Colégio Santa Inês e 2ª colocada no I Concurso de Redação/1997 promovido pelo Consulado Escolar do Grêmio.)

4.1. Comunidade de sentimento e nação-clubes de futebol

O futebol em geral e os clubes em especial têm se notabilizado, desde longa data, pela facilidade com que conseguem mobilizar extenso contingente de pessoas. O que mais impressiona, contudo, não é a quantidade mas a diversidade desse público e, talvez por isso, seja difícil defini-lo adequadamente.

A sociologia da década de setenta e oitenta, na esteira dos frankfurtianos, usava o termo *massa*; uma categoria acadêmica contestada, mais tarde, no âmbito da própria disciplina e cujo emprego no contexto do futebol produziu uma espécie de discurso tautológico, cujo objetivo se resumia a afirmar, de modos diversos, a mesma premissa. Ou seja, a alienação generalizada das *massas* e a manipulação do povo pela elite; de onde surgiu a conhecida “tese” do futebol como “ópio do povo”.⁶⁶ Porém, admitindo-se a inadequação desta categoria, que outra haveria de ser proposta? A categoria êmica,

⁶⁶A bibliografia que empregou as noções frankfurtianas - tais como *massa*, *alienação*, *repressão*, entre outras -, para explicar o fenômeno esportivo em geral e o futebol em especial é extensa. Um dos expoentes teóricos deste movimento contestatório em âmbito internacional foi o sociólogo Jean-Marie Bronm, muito citado, inclusive, pela literatura brasileira sobre o tema. Uma coletânea de seus escritos pode ser encontrada em “Deporte, cultura y represión” (1972). Seguindo o mesmo arcabouço teórico, poder-se-ia citar Sebrelí (1981) e Ramos (1984); sendo o primeiro mais voltado ao contexto argentino e o segundo enfocando o Brasil. Os trabalhos mais recentes acerca do fenômeno esportivo, especialmente no caso brasileiro, parecem ter, simplesmente, deixado de lado o discurso contestatório das décadas de setenta e oitenta, sem proceder uma crítica mais acurada. De qualquer modo, para uma crítica à “tese” do “futebol como ópio do povo”, sugiro DaMatta (1982).

talvez? Mas, não se estaria, neste caso, assumindo o discurso nativo e, portanto, adotando um procedimento contestado do ponto de vista antropológico?

No âmbito do futebol e do pertencimento clubístico, pode-se observar o uso freqüente do termo êmico “nação” para se referir à totalidade dos que torcem para um determinado clube. O Grêmio, em parceria com a Editora Escala, por exemplo, publica uma revista, com distribuição nacional, chamada “Nação Tricolor”. A Torcida Organizada Super Raça conclui uma retrospectiva de seus 15 anos de existência afirmando ser ela, “ontem, hoje e sempre a ‘VOZ DA NAÇÃO TRICOLOR’” (Informativo Super Raça Gremista, nº 1; nov/96). O editorial de “Colorado: o jornal do Inter” (ano I, nº 1), faz um apelo nos seguintes termos: “O POVÃO COLORADO - verdadeira nação - precisa confiar no trabalho da atual diretoria”. Manchetes de jornais do tipo, “A nação tricolor está em festa”, são muito freqüentes. Nos *sites* dos clubes, na internet, o termo nação é recorrente, assim como no cotidiano dos clubes. Quanto à auto-representação, portanto, não resta a menor dúvida: a categoria “nação” encontra-se amplamente disseminada.

O comportamento dos torcedores em relação aos símbolos que os identificam com os clubes e à estrutura política-administrativa dos mesmos, sugerem um paralelo entre a representação êmica e a categoria analítica nações-Estado. Veja-se o caso do Grêmio, por exemplo. Seu presidente, que centraliza as decisões mais importantes, tem mandato de dois anos e é eleito pelo Conselho Deliberativo. Este, por seu turno, atua como uma espécie de parlamento e é renovado, em 1/3, de quatro em quatro anos pelo voto dos associados. O Grêmio tem ainda o Departamento Consular, em atividade desde a década de quarenta e, recentemente, instituiu o Consulado Escolar; possui um “território”, o Estádio Olímpico; um “exército”, com alguns “soldados” formados no próprio clube - “nas categorias de base” e outros trazidos “de fora”; museu, sala de troféus e, principalmente, um extenso contingente de gremistas.

Poder-se-ia seguir, indefinidamente, neste paralelo entre nações-Estado e nações-clubes de futebol; elementos empíricos não faltam. Contudo, se a comparação fosse levada às últimas conseqüências, logo surgiria uma série de contrastes e um número tão grande de retificações e adendos teriam de ser introduzidos a ponto de torná-la injustificada. Do contrário, permanecendo-se no campo das analogias, ou seja, mantendo-se a aproximação tão genérica quanto possível, perde-se qualquer possibilidade de delimitação conceitual.

Uma saída para o impasse pode ser encontrada retomando-se a própria definição de nação que, segundo Weber (1974), constitui-se, em termos genéricos, numa “comunidade de sentimento” (:207). Embora tendendo à constituição de um Estado próprio, com fins específicos de auto-proteção - integridade física, cultural, fronteiras, etc -, há outros aspectos da noção weberiana que, uma vez deslocados do Estado propriamente dito, justificam a apropriação. O conceito de nação,

num certo sentido, (...) significa, acima de tudo, que podemos arrancar de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos. Assim, o conceito pertence à esfera dos valores. Não obstante, não há acordo sobre como esses grupos devem ser delimitados ou sobre que ação concertada deve resultar dessa solidariedade (Weber, 1974:202).

A partir deste alargamento conceitual, é possível identificar pelo menos quatro premissas genéricas que podem ser remetidas ao contexto futebolístico, quais sejam: a idéia de solidariedade grupal em torno de um sentimento específico (pertencimento clubístico); a incerteza em relação às ações decorrentes desta solidariedade (violência física/violência simbólica); a segmentação e fluidez grupal (Torcidas Organizadas/“outros” torcedores); e, finalmente, as disputas em torno de valores (“raça”, “classe social”, etc).

Um exemplo claro de como essas quatro premissas estão articuladas na “comunidade de sentimento” e no contexto do pertencimento clubístico, pode ser encontrado nos enfrentamentos simbólicos e, não raro, corpo-a-corpo, de torcedores identificados com clubes rivais ou ainda, entre torcedores e cidadãos não-torcedores.

Com freqüência os indivíduos, na pessoa de torcedores, hostilizam os indivíduos *não-torcedores*, cidadãos alheios à totalidade imposta pela *vontade geral* instituída pelos torcedores (na torcida vale o todo e não o indivíduo). Não é raro não-torcedores serem execrados (como perdedores) por grupos torcedores, como se não tivessem a opção individual de não pertencerem a nenhuma associação de torcedores, à estrutura segmentar, hierárquica e relacional estabelecida pela estrutura do jogo. Este fato explica porque as abordagens e hostilidades geralmente ocorrem entre grupos de torcedores contra indivíduos isolados. Quando torcedores se encontram sozinhos a caminho dos estádios, é raro configurar-se este estado de ânimo *alterado* observado quando estão em grupo. Sozinhos, rompem o sentimento de *pertença* e retornam ao anonimato da individualidade. Cessam os xingamentos e as provocações (Toledo, 1993:26-7).

A passagem de indivíduo à pessoa instaura a “comunidade de sentimento”, um estado de ânimo alterado, como sugere Toledo, a partir do qual um indivíduo passa a

indivíduos de diferentes níveis cultural e sócio-econômico, de diferentes regiões, com graus de envolvimento emocional e material diferentes, e assim por diante. No entanto, elas não deixam de ser concebidas como uma unidade ou uma totalidade única em si próprias. (:45)

Especialmente no que se refere à relação espaço-tempo, a noção de “comunidade imaginada” vai ao encontro da posição de Schutz (1979), para quem, do ponto de vista de um determinado indivíduo (pessoa), existem diferentes formas de vivenciar a realidade social; pois

(...) um homem vivencia seus semelhantes mesmo quando estes últimos não estão presentes fisicamente. Ele tem conhecimento não somente de seus consócios diretamente vivenciados, mas também de seus contemporâneos mais distantes. Dispõe ainda de informações empíricas sobre seus predecessores históricos. Acha-se cercado por objetos que lhe dizem claramente que foram produzidos por outras pessoas; não apenas objetos materiais, mas todos os tipos de sistemas de signos, lingüísticos e outros (...) (:166).⁶⁷

Consócios, contemporâneos, predecessores e sucessores são categorias analíticas muito úteis para se pensar diferentes formas de interação social em geral e, particularmente, o contexto das nações-Clube de futebol. Identidades clubísticas podem coexistir sem a necessidade de partilhar o espaço, já que os torcedores encontram-se dispersos em diferentes pontos geográficos, desconhecem a existência real uns dos outros e, ainda assim, cultuam as mesmas cores, emblemas, cânticos, xingamentos, mitos, ídolos e assim por diante. Se, por exemplo, os integrantes da Super Raça configuram-se em tipos *sui generis* de consócios, a “nação gremista imaginada” extrapola, e muito, os limites geográficos de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil.

Por fim, convém explicitar uma última premissa, tomada de empréstimo de Hobsbawm (1990), acerca do “elemento do artefato, da invenção e da engenharia social

⁶⁷ Resumidamente, “consócios são indivíduos que partilham embora breve ou superficialmente, de uma comunidade não apenas no tempo, mas também no espaço. [Enquanto os] contemporâneos são pessoas que partilham uma comunidade no tempo, mas não no espaço: (...) eles se ligam não através de uma interação social direta, mas através de um conjunto generalizado de pressupostos formulados simbolicamente (...) sobre os modos típicos de comportamento um do outro” (Geertz, 1989:230-1). Já os predecessores e os sucessores, com algumas diferenças, constituem modalidades de interação assimétricas no que diz respeito à variável tempo. Se os predecessores são aqueles que nos antecederam e com os quais obtemos contato através de relatos de terceiros ou pela tradição, os sucessores são aqueles que haverão de habitar o nosso espaço no futuro e com os quais estamos impossibilitados de manter qualquer tipo de relacionamento real, embora, virtualmente, possamos atestar suas presenças pela projeção de algumas de nossas ações no tempo, motivados pela suposição de que o mundo não desaparecerá depois que deixarmos de existir fisicamente.

que entra na formação das nações” (:19). Isto implica que “o nacionalismo vem antes das nações” e, assim sendo, “as nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto” (:19). Admitindo-se uma analogia *ad hoc*, segundo a qual os clubes e o pertencimento clubístico estão para os Estados e o nacionalismo assim como as nações-clube de futebol estão para as nações-Estado, pode-se atestar, no contexto gremista, a procedência da formulação hobsbawmiana. De fato, a fundação do Grêmio e os ideais associacionistas precedem, historicamente, a estima e a adesão popular que o clube foi adquirindo ao longo de sua trajetória. Já a auto-representação dos gremistas, enquanto pertencentes a uma “nação”, pode ser considerada um corolário deste processo e os contornos que o mesmo apresenta na atualidade.

A partir das considerações preliminares, o restante deste capítulo está subdividido em três partes distintas e com objetivos igualmente diversos. A primeira trata justamente do “elemento do artefato, da invenção” da nação-clube de futebol, no caso específico, da “nação gremista”. Não me refiro ao contexto de fundação do clube, já explicitado no capítulo anterior, mas de um processo de profundas mudanças desencadeadas ao longo das décadas de quarenta e cinquenta, notadamente ligadas à consolidação do profissionalismo e ao fim da segregação racial. Embora já tenha me reportado ao Grêmio daquelas décadas, em “Gre-Nal em preto e branco” (cap. III), urge, agora, detalhar este processo no que se refere aos esforços empreendidos, pelos seus dirigentes e torcedores, para impedir que o futebol fosse extinto do clube.

A segunda parte contempla o presente etnográfico. Descrevo alguns jogos, sob a perspectiva da mobilização dos torcedores, evidenciando aqueles aspectos que tornam denso um ritual disjuntivo. Também descrevo uma das viagens realizadas com as Organizadas do clube, para São Paulo. Por fim, procuro traduzir um pouco do que foi a festa pela conquista da Copa do Brasil, edição 1997, do ponto de vista dos que ficaram em Porto Alegre enquanto o time jogava no Rio de Janeiro.

Na última parte, transito pelo cotidiano do Grêmio, acompanhando, de um lado, o trabalho dos cônsules e, de outro, o dia-a-dia de Dona Ema e Tia Dalva, a primeira na casa (museu) e a segunda na rua (no pátio) do Estádio Olímpico. As três partes têm um objetivo em comum, qual seja, descrever as múltiplas possibilidades de pertencer ao Grêmio e, por extensão, a uma nação-Clube de Futebol.

4.2. Crise de identidade e reinvenção das tradições

4.2.1. A derrocada do amadorismo no Grêmio

Surgido como um clube-equipe, o Grêmio se constituiu, rapidamente, num clube de elite. Além de ter-se consolidado patrimonialmente desde seus primeiros anos de existência, o clube da Baixada da Mostardeiro notabilizava-se pela seleção criteriosa de seus associados e pela convicção de que, para se constituir num *club* respeitável, o Grêmio não poderia se descuidar da formação do caráter de seus associados. O futebol pode ter sido a principal razão da existência do Grêmio - “criado da bola e para a bola” (Nação Tricolor, ano 1, nº 1:12) - mas está longe de ser sua única preocupação.⁶⁸

Numa das primeiras publicações do Grêmio destinada a seus associados, a “Revista do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense”, constam as “11 máximas para jogadores”; uma orientação de como deveriam se portar os gremistas em relação ao clube, aos demais atletas, adversários e até mesmo diante do juiz.

- 1) Onde representares o Grêmio, apresenta-te bem e mostra boa conduta, pois por esta se julgará o club.
- 3) Comparece ao jogo com boa disposição corporal, o que garantirá a resistência até o fim; pois muitas vezes numa pugna os últimos minutos são decisivos.
- 6) Cuida bem o teu fardamento, afim de honrares as tuas cores.
- 7) Fala pouco e pensa muito durante o jogo e aprende do adversário o que de bom ele tiver que tu ignorares.
- 9) Se um adversário jogar “foul”, não faças o mesmo, pois se um é grosseiro, não é necessário que também o sejas.
- 11) Cumpre em todas as ocasiões, como um sportman bem educado, às ordens do juiz, pois ele é uma pessoa que trabalha pelo Sport merecendo por isto estimação e respeito (ano 1 (1916), nº 3).

As “11 máximas” constituem-se num verdadeiro manual de *civilité*, só que com uma grande diferença em relação ao *De civilitate morum puerilium* de Erasmo de Rotterdam (cf. Elias, 1994). Enquanto este último tratava, fundamentalmente, do

⁶⁸ A sociabilidade intensa no interior do Grêmio resultou em vários casamentos. Bruno Schuback, por exemplo, já conhecia muito bem o futebol quando chegou ao Brasil e logo se incorporou ao Grêmio. Era primo de Walter Schuback, que integrou a primeira equipe do Fluminense e este, por seu turno, era concunhado de Oscar e Edwin Cox (que foi capitão do Grêmio no início dos da década de 10), fundadores do clube carioca. Bruno, que formou dupla de zaga com Mohrdieck, também imigrante alemão, acabou se casando com uma das filhas de John Day, um próspero comerciante da época e pai de Alfredo, que também jogava no Grêmio. Carlos Mostardeiro, conhecido como *Chirú*, era descendente de tradicional família porto-alegrense, a mesma que cedeu o terreno para a construção do primeiro estádio do Grêmio. Consócio de Mohrdieck e Alfredo, casou-se com a outra filha de John Day e, sendo assim, tornou-se concunhado de Bruno.

comportamento à mesa e, portanto, do uso correto das mãos, as “11 máximas” se referem, basicamente, às boas maneiras de se portar num campo de futebol, onde sobressai o uso dos pés.

As “máximas” não se limitam, contudo, à indicação de como deve se comportar um atleta, mas sugere, também, “respeito” e “estimação” ao juiz e ao adversário, enfim, o mínimo necessário para que um jogador pudesse ser chamado de *sportman*. Poder-se-ia pensar que isto é, antes de tudo, um sinal dos tempos, ou seja, que o futebol era assim naquela época e, portanto, as “máximas” não seriam uma orientação endereçada unicamente aos atletas gremistas. Podem não ter sido uma exclusividade do Grêmio mas também não são representativas dos procedimentos da grande maioria dos clubes daquela época, à exceção dos clubes de elite, evidentemente.⁶⁹

A propósito, o Grêmio se parecia muito com esses clubes de elite que, como no caso do São Paulo Athletic Club - cujos estatutos serviram de modelo para o Grêmio - e do Germânia - de quem foi copiado um dos primeiros uniformes - abandonaram o futebol tão logo as classes trabalhadoras dele se apropriaram. É bem provável que nem todos os primeiros gremistas pertenciam à alta sociedade porto-alegrense mas, os ares aristocráticos sopravam na Baixada. Na mesma revista em que aparecem as “11 máximas para os jogadores”, constam também “10 irônicos mandamentos para sócios insaciáveis” (ver anexos) e, entre eles, o 6º merece ser destacado: “Fala mal do teu club para os estranhos, porém acautela-te de fazê-lo no recinto do mesmo”.

O “6º mandamento” nada mais é do que a versão da época para o popularíssimo “roupa suja se lava em casa” dos dias atuais. No Grêmio, um ou outro, pouco importa, é seguido à risca por seus dirigentes, como uma “tradição” do clube, inclusive, para diferenciá-lo do arquirrival. Por isso, é difícil acessar as atas, encontrar alguém que se disponha a falar abertamente sobre o problema da segregação racial ou, mais recentemente, de uma gestão deficitária, cujo então presidente levou o clube para a segunda divisão nacional e, da noite para o dia, “herdou de uma tia-avó” considerável fortuna. Estes e outros temas polêmicos são considerados “assunto de economia interna” e, portanto, dizem respeito à “família gremista”.

⁶⁹ No Rio de Janeiro, por exemplo, já havia se instituído, muito antes, o “ganha mas não leva”, uma forma que os clubes menores encontraram para burlar o *fair-play*. Como escreveu Mário Filho, quando a decisão era no subúrbio, “o clube da cidade podia ganhar o jogo. A taça, porém, ficava com o clube local” (:21). Há outros exemplos do “ganha mas não leva”, como aquele já referido no segundo capítulo, em que o São Paulo Athletic Club abandonou o futebol alegando que a “bagunça” se tornara insuportável.

O que entendiam por “família” e “tradição” os gremistas, especialmente seus dirigentes, está claro nos depoimentos orais e letrados veiculados a partir da crise dos anos quarenta, e isto se deve a duas razões principais. De um lado, ao surgimento de publicações sistemáticas, como “Mosqueteiro”, um tablóide surgido em 1946, que mais tarde deu origem à “Revista do Grêmio”, publicada entre 1956 e 1963. De outro lado, os anos quarenta se constituem no período mais intenso da crise de resultados e esta, por seu turno, desencadeia uma série de discussões onde o passado “glorioso” da “família gremista” passa a ser questionado.

É difícil precisar o início da crise e, diga-se de passagem, isto tem importância relativa. O Grêmio perdeu o campeonato gaúcho de 1940, mas isto por si só não era motivo para transtornos. Contudo, seguiu perdendo nos anos seguintes até que, em 1945, o Rolo Compressor chegou ao hexacampeonato, uma conquista inédita no futebol local. O então presidente José Gerbase, numa atitude inusitada, viajou ao Rio de Janeiro e trouxe do Vasco três reforços e solucionou, temporariamente, o problema do Grêmio: com Jorge, Cordeiro e Hélio o clube rompeu com a série de títulos do arquirrival. Foi uma solução parcial, pois o “outro” seria novamente campeão por dois anos consecutivos e venceria, com longa margem, os grenais do período. Veladamente, os próprios gremistas admitiam que a segregação estava custando-lhes um preço excessivo, inclusive em termos financeiros. Porém, aboli-la ainda não estava nos planos de seus dirigentes, pois, do contrário não haveria necessidade de importar jogadores de outros estados.

Antes disso, em 1942 o Departamento de Futebol esteve por ser fechado. Segundo o Dr. Renato Souza, que na época já integrava a diretoria do clube e mais tarde viria a ser presidente (Dr. Renato, como é conhecido no Grêmio, é pai do atual Ministro da Educação Paulo Renato Souza; delegado de polícia aposentado, foi também deputado estadual pelo PTB e teve seu mandato cassado na época da ditadura), o clube só não fechou graças à intervenção do Dr. Py (ver adiante), chamado às pressas para aplacar os ânimos dos demais dirigentes. Ainda de acordo com o depoimento do Dr. Renato, o clube tinha dificuldades para se adequar às novas exigências do profissionalismo, especialmente no que se refere às questões econômicas, salário dos jogadores e comissão técnica, compra e/ou aluguel do “passe” dos atletas, despesas com treinamentos, viagens e, até mesmo o Fortim da Baixada, orgulho dos primeiros gremistas, precisava ser substituído.

O fim do amadorismo impunha certas exigências com as quais o Grêmio não concordava, entre as quais, a admissão de negros no time. *Eram pessoas de bem, como o Dr. Fulano,⁷⁰ amigo meu, incapaz de negar atendimento médico a um pobre ou um negro que não tivesse dinheiro (...) mas não queria negro no Grêmio* (Dr. Renato).

O foco de resistência, usava a “tradição” como argumento para barrar os negros. Para romper com a “tradição” era preciso que o Conselho Deliberativo se manifestasse favoravelmente e, sendo o Conselho o portador da “tradição”, a segregação persistia. Os conselheiros, ou melhor, o foco de resistência que dele fazia parte, alegava a existência de uma “cláusula” imposta pela família Mostardeiro, de quem o Grêmio adquirira o terreno da Baixada. Tal cláusula nunca chegou ao domínio público e é bem provável que jamais tenha existido e se era apenas um “acordo de cavalheiro” poderia ter sido renegociado. Seja como for, o certo é que os trâmites burocráticos para que a “ruptura da antiga tradição” fosse efetivada tinham que passar pelo conselho e este era terminantemente avesso às reformas.

Porém, quando os interesses convergiram, nada impediu que se reformulasse prontamente os estatutos. Sendo assim, em 1946, talvez o período mais intenso da crise de resultados vivida pelo clube até então,

coube ao egrégio Conselho Deliberativo a nobre tarefa de submeter a aprovação (...) uma alteração nos Estatutos (...), calorosa e unanimemente aprovada, com o seguinte teor: “ARTIGO 161 - O GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, além das categorias de sócio constantes do artigo 4º de seus Estatutos, terá mais a de “PATRONO DO GRÊMIO”, cujo título somente será conferido a um associado. § único - Como homenagem especial e em atenção aos serviços excepcionais prestados ao GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, é conferido ao Professor Dr. AURÉLIO DE LIMA PY o título de PATRONO. O PATRONO tem o direito de comparecer às sessões de diretoria, propondo, discutindo e votando (Grêmio 70, “Edição Especial”:153).

É evidente que a escolha do Dr. Py para ocupar o cargo de patrono, a própria criação deste posto e as atribuições da época indicam não se tratar de uma simples homenagem prestada ao ex-presidente do clube, fundador e presidente por longo período do Conselho Deliberativo. Longe de ser um cargo decorativo, o monarca gremista era dotado de poderes que lhe permitiam intervir em todas as esferas do clube,

⁷⁰ Omito o nome a pedido da fonte.

sempre que julgasse pertinente e enquanto tivesse disposição para tal.⁷¹ Do ponto de vista político, a nomeação do Dr. Py pode ser interpretada como uma tentativa de arrefecer as disputas internas e possíveis desavenças entre a administração - executivo - e o conselho - legislativo - do clube.

Entre o cargo recém criado e seu primeiro ocupante, havia uma identidade tal a ponto de não se poder desvincular um do outro. Em outras palavras, o patronato era uma função tão talhada ao Dr. Py que foi criado a sua imagem e semelhança. Neste particular, tanto o Dr. Renato quanto Seu Bordin (historiador do clube), são unânimes em relação à presença conciliadora, aglutinadora e ponderada do Dr. Py. Tanto é verdade que, desde a morte do Dr. Py, em 1949, apenas um outro conselheiro foi homologado patrono do clube e, segundo informações de Seu Bordin, já se votou, inclusive, a supressão do artigo 161. Com a morte do segundo patrono, Dr. Fernando Kroeff, ocorrida em agosto de 1997, o cargo foi definitivamente extinto, e as razões são compreensíveis: criou-se dentro do Conselho uma disputa tão acirrada entre os postulantes à patronagem que desvirtuou-se a própria razão de sua existência.

A aclamação unânime do Dr. Py revela, por um lado, como deveria ser processada a escolha do patrono e, de outro, atesta o prestígio daquele que havia presidido o clube em nove oportunidades, entre 1912 e 1930, e o Conselho Deliberativo de 1937 a 1943. Ilustre entre os ilustres, Dr. Py também se destacou como primeiro presidente da Federação Rio-Grandense de Desportos, Diretor da Faculdade de Medicina, reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre 1937-39, e três vezes deputado estadual (1925, 30 e 34) pelo Partido Republicano, de inspiração positivista. Entre tantas credencias incluía-se o forte vínculo afetivo que ele e outros membros de sua família - Jorge Py, seu irmão mais moço fora jogador do Grêmio na década de vinte - nutriam pelo Grêmio e, acima de tudo, a clareza das convicções que norteavam sua atuação no clube e na esfera mais ampla da sociedade. A manifestação mais eloqüente do modo como pensava o Grêmio ocorreu no seu discurso de posse que, por orientação do então presidente José Gerbase, foi reproduzido na íntegra no livro de atas e posteriormente reeditado em várias publicações do clube.

Penso que todos os clubes deviam tomar como lema a máxima da filosofia comteana que reza: “AMOR POR PRINCÍPIO, ORDEM POR BASE E PROGRESSO POR FIM”. Isso, aplicado ao esporte,

⁷¹ Segundo a Folha da Tarde (10/12/46) um dos propósitos do Dr. Py era promover a fusão entre o Grêmio, a Sogipa e o Club Canottieri Duca Degli Abruzzi, ou Cruzeiro, como passou a se chamar a partir do Estado Novo. Já o Dr. Renato, desmente, veementemente, esta informação que, segundo ele, não passa de *boato do jornal*.

seria: “Apresentação pública de um padrão de dignidade esportiva servida por insofismável cordialidade, sinceridade de atitudes, lealdade e fraternidade, o que integraria o AMOR por princípio. Procurar o engrandecimento e a prosperidade de seus clubes, o que seria a base construtora e ordem, a disciplina e a obediência por base, e o engrandecimento e a prosperidade que seria o objetivo ou fim do postulado.

E é sob a égide desse princípio que eu formulo o CREDO DO BOM GREMISTA:

CREIO no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense porque sempre foi, é e será um propugnador leal e honesto do esporte integralmente pelos esportes e para o esporte, com a finalidade bendita do aprimoramento físico e moral dos seus associados moços.

CREIO no Grêmio porque ele é um dos baluartes da grandeza esportiva do nosso querido Rio Grande do Sul.

CREIO no Grêmio porque ele é um centro de brasilidade de nossa mocidade.

CREIO no Grêmio porque ele foi, é e será forte nas horas alegres como nas tristes.

CREIO no Grêmio porque propicia aos moços associados as bases de uma educação física, preparando uma geração sã e forte para o engrandecimento de nossa Pátria.

CREIO no Grêmio porque sempre defende as boas causas da mocidade.

CREIO no Grêmio porque é um centro de educação e luta da virtude contra o vício.

CREIO no Grêmio porque, procurando integrar a fórmula do MENS SANA IN CORPORE SANO, ele batalha para a formação física e mental do homem para as lutas da vida.

CREIO no Grêmio porque ele é, a um só tempo, um centro de irradiação esportiva e de educação moral.

CREIO no Grêmio porque, trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro.

CREIO no Grêmio porque a tradição mantém a família gremista unida, forte e entusiasta.

CREIO no Grêmio porque ele cultua a tradição dos seus feitos através de várias gerações.

CREIO no Grêmio pela vibração de alma que esse culto realça.

CREIO no Grêmio pela continuidade de suas vitórias glorificadoras.

CREIO no Grêmio por tudo isso, e mais, pelo destemor de suas atitudes na defesa do bom nome esportivo da nossa amada gleba.

CREIO, por fim, no Grêmio, com o entusiasmo que faz milagres, pelo bem de todo gremista sincero.

Peço perdão a família gremista pelo pouco que aqui fica dito em face do muito que mereceria ser dito. (Mosqueteiro, nº 1; ano I:2)

O “credo do bom gremista” se notabilizou como a “oração do Dr. Py”. Embora pensado e proferido num contexto muito peculiar, não há qualquer indício de que a

“oração” traga elementos novos ou contraditórios com a atuação do Dr. Py em diferentes esferas diretivas do Grêmio.

Numa perspectiva mais ampla, os vínculos do Positivismo com o esporte e a Educação Física são bem conhecidos. Para um clube como o Grêmio que viveu intensamente a ascensão e derrocada do amadorismo no futebol, a presença de noções comteanas não deve causar estranhamento. Outros clubes, e o esporte como um todo, encontraram no pensamento médico-higienista e, por extensão, no Positivismo, um suporte teórico adequado.⁷²

De outro modo, o discurso do Dr. Py apenas ratifica determinadas filiações cuja procedência poderia ser detectada indiretamente. Se as premissas positivistas foram determinantes para o sucesso do Grêmio, especialmente até a década de quarenta, a recíproca também é verdadeira. Em outras palavras, a disciplina, a organização e as conquistas do Grêmio, invariavelmente atribuídas ao trabalho perseverante e à dedicação de seus atletas, dirigentes e associados, criaram um terreno apropriado para a disseminação de tais idéias.

Além de se constituir numa importante prova documental, o “credo do bom gremista” impressiona pela clareza e contundência das manifestações ali expressas mas, é forçoso admitir, a trajetória do Grêmio independe de sua existência, embora não se possa dizer o mesmo a respeito do Dr. Py. Sua nomeação como patrono e todas as manifestações daí decorrentes adquirem maior relevância quando cotejadas a partir do contexto gremista da época. Como já frisei anteriormente, o clube estava mergulhado numa verdadeira crise de identidade agravada pelos resultados negativos do time, se bem que, estes últimos, antes de serem a causa constituíam-se num sintoma daquilo que se passava nos bastidores.

Sem a retórica dissimulativa que notabiliza os dirigentes de clubes, Oswaldo Rola daria, anos mais tarde, um depoimento contundente e preciso do Grêmio daquela época.

O Grêmio estava muito mal, o Noronha - seu maior jogador - voltando da Seleção Brasileira e rebelando-se contra os dirigentes, o clube falindo, muitos associados até querendo que fechasse (...). E o Inter, ainda por cima, com um time que era muito bom (...). O Grêmio não tinha nem jogadores suficientes para fazer o time, de modo que tivemos [Foguinho era o técnico na época] até que colocar o “Seu”

⁷² Cf. Soares (1994), especialmente “Em nome da saúde do corpo social” e “A educação Física no Brasil: saúde, higiene, raça e moral”.

Gomes. (...) Acontece que no Grêmio ele era apenas “marrecão” (gandula)” (in: Dienstman, 1987:17).

Se este episódio tivesse se passado em um clube de segunda linha, ele seria apenas cômico. Como ocorreu no Grêmio, deve-se interpretá-lo como indicativo do caos político, administrativo e financeiro da época. Em razão desse contexto, os discursos de posse dos presidentes da década de quarenta - boa parte deles sequer conseguiu completar o mandato⁷³ - evocavam, invariavelmente, o “passado glorioso” e a necessidade de resgatar a “tradição” do clube. Nesta linha, a nomeação do Dr. Py e o poder que lhe fora outorgado tinham como objetivo reconduzir o clube ao trilho do qual se distanciara; ele era a pessoa-símbolo das “tradições” e das “glórias da família tricolor”. Se pairasse qualquer dúvida acerca disso ela seria redimida anos depois, mais precisamente em 1957, através de um pronunciamento de Martim Aranha.

Povo que não tem tradição não é povo, é um aglomerado passageiro. Assim, meus senhores e minhas senhoras, se hoje não tivéssemos, aqui, em plena Semana Tricolor, comemorando o 54º aniversário do glorioso Grêmio lembrando seu passado de glórias, evocando a memória dos que já nos deixaram e saboreando os feitos que enobrecem nossa gente, por certo, não justificaríamos a nossa razão de ser, nem tampouco teríamos mais alma ou força para gritar, a todo pulmão, dois símbolos de nossas tradições: Aurélio Py e Eurico Lara (Revista do Grêmio, nº11; ano II:9).

Pelo menos naquele 1946, a nomeação do patrono e a conseqüente mobilização extracampo, somada aos reforços trazidos do Rio de Janeiro, surtiram o efeito desejado e o Grêmio impediu o heptacampeonato gaúcho do arquirrival. Porém, no ano seguinte, seria novamente massacrado pelo Rolo Compressor e a crise se intensificaria outra vez. José Antônio Casa, eleito presidente no final de 1947, faz uma análise taxativa sobre a conjuntura política e administrativa do clube, algo não muito corriqueiro em se tratando do Grêmio.

(...) para afligir mais os inevitáveis problemas que se apresentam num Clube da projeção como o nosso, concorre também a constante ingerência prejudicial, direta ou indiretamente, de elementos

⁷³ A instabilidade administrativa era mais um dos sintomas mais evidentes da crise. No Grêmio havia uma “tradição” de continuidade nos postos políticos mais importantes, entre os quais o de presidente. Embora os mandatos fossem de apenas um ano, o próprio Dr. Py fora presidente em 9 oportunidades, e o Major Augusto Koch em outras 5, entre 1903 e 1930. Entre 1931 e 39, o Grêmio teve cinco presidentes diferentes. No mesmo espaço de tempo, entre 1940 e 1948, quando a crise foi mais intensa, nada menos de 11 nomes diferentes assumiram o Grêmio e, posteriormente, quando os problemas foram superados, entre 1949 e 57, apenas Saturnino Vanzelotti e Ary Delgado ocuparam o posto máximo. Nos anos mais intensos da crise, em 1942, por exemplo, 3 nomes diferentes passaram pela presidência e o mesmo iria se passar entre 1947 e 48 (História do Grêmio, nº 1-5).

desagregadores, os chamados “gremistas de fachada”, que se intitulam “próceres”, sem excluir também certos beneméritos que não honram a formação espiritual e esportiva que conseguiram no seio confortador da gloriosa família tricolor, e cuja eliminação se impõem imediatamente, a bem da ética e disciplina desportiva.

É constrangedor declarar que nos últimos anos, houve descuido e negligência - permaneceu-se no cômodo “laissez-faire” e não foram estruturadas as bases econômicas do nosso clube.

Penso portanto, que já se torna inadiável uma reação, mediante uma completa transformação em nossos velhos métodos (...) (Mosqueteiro, nº 5; ano I:2).

Romper com “nossos velhos métodos”? Quais deles, afinal? Polida e indiretamente, o novo presidente mostra-se cômico das contradições enfrentadas pelo clube.

Entendo que as conseqüências do profissionalismo transformou inteiramente o modo de se estabelecerem as relações, não só entre os clubes e os jogadores de futebol, como dos próprios clubes entre si, visto que são negócios a efetuar, deixando de haver cabimento para preocupações sentimentais ou para atitudes inspiradas em meros caprichos (idem).

Os caprichos e sentimentalismos aos quais José Casa se refere como causadores dos problemas do Grêmio não estão explícitos, mas pode-se deduzi-los facilmente. A segregação racial era um dos “caprichos” mas não o único dos “velhos métodos” que necessitavam ser urgentemente repensados. A “tradição” tornar-se-ia, daí por diante, o campo de batalha entre os conservadores e os reformistas. Para os primeiros, a noção de tradição englobava todo o passado do clube, suas conquistas dentro de campo, os procedimentos administrativos e os princípios morais que lhes davam suporte. Para os reformistas, muito mais pragmáticos, importava resgatar a hegemonia futebolística mesmo que para tanto fosse necessário extirpar alguns “sentimentalismos” considerados ultrapassados, dentre eles a crença nos valores do amadorismo.

Quando o Dr. Py justificou seu credo, ele simultaneamente definiu quem era o Grêmio.⁷⁴ Ao proceder desta forma, deixou claras algumas orientações seguidas pelo

⁷⁴ O “credo do bom gremista” pode ser lido como um texto clássico de asserção e razão: a primeira afirma - “creio no Grêmio” - e a segunda justifica - “porque...”. Com pequenos arranjos de ordem sintática, sem contudo provocar qualquer alteração de natureza semântica, pode-se abstrair de cada frase a) uma definição sobre o ser no qual se depositavam as crenças, neste caso o Grêmio e b) a afirmação de princípios que subsistiam independente da entidade a qual estavam associadas. Por exemplo, a frase “creio no Grêmio porque ele é um dos baluartes da grandeza esportiva do nosso querido Rio Grande do Sul” poderia ser decomposta em: a) O Grêmio é um dos baluartes da grandeza esportiva do (...) Rio Grande do Sul; e b) Creio na grandeza esportiva do Rio Grande do Sul. Para os propósitos deste trabalho e da

clube entre as quais devem ser destacadas a segregação racial - “(creio no) [o] Grêmio (porque), trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro - e a profissão de fé no amadorismo - “(creio no) [o] Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (porque) sempre foi, é e será um propugnador leal e honesto do esporte integralmente pelos esportes e para o esporte, com a finalidade bendita do aprimoramento físico e moral dos seus associados moços”.

Se o “credo do bom gremista” não era apenas um discurso oportunista, mas uma espécie de carta de princípios só formulada tardiamente mas desde muito vigente no Grêmio, e não há indícios para crer no contrário, pode-se afirmar que a nomeação do Dr. Py como patrono serviu apenas para protelar a crise. O hiato entre as novas exigências do profissionalismo e a crença reiterada no amadorismo apontavam um futuro pouco promissor para o clube. A necessidade de intercâmbio com agremiações de outros estados e o incremento dos negócios exigiam maior competitividade dos clubes e um dinamismo administrativo com os quais o Grêmio não estava habituado. Além de fechar suas portas para os negros, exigia de seus jogadores apego e dedicação. Só que o “amor ao clube”, a exemplo de Lara, Foguinho, Luis Carvalho e outros tantos já não era mais o mesmo. Os tempos eram outros, e o dinheiro tornara-se um mediador da relação jogador/clube, sendo o próprio “amor ao clube” proporcional ao valor dos salários. Criava-se um ambiente de desconfiança generalizada dos torcedores e dirigentes, especialmente destes últimos, em relação aos jogadores profissionais à medida que permaneciam enraizadas as noções do amadorismo, “do esporte pelo e para o esporte” e do *fair-play*. O verdadeiro desportista era alguém cujas atitudes se pautavam pela abnegação, entrega e superação; virtuosismos que, para os gremistas, eram incompatíveis com o dinheiro.

Embora o Grêmio não se reduzisse a um grupo restrito de dirigentes enredados em seus próprios egos, o rumo das discussões tornava-se cada vez mais preocupante, com o clube correndo sérios riscos de tornar-se moribundo. Como a trajetória do Grêmio e o próprio futebol haviam se consolidado no imaginário popular, esta hipótese era bastante remota. Se os “velhos métodos” e as antigas tradições contribuíam para aprofundar a crise ao invés de arrefecê-la, já estava na hora de produzir algo novo. As glórias do passado haveriam de ser lembradas, mas era necessário reinventar o Grêmio, atualizá-lo e, principalmente, popularizá-lo. Motivados pelos lucros de distinção e,

afirmação que exigiu esta nota interessa-me a decomposição “a”, ou seja, aquela que define o Grêmio da época, na perspectiva do Dr. Py e daqueles que o aclamaram patrono.

portanto, mais sensíveis à performance do clube, os “notáveis” foram se afastando, gradativamente, à medida que a crise de resultados se intensificava e o prestígio do Grêmio agonizava. O que, diga-se de passagem, não foi de todo ruim para o clube, antes pelo contrário. Já os torcedores, evidenciando um dos aspectos mais instigantes do pertencimento clubístico, davam mostras da intensidade da paixão pelo Grêmio mesmo em meio a crise.

4.2.2. A mobilização dos torcedores e o fim da crise

Com a chegada de Vanzelotti à presidência, definido por Dr. Renato Souza *como o grande presidente da história do Grêmio*, os ares do profissionalismo começaram a soprar mais forte na velha Baixada e, se me permitem uma ironia, quase puseram-na abaixo. Sabendo que os “caprichos da tradição” eram os grandes responsáveis pela crise de resultados, Vanzelotti tratou de extirpá-los de forma lenta e gradativa, “para não causar muito impacto” (Coimbra & Noronha, 1994:67).

A mudança da Baixada para a Azenha, com a construção do Estádio Olímpico, era uma medida admitida e saudada por todos e, sendo assim, o Conselho não se opunha. Já o fim da segregação racial teve de ser imposto, em 1952, à revelia dos ilustres conselheiros (ver “Grenal em preto e branco”, Cap. III). Antes disso, porém, o Grêmio haveria de protagonizar um dos episódios mais bizarros e deploráveis de sua história: a versão gremista do “pó de arroz”.⁷⁵

Aquele 1949 representou a primeira gestão de Saturnino Vanzelotti como presidente do Grêmio. Era o início de um doloroso processo (...) cujo objetivo principal era acabar com a norma dos estatutos que impedia o clube de incluir em sua equipe de futebol *atletas de cor*. (...) Mas o bem intencionado presidente sabia que não conseguiria derrubá-la com um chute de primeira, porque parte do conselho ainda mantinha fortemente enraizado o preconceito racial. Optou pela tática do “tanto bate até que fura” e aos poucos foi amorenando o time. O meio-campista Hermes, por exemplo, campeão naquele 49, era negro

⁷⁵ Foi como ficou conhecido o mulato Carlos Alberto e, em função dele, o próprio Fluminense do Rio de Janeiro. Para driblar os olhares obtusos da aristocrática torcida do Fluminense, Carlos Alberto usava pó de arroz no rosto e no cabelo. Flagrado pela torcida do seu ex-clube, o América, foi ridicularizado e, desde então, com ou sem Carlos Alberto, o Fluminense passou a ser “saudado” pelos torcedores rivais como “o clube do pó de arroz” (Mário Filho, 1965:42). É bom frisar ainda, que o episódio envolvendo o atleta do Fluminense ocorreu no ano de 1914, muito antes, portanto, do “pó-de-arroz” gremista.

e, por isso, vivia uma situação constrangedora. Os colorados que cruzavam por ele nas ruas perguntavam:

- O que você está fazendo no Grêmio, traidor da raça?

Hermes agüentava calado. Precisava de dinheiro para sobreviver e, além disso, gostava muito do clube. Sua atitude, inicialmente criticada e considerada submissa na verdade foi decisiva para que Vanzelotti pudesse aos poucos dobrar os mais preconceituosos de seus conselheiros. Estes, diante do fato inegável que era a presença de Hermes como ponta-de-lança titular, diziam que o jogador tomava muito sol e era, isto sim, *bronzeado* (Coimbra & Noronha:66-70).

Coincidência ou não, o “amorenamento” teve início no mesmo ano em que faleceu o Dr. Py. Não quero crer que tenha sido ele o único responsável pela insistência com a segregação mas, se não era contrário à inclusão dos negros, por que não se manifestou a respeito? Seja como for, o fim da segregação tornara-se irremediável, bem como a substituição das “antigas tradições”. Para tanto, era necessário que, além dos dirigentes, também os torcedores se mobilizassem e isto de fato ocorreu.

Neste processo de mobilização dos torcedores, que culminou com a reinvenção de algumas “tradições”, o hino do Grêmio ocupa um lugar de destaque. Nota-se o apreço que os torcedores têm por ele pela freqüência e pelo entusiasmo com que é cantado. A letra e a música são maravilhosas dizem os torcedores; foram compostas por Lupicínio Rodrigues e, afinal, trata-se do hino do “clube do coração”. Tudo isto é verdade, só que os torcedores de outros clubes também exaltam a beleza de seus hinos e, no caso dos clubes do Rio de Janeiro, foi ninguém menos que Lamartine Babo quem os compôs. Então, como compreender as razões pelas quais os gremistas têm um apreço diferenciado pelo hino do seu clube? Onde reside esta particularidade?⁷⁶

Todos os chamados grandes clubes do futebol brasileiro possuem, além das cores que caracterizam seus uniformes, uma série de símbolos com os quais podem ser identificados, dentre os quais se destacam os hinos, as bandeiras, distintivos, totens, entre outros.⁷⁷ Embora constantemente remodelados, os uniformes preservam as mesmas cores desde a fundação dos clubes e o mesmo se pode afirmar acerca das

⁷⁶ São perguntas difíceis de serem respondidas à medida que envolvem juízos de valores. Demonstrar o apreço dos gremistas é tarefa relativamente simples mas o mesmo não se pode dizer quando se afirma que eles apreciam mais seu hino que outros torcedores os seus. Se esta constatação é procedente, então deve-se tentar justificá-la. Minhas impressões de campo são decorrentes da comparação inevitável entre os torcedores gremistas e colorados e são partilhadas por jornalistas do centro do país cujo universo comparativo é bem mais amplo.

⁷⁷ A respeito da manipulação destes símbolos por parte das Torcidas Organizadas, especialmente dos animais que são operacionalizados como totens, ver “As marcas distintivas” (Toledo, 1996a:52-61).

bandeiras.⁷⁸ Os totens - animais, personagens de revistas em quadrinhos, santos, etc - são mais recentes e, alheios à tutela dos conselheiros, são inventados pelos próprios torcedores. Já os hinos datam do final dos anos quarenta e início da década seguinte. Em geral foram escolhidos através de concurso, como o do Internacional ou, no caso do Rio de Janeiro, Lamartine Babo os compôs em série - embora fosse flamenguista.

No caso do Grêmio, as datas coincidem, mas o processo foi bem diverso e talvez isto explique, em parte, o apreço diferenciado que os gremistas têm por ele. Poder-se-ia dizer que o Hino do Cinquentenário se impôs ao “oficial”, escolhido em concurso público no Cine Teatro Carlos Gomes, e as razões pelas quais isto ocorreu devem-se a verossimilhança entre a letra de Lupicínio e o contexto da época. Trata-se de uma espécie de invenção coletiva, tendo Lupicínio o mérito de ter juntado, em 1953, vários fragmentos que estavam na memória dos torcedores e combiná-los adequadamente.

Tudo começou muito antes, em plena crise de resultados, o que não implica, necessariamente, crise de pertencimento, como recorda Salin Nigri, na época bibliotecário e assessor de contabilidade do Grêmio.

Uma vez levamos dezoito vagões de trem lotados de torcedores a Novo Hamburgo (...).

Se conseguíssemos uns cinquenta ou sessenta torcedores, a Viação Férrea levaria toda a delegação de trem. Num iriam os jogadores, a direção, aquela coisa toda e se eu conseguisse uns cinquenta torcedores iria outro vagão. Aí, na segunda-feira eu saí com uma folha de papel almaço: - Arlei, vamos, vamos, não vamos; ah, então tá, eu vou! Bota aí: Arlei não sei das quantas. (...) Quando chegou na sexta-feira, tchê, começou a fazer fila lá na sede⁷⁹ do Grêmio prá comprá passagens prá ir a Novo Hamburgo (...). Prá te encurtar a história, tchê, de hora em hora eu telefonava pro cara da Viação e dizia: olha, mais um vagão (...) e a fila não acabava nunca. Foram dezoito vagões, com gente sentada e em pé às pampas. (...) Acho que foram mais de duas mil pessoas!

⁷⁸ No caso do Grêmio, o primeiro uniforme foi azul, havana e branco mas durou apenas um ano. Com dificuldades de encontrar havana no mercado local, este foi substituído pelo preto, mantendo-se as três cores que caracterizavam o “estilo inglês”. Neste aspecto, o Grêmio seguia um padrão adotado por outros clubes “de elite” do futebol brasileiro, dentre os quais, o Fluminense e o São Paulo. Após sucessivas mudanças, em que o Grêmio copiou o uniforme dos remadores, adotou, em 1929, as três listras verticais que ainda hoje identificam o clube; o que mudou de lá para cá foram o *design*, constantemente atualizado, e os chamados fardamentos reservas. Em relação às bandeiras, o Grêmio teve quatro, incluindo a atual. Exceto a segunda, que imitava a brasileira - veio à tona depois que o Grêmio venceu a Seleção do Uruguai em 1916 e teve de ser substituída, em 1944, por ordem do Conselho de Segurança Nacional - as demais não sugerem alusões a outras instituições. Cf. Nação Tricolor (Ano I, nº 1:14,36-7).

⁷⁹ Tanto o Grêmio quanto o Inter mantiveram, até os anos sessenta, sedes no centro de Porto Alegre. Era onde os associados se reuniam para discutir futebol, praticar jogos de salão, pagar as mensalidades e outras atividades afins. A sede do Grêmio ficava na Rua da Praia, esquina com a Caldas Jr., no edifício onde atualmente está o Correio do Povo.

O jogo amistoso foi realizado no início de junho de 1945, ano em que o “outro” chegaria ao hexacampeonato. Marcava a estréia de Beresi, um argentino buscado pelo Grêmio no Rio de Janeiro e isto explica, em parte, a mobilização dos torcedores. O sucesso da excursão, independente da vitória de 2 a 1 sobre o Floriano, representou o início de um processo de mobilização dos torcedores.

Na época com 19 anos, Salin saiu-se tão bem neste episódio que passou a reivindicar mais espaço e autonomia para organizar os torcedores. Segundo ele, o Grêmio se ressentia por não ter alguém como Vicente Rao, popularíssimo antes mesmo de ter sido eleito Rei Momo e chefe da torcida dos “outros”. Os dirigentes gremistas não se opuseram, embora tivessem ressalvas quanto às conseqüências de se entregar para uma pessoa tão jovem um cargo que exigia tanta responsabilidade. Armando Ciaglia, responsável pelo quadro social decidiu então efetivar Salin como chefe dos torcedores e Francisco Maineri, chefe de Salin;

(...) um cara que tinha uns quarenta anos, gordo, barrigudo (...) e eu logo vi que a intenção dele - Ciaglia - era pro cara esse me controlar, me cortar alguma bobagem que eu quisesse fazer. Aí eu comecei a fazer faixa no campo, papel picado, soltar foguete (...).

Querendo ou não, o Grêmio estava se popularizando e não era porque sua torcida ganhasse novos adeptos, mas pela forma inusitada com que passara a se comportar nos jogos. Muitos gremistas ilustres criticaram e outros tantos mostraram-se céticos quanto ao futuro carnavalesco da torcida. Para eles, aquilo era coisa da torcida do “outro”; o Grêmio era diferente, sem tanto estardalhaço. Prova disso é que o termo “torcedor” é pouco freqüente nas fontes letradas mais antigas do Grêmio, onde, em geral, aparece “associados e simpatizantes” ao invés de “torcedores”, como na atualidade. De outra parte, são freqüentes referências às “torcedoras”, como se coubesse a estas o papel de co-participação, agitação, enfim, aquilo que, nos dias de hoje, está a cargo das Organizadas.

Contrariando as expectativas, as faixas e foguetes tiveram grande aceitação do público e tornar-se-iam indispensáveis daí por diante. Atento, Vicente Rao percebeu a guinada gremista e, em tom sarcástico, confeccionou uma enorme faixa com a seguinte mensagem: “Imitando crioulo, hein?” (Revista Beira Rio 25 Anos, 1984:36).

Se a popularização era salutar, a comparação nem tanto; pior ainda era a acusação de “imitação”. Como sempre fora e permanece sendo, haveria de se orquestrar a diferença, por menor que fosse.

Ela surgiu mais por causa desse jogo do Beresi, dessa excursão de trem. Todo mundo falava, todo mundo comentava que a torcida do Grêmio era formidável: onde o Grêmio vai, a torcida vai junto. Naquela época não havia essas excursões de ônibus pelo interior e então era aquele negócio, todo mundo dizia: onde o Grêmio vai, a torcida vai junto, a torcida do Grêmio vai com o Grêmio onde o Grêmio for e tal (...). Daí é que estava caindo de maduro a faixa: “Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio” (Salin Nigri).

A estréia da faixa não foi muito animadora. Ocorreu no jogo de abertura do Campeonato Gaúcho de 1946 contra o Renner, cujo campo se localizava no final da Avenida Sertório, próximo à fábrica de A. J. Renner. O Grêmio perdeu por 4 a 2 com faixa e mosqueteiro juntos.⁸⁰ De qualquer modo, a faixa e o mascote acompanharam os torcedores durante todo o campeonato e, graças à conquista do Grêmio, acabaram sendo incorporados como ícones do clube. Em agosto daquele ano, o Grêmio voltaria a editar uma revista, como já o fizera na década de dez. A idéia não era nova mas o nome da revista - “Mosqueteiro” - comprovava o prestígio do mascote tricolor.

O mesmo ocorreu com a faixa, cujo êxito pode ser atestado nas controvérsias que se seguiram. Sua paternidade é disputada até hoje entre Salin Nigri e a família Obino. Um episódio de campo ilustra muito bem esta disputa e revela detalhes importantes sobre a relação torcedor-dirigente. Ao me despedir de Salin Nigri, no dia em que conversamos sobre a invenção do *slogan* gremista, este me solicitou, emocionado, para que eu confirmasse em meu trabalho que “Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio” era de sua autoria. Faço-o aqui não apenas como um gesto de reciprocidade, mas também porque outros gremistas daquela época confirmam a versão precedente.⁸¹

⁸⁰ Segundo Salin, o mosqueteiro foi mesmo invenção do chargista Pompeu, da Folha da Tarde/Correio do Povo. Antes mesmo de iniciar o Campeonato Gaúcho de 1946, disputado apenas pelos clubes de Porto Alegre, a Folha da Tarde já anunciava que, às terças e sextas-feiras, seriam publicadas as charges do Pompeu e fazia uma breve explanação sobre o enredo e o perfil dos personagens. Resumidamente, “O Casamento da Rosinha” era uma metáfora sexual na qual a Rosinha, “moça esbelta e vaidosa”, simbolizava o campeonato e, seus pretendentes, os clubes. Tinha o Zé Marmita, representando os colorados - “democrata cem por cento/quando surge o povo grita/Salve o Dr. Marmita”-, o Mosqueteiro, gremista - “esgrimista das palavras e da pelota” - e outros como o Seu Dindim, do Força e Luz - clube ligado à Companhia Carris, responsável pelos bondes - e o Seu Sertório, do Renner - um dos últimos “clubes de fábrica” do futebol gaúcho e também o último a vencer um campeonato estadual antes que a dupla Gre-Nal polarizasse a disputa; depois de 1954 apenas os dois “grandes” da capital saíam vencedores. O flerte da semana seguia de acordo com os resultados do domingo e, a medida que se aproximava o final do campeonato, a Rosinha voltava suas atenções apenas para Zé Marmita e Mosqueteiro; tendo, este último, seduzido a moça. Cf. Folha da Tarde entre 18/5/1946 e 1/10/1946.

⁸¹A paternidade do *slogan* poderia ser até negligenciada não fosse motivo de disputas e controvérsias. A versão de Coimbra & Noronha (1994) converge com a minha e isto se deve, em grande parte, ao fato de termos consultado a mesma fonte. Salin Nigri não nega a contribuição de Alfredo Obino - e não Flávio, seu sobrinho, como aparece em Coimbra & Noronha:64 - mas deixa claro que (...) *eu criei*

A consagração definitiva do *slogan* viria alguns anos depois, mais precisamente em 1953. Era domingo, 19 de abril e o Grêmio jogava à tarde contra o Força e Luz, na Timbaúva, bairro Santana. Lupicínio Rodrigues e um grupo de gremistas aguardavam a passagem do bonde que os levaria até o local do jogo, no Copacabana - um bar/restaurante situado na esquina das atuais avenidas Getúlio Vargas e Aureliano de Figueiredo Pinto, na Cidade Baixa, mas que há época ainda pertencia à Ilhota e era muito freqüentado por boêmios. Os bondes estavam em greve mas, “como bons torcedores”, deveriam seguir o *slogan* e estar “Com o Grêmio/Onde estiver o Grêmio”. Segundo Lupicínio Rodrigues Filho, Salin Nigri e outros tantos, o grupo começou a se impacientar até que alguém sugeriu que fossem todos a pé. Ato contínuo, Lupicínio tomou um papel qualquer e, sentado à mesa do Copacabana, deu forma aos fragmentos. Rumaram então para o Timbaúva cantando: “Até a pé nós iremos/para o que der e vier/mas o certo é que nós estaremos/com o Grêmio onde o Grêmio estiver.”

Gravado por João Dias, no ritmo da época, a “Marcha do Cinqüentenário” acabou substituindo uma antiga partitura para piano, cuja existência até mesmo os gremistas mais antigos desconhecem, e se transformou no Hino Oficial do Clube. É interessante notar como em seu refrão não há qualquer exaltação do clube, mas, antes, à fidelidade e ao desprendimento dos torcedores. Ao contrário da maioria dos hinos dos “grandes” do futebol brasileiro, em que aparece, logo no início, uma exaltação ao clube,⁸² no caso do hino do Grêmio, as dádivas são dirigidas aos torcedores; o “nós” aparece duas vezes no refrão do hino. Há uma certa dramaticidade em “até a pé nós iremos” e “mas o certo é que nós estaremos”, que nada mais é do que uma prova de

*e alguns dizem, não sei se é verdade, que no Rio este slogan já era usado pela torcida do América. Mas aqui no Grêmio a idéia foi minha e o Alfredo Obino só autorizou a compra da faixa; fui eu mesmo que escrevi e levei prá aquele jogo contra o Renner. Já Dienstmann (1987) afirma que a frase “foi instituída pelo dirigente Alfredo Obino (...) que mandou pessoalmente pintar a primeira faixa com o letreiro” (:81). Nesta versão, Salin figura como uma espécie de “porta-faixa”, um papel secundário e até certo ponto decorativo muito diferente daquele por ele reivindicado. Mais desconcertante ainda é a versão “oficial” do clube, publicada na História Ilustrada do Grêmio: “Alfredo Obino, entre outras iniciativas nas quais empregou a sua capacidade de trabalho, teve a seu favor a idéia de criar o *slogan* e mandar confeccionar a primeira faixa com os dizeres: ‘COM O GRÊMIO ONDE ESTIVER O GRÊMIO’, destinada a congregar a torcida gremista, missão confiada ao diretor desse departamento, Francisco Maineri (...) (nº 4:27). Como se percebe, Salin sequer é mencionado e isto lhe causa ressentimento; especialmente agora que, em razão de sua deficiência visual, só vivencia o Grêmio pelo rádio.*

⁸² No caso do Inter, por exemplo, toda a primeira estrofe é de exaltação ao próprio clube. “Glória do desporto nacional/Oh Internacional/Que eu vivo a exaltar/Levas a plagas distantes/Feitos relevantes/Vives a brilhar. /Correm os anos, surge o amanhã/Radioso de luz, varonil. /Segue tua senda de vitórias/ Colorado é das glórias/ Orgulho do Brasil (...). O hino do Corinthians segue a mesma linha: “Salve o Corinthians/ O campeão dos campeões (...)”; e o mesmo ocorre com o hino do São Paulo: “Salve o tricolor paulista (...)”. Já no hino do Grêmio, a menção ao clube fica restrita a uma das estrofes, enquanto nas demais e no refrão, exalta-se a pessoa do torcedor.

fidelidade ao clube, mesmo que as vezes esta paixão não seja correspondida, como no caso do Grêmio daquela época. Porém, nada pode ser mais expressivo daqueles tempos difíceis do que “para o que der e vier”, a rigor, a única frase que Lupicínio inseriu por conta própria no refrão. Nem precisava fazer mais e, diga-se de passagem, dificilmente alguém teria feito melhor do que o “poeta da *dor-de-cotovelo*” (Jardim, 1991:85-90). Como afirma Leite Lopes, “o sofrimento, tema comum ao amor a ao ato de ‘torcer’ por um time, acaba sendo uma ponte entre a música popular que canta a dor do amor e do futebol” (1994:83).

Paradoxalmente, o clube identificado com a Baixada da Mostardeiro, no Moinhos de Vento, estava, na véspera de seu cinquentenário, às voltas com a Ilhota, reduto negro e berço de seu rival. Não bastasse a contratação de Tesourinha, no ano anterior, o hino alusivo ao meio século de sua fundação havia sido composto num bar da antiga comunidade africana e por um de seus mais ilustres representantes.

Tanto Tesourinha como Lupicínio contribuíram decisivamente para reabilitar a *imagem* do Grêmio arranhada pelas acusações de racista e elitista. O primeiro tornou-se símbolo da derrocada dos “antigos caprichos”. Dentro de campo, a contribuição de Tesourinha foi apenas regular mas, do ponto de vista simbólico, a “cor que ele deu ao Grêmio” serviu como uma espécie de divisor de águas na história do clube. Embora não tendo o mesmo impacto de Tesourinha, a paixão de Lupicínio serviu como prova de que o Grêmio tinha inserção popular e, acima de tudo, de que em se tratando de racismo nem o rival era inocente. Tanto é verdade que os depoimentos de Lupicínio justificando seu pertencimento acabaram num dos painéis do Museu gremista.

Com o fim da segregação dos negros, a construção do novo estádio e a reinvenção das tradições, cujo hino ocupa um lugar central, que no Grêmio se processou, um tanto tardia e atribuladamente, a passagem do amadorismo para o profissionalismo e recriaram a idéia de clube no imaginário dos torcedores. Claro que os primeiros anos dos clubes, seus modelos administrativos, seus procedimentos para inclusão/exclusão de associados e simpatizantes e os padrões éticos e estéticos foram decisivos na construção de uma *imagem*, de uma identidade que, condensada na e pela tradição, são ainda hoje objeto de discussão. O que mudou, fundamentalmente, foi a noção de pertencimento clubístico. Enquanto nos primórdios esta noção se configurava através de relações face a face, tendo os clubes uma existência real, concreta, moldada à imagem e semelhança de seus partícipes, já na década de quarenta os clubes passaram a ter uma existência virtual cuja *imagem* passou a ser constituída, simultaneamente, em

espaços e tempos não necessariamente conectados e por pessoas e grupos não raro alheios à existência uns dos outros. A crise do Grêmio nos anos quarenta deveu-se, portanto, à intransigência de seus dirigentes para com as transformações no âmbito do próprio futebol.

A idéia de “família”, por exemplo, sofreu uma transformação radical, embora seja difícil precisar em que momento isto ocorreu, mas creio que foi ao longo dos anos cinqüenta e sessenta. “Família” ainda é uma expressão muito presente no cotidiano do clube, só que não mais para representar a totalidade dos “sócios e simpatizantes”, como fora até o final da década de quarenta, mas restrita aos conselheiros. No funeral do Dr. Fernando Kroeff, por exemplo, Dr. Paulo Odone Ribeiro (presidente do Grêmio no final da década de oitenta e, atualmente, deputado estadual pelo PMDB), fez inúmeras referências aos *ensinamentos deixados pelo Fernando à família tricolor*. A simples supressão do “Dr.” indica uma forma diferenciada de tratamento entre pessoas de status equiparado e atesta a atualidade da idéia de “família”. Mas repito, trata-se de uma noção restrita, em geral limitada aos membros do Conselho. De qualquer forma, uma noção laica da família burguesa, moderna, nuclear, cujos indivíduos e, neste caso pessoas, “se aproximam por sua semelhança moral e pela identidade de gênero de vida” e, portanto, constitutiva de um “corpo social único” bem distinto da diversidade do mundo social (Ariès,1981:178). Ou por outra, a “família” e sua “tradição” divergem, substancialmente, da heterogeneidade da nação-Grêmio. A tarefa de definir o Grêmio deixou de ser exclusividade de pessoas como o Dr. Py e o pertencimento clubístico é hoje professado em vários lugares, por grupos distintos e das mais variadas formas.

4.3. Pertencimento e êxtase coletivos

Embora o pertencimento clubístico seja “eterno” e os torcedores se reconheçam enquanto comunidade mesmo que dispersos no tempo e no espaço, este sentimento precisa ser atualizado de tempos em tempos. Para isto existem os jogos ou, se se preferir, os rituais disjuntivos, momentos de intensa sociabilidade através dos quais se reforça a coesão e o sentimento de pertença à nação, já não mais virtual ou imaginada, mas real e concreta. Como escreve Guibernau (1997), em relação aos rituais do nacionalismo,

nesses momentos, o indivíduo esquece de si mesmo e o sentimento de pertencer ao grupo ocupa a primeira posição. A vida coletiva da comunidade coloca-se acima do indivíduo. Através de simbolismo e

ritual, os indivíduos podem sentir uma emoção de intensidade incomum, que provém de sua identificação com uma entidade - a nação - que os transcende, e de que eles ativamente se sentem parte. Nessas ocasiões (...) ganham força e adaptabilidade, e são capazes de se empenhar em atos heróicos, bem como bárbaros (...) (:94).

Só que nem todo o jogo encerra estas características, o que equivale a dizer que nem todo o ritual é absorvente em sua plenitude. A propósito, o que faz um jogo ser absorvente? É difícil precisar e talvez a etnografia preste um grande auxílio.

4.3.1. “Para o que der e vier”: Grêmio *versus* Palmeiras

O Grêmio iniciou, em 1994, com a conquista da Copa do Brasil, uma fase de recuperação do prestígio que havia perdido três anos antes quando o clube foi rebaixado para a segunda divisão nacional. Na verdade, a conquista de 1994 foi importantíssima, pois reconduziu o Grêmio à disputa da Libertadores da América e serviu para afirmar uma política de renovação do time, dando preferência aos jogadores formados nas categorias de base do próprio clube. A “solução caseira” foi idealizada pelo então presidente Fábio Koff e seus assessores, objetivando a redução dos custos na montagem da equipe e, principalmente, privilegiando atletas identificados com a “camisa” do Grêmio. Esta estratégia sofreu alguns percalços no princípio mas, a médio prazo, produziu os resultados esperados. Embora taxado de “violento” pela imprensa do centro do país, o Grêmio foi acumulando títulos importantes na esfera regional, nacional e continental, impondo-se perante os adversários.

A cada conquista, o Grêmio reforçava um paradoxo - ao invés de diluí-lo - inerente ao próprio êxito. As vitórias eram explicadas, desde a comissão técnica até os torcedores, em função de atributos como o “amor à camisa”, a “solução caseira” e a “pegada”.⁸³ Isto pressupunha, nas entrelinhas, uma espécie de retomada da “tradição” e das “origens” do futebol gaúcho e, por conseguinte, do regionalismo e do passado (voltarei ao assunto no capítulo seguinte). O contraponto era o Palmeiras, representante da modernidade ou talvez, da pós-modernidade do futebol brasileiro. Em co-gestão com uma multinacional, a Parmalat, o clube paulista formou uma equipe “milionária”,

⁸³ O termo “pegada” denota certas características de ordem moral de uma equipe, entre elas: a solidariedade grupal; a persistência do princípio ao fim; a valorização do resultado acima do espetáculo; enfim, o coletivo sobrepondo-se ao individual e a busca da vitória quase que a qualquer preço - isto implica noções de sacrifício, perseverança, superação e outras tantas que, às vezes, vão de encontro ao *fair-play*.

contratando jogadores formados por outros clubes e que compunham a base do selecionado brasileiro. Os resultados foram imediatos embora circunscritos à esfera regional e nacional. A “academia palmeirense”, comparada aos tempos de Ademir da Guia e Leivinha, era comandada por Wanderley Luxemburgo e seus métodos de autoajuda e psicologia aplicada; as “últimas” do futebol brasileiro. Luiz Felipe, técnico do Grêmio, não estava menos preocupado com a “cabeça” de seus comandados, embora, para muitos, se valesse da velha e eficaz “pedagogia do grito”, bem de acordo com o legado de suas origens: a colônia italiana da serra gaúcha.

Esta breve resenha é suficiente para se entender por que Grêmio *versus* Palmeiras tornou-se, em 1995 e 96, um jogo absorvente; uma rivalidade até então inexistente ou menos densa e de natureza bem diversa do Gre-Nal. Transcendendo os limites do embate propriamente dito, Grêmio e Palmeiras passaram a mobilizar e confrontar uma gama extensa de valores éticos e estéticos e isto explica, em parte, a ansiedade e a exacerbação dos ânimos que marcaram a história recente deste enfrentamento. O jogo “de volta”, valendo vaga às finais da Copa do Brasil de 1996, foi um deles.

Foi uma semana “cheia” para os gremistas. Na terça-feira, o Grêmio enfrentou o América de Cáli, da Colômbia, no jogo “de ida” pelas semifinais da Libertadores da América; na sexta da mesma semana, o jogo “de volta” contra o Palmeiras, pela Copa do Brasil. A mobilização dos torcedores por parte dos dirigentes gremistas começou ainda na semana anterior e intensificou-se no domingo. Em programas das rádios e TVs locais, Zélio Ocksmann e Dênis Abraão se revezavam nos apelos tentando lotar o Olímpico nas duas partidas. A prioridade era o jogo contra o América pois, segundo eles, a Libertadores era mais importante que tudo o mais naquele momento e, supondo que os torcedores pensassem da mesma forma, a diretoria providenciou a redução no valor dos ingressos para o jogo contra o Palmeiras. A própria derrota por 3 a 1 no jogo “de ida” e um certo consenso diante da superioridade técnica dos paulistas fez crer, nos dirigentes, que esta era uma “guerra perdida” e, nesta perspectiva, a “batalha” não passava de um irremediável protocolo. A argüição financeira e utilitarista dos dirigentes tentava persuadir os torcedores sobre os lucros de se chegar às finais de uma Libertadores e a possibilidade de voltar a Tóquio, a “Meca” dos gremistas. Desconsideraram, porém, os elementos simbólicos subjacentes aos respectivos enfrentamentos.

Se pairasse alguma dúvida sobre o equívoco estratégico dos dirigentes e de alguns setores da imprensa, mais tarde repassados aos torcedores - *porque não seguiram a nossa orientação, o Grêmio acabou eliminado de ambas as disputas, quando deveria ter optado por uma delas, a Libertadores* - esta seria redimida já no jogo de terça-feira. A vitória por escore mínimo, quando se esperava goleada, foi apenas uma das frustrações daquela noite fatídica. Dentro de campo, o time deixava a desejar, errava passes e sequer parecia o Grêmio de outras jornadas, um time de “raça” e de “pegada”. Nas arquibancadas, menos de vinte mil espectadores, um terço do esperado, assistiu, literalmente, ao fraco desempenho do time.

A sexta, porém, foi memorável; não um jogo, mas uma batalha. Eu, que havia renunciado o equívoco da direção - valendo-me, para tal, do *feeling* antropológico agregado ao de torcedor - e decidira ir aos dois jogos para comprová-lo, não cheguei a me surpreender com o ânimo alterado dos torcedores que aguardavam o jogo entre Grêmio e Palmeiras; era simplesmente o oposto do que havia presenciado na terça. O estádio estava lotado, especialmente as gerais e, sendo assim, entrei nas cadeiras laterais, embora meu ingresso fosse para as arquibancadas. Mesmo nas cadeiras o público estava inquieto e isto se explicava, em parte, pelo expressivo contingente de torcedores habituados às gerais que para lá foram deslocados. Não se importando com a precariedade das acomodações, alguns foram tomando os espaços dos corredores verticais e outros tantos permaneceram em pé, no corredor horizontal acima das cadeiras.

O foguetório anunciou a entrada do time em campo e, quando este silenciou, pôde-se ouvir, em uníssono, os gritos de *Grêmio, Grêmio, Grêmio*. A entrada ritualística dos jogadores e a saudação habitual foi seguida pelo incentivo individual a cada atleta: *Danrlei, Danrlei, Danrlei* (...) gritavam os torcedores até que este se voltasse, com os braços elevados ou com os punhos cerrados, retribuindo a confiança dos torcedores. Do goleiro ao ponta-esquerda, passando pelo técnico e, naquele dia, até o presidente, todos foram ovacionados. Seguiram-se as vaias ao Palmeiras, os gritos de *ta-ra-do!* dirigidos a Luxemburgo - que há poucos dias havia sido denunciado por assédio sexual - e de *Djalmiinha, viaaado!*, o “eleito” naquela oportunidade.

O juiz, que já havia sido notificado, *ah, ah, ah, se roubá vai apanhá*, deu início ao jogo e este transcorreu como era previsto: uma enérgica disputa pelo espaço e pela bola, jogadas ásperas e lances de gol de parte a parte. Para os gremistas, que necessitavam da vitória por 2 a 0, o empate do primeiro tempo constituía-se num

péssimo resultado e seria ainda pior quando, logo no início da etapa complementar, um chute de longa distância que se encaminhava para as mãos de Danrlei, desviou, acidentalmente, num atacante palmeirense e a bola entrou mansamente no canto oposto. Fez-se um silêncio fúnebre; agora o Grêmio precisava fazer quatro e não apenas dois! Se em aproximadamente 150 minutos fizera apenas um, como poderia, nos 30 restantes, fazer quatro? A “guerra” parecia perdida mas a “batalha” ainda não, empatar e virar o jogo tornara-se questão de honra e isto ficou claro quando o silêncio deu lugar, não à temida vaia, mas ao coro de *olê, olê, olê, olê, Grêmio, Grêmio!*

A torcida pôs-se em pé e assim haveria de permanecer o restante do jogo. A bola foi posta no centro e, daí por diante, o time se desvencilhou daquilo que havia sido combinado nos treinamentos e no vestiário, lançando-se ao ataque de forma até certo ponto suicida. Parecia agora, atender às orientações da arquibancada. A estratégia deu resultado e, dez minutos depois, Jardel empatou a partida. Se alguém duvidasse da co-participação dos torcedores e da transferência de ânimo das arquibancadas para o campo, teria encontrado ali a prova em contrário. As advertências do tipo *senta! e olha o mijo!*, dirigidas àqueles torcedores que põem-se em pé equivocadamente ou tardam a sentar depois de um lance perigoso, quando todos levantam, deram lugar a outras como *vamo que dá!, vamo pegá junto! e a hora é agora!* Em pé, os torcedores pediam *mais um, mais um, mais um!* e, diga-se de passagem, foram atendidos.

Nova explosão nas arquibancadas e o que parecia impossível se tornara viável; nem era preciso ser muito entendedor para perceber que o time do Palmeiras estava completamente perturbado, os jogadores erravam passes óbvios e cediam espaço para os gremistas. A “batalha” estava ganha, não restava qualquer dúvida e a “guerra” poderia ser vencida, era questão de tempo. Fazer dois gols era quase impossível, mas com apenas um a classificação seria decidida nos tiros livres e ninguém apostaria num fracasso do Grêmio; a tranquilidade e a autoconfiança, fundamentais nesta modalidade de decisão, favoreciam os atletas tricolores.

O gol tão aguardado foi anotado e, com ele, a alegria desmedida, uma festa indiscriminável que, ato contínuo, transformar-se-ia em ira. O auxiliar, ao invés de correr para o centro do campo permaneceu estático, com a bandeira levantada, indicando impedimento. O árbitro, que já se voltara em direção ao círculo central, mudou sua trajetória, confabulou com o auxiliar e invalidou o gol. Os dirigentes e jogadores tentaram pressionar mas de nada adiantou e, o que é pior, não havia a quem e nem como recorrer da sentença. Nas arquibancadas, a euforia deu lugar à inconformidade e,

como neste caso o poder de uma pessoa sobrepõe-se ao desejo da multidão, não restava outra alternativa senão xingar: o juiz, a mãe dele, os jogadores do Palmeiras, os paulistas em geral, os que inventaram o impedimento, enfim, alguém deveria ser culpado. Um torcedor ao meu lado, percebendo que eu havia recolocado os fones de ouvido - com o volume máximo para poder ouvir alguma coisa - interpelou-me para ter certeza de que sua impressão não lhe havia traído. Quando lhe informei: *é, realmente tão dizendo que o gol foi legítimo*, tratou de comunicar aos seus parceiros a informação recebida e, lacrimejando, incorporou-se ao uníssono de *filho da puta, filho da puta (...)*.

Ainda restavam uns poucos minutos para serem jogados mas nada mais poderia ser mudado. O Grêmio “ganhou mas não levou”, frase antiga no futebol, e a revolta se estendeu com invasões de campo, agressões aos jogadores do Palmeiras, tentativas de linchamento do árbitro e de seus auxiliares, confrontos com a polícia e assim por diante. Além de assimilar a desclassificação havia o erro da arbitragem, uma dupla decepção que, dadas as circunstâncias, serviu para reforçar a coesão entre os torcedores e o pertencimento ao Grêmio.

A disjunção promovida pelo embate e, neste caso, a parcialidade da arbitragem - o video-tape confirmou que o gol foi mal anulado - serviram como pretextos para a exacerbação de opiniões mais genéricas, até certo ponto alheias ao futebol. A idéia de que “nós”, da periferia, não apenas os gremistas, mas os gaúchos como um todo, “fomos, estamos e seremos sempre roubados” poderia ser ouvida da boca de qualquer torcedor. Até o presidente Koff, tido como um *homem ponderado*, presidente do “Clube dos 13”, deu a entender que havia uma conspiração orquestrada para prejudicar o Grêmio. Chegou, inclusive, a conclamar o arquirrival para uma cruzada contra a *cartolagem* do centro do país, contra o poder econômico, a intromissão das multinacionais e assim por diante.

Se me perguntassem como foi o jogo, diria que foi absorvente. Acrescentaria, talvez, que não foi um jogo mas, reeditando uma metáfora, diria que foi uma “batalha” simulada. Aquela dimensão vertical da temporalidade enfatizada por Bachelard (1988), a descontinuidade que diferencia o ritual do cotidiano pôde ser vivenciada intensamente naquele jogo. A riqueza simbólica de Grêmio vs. Palmeiras, a experiência do êxito e do fracasso, do possível e do imaginável, noções primordiais de hombridade e lealdade e, acima de tudo, o poder e a fragilidade do coletivo - apoiando o time e sendo vítima do equívoco da arbitragem, respectivamente - transcenderam o jogo propriamente dito.

Nessas circunstâncias o futebol pode ser considerado mero pretexto e o pertencimento clubístico uma forma particular de vivenciar a alteridade. O “outro” pode ser o torcedor adversário, aquele que se alegra com a “nossa” desgraça, mas pode também ser o torcedor ao lado, que se revela mais ou menos agressivo ou indignado do que se pressupunha. O coletivo, seu poder coercitivo e a legitimidade que empresta a atitudes individuais muitas vezes impensadas fora deste contexto - xingamentos, agressões, etc - afloram sentimentos que podem causar estranhamento ao próprio sujeito que as manifesta.

4.3.2. “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”: Palmeiras *versus* Grêmio

Só em 1996, Grêmio e Palmeiras se enfrentaram em seis oportunidades. No início da temporada, em jogo amistoso no Parque Antártica; nos jogos “de ida e volta” pelas semifinais da Copa do Brasil - um dos quais foi descrito anteriormente; outro pela fase classificatória do Campeonato Brasileiro, no Olímpico e, finalmente, outros dois pelas quartas-de-finais deste mesmo certame.⁸⁴ No primeiro jogo, em Porto Alegre, o Grêmio venceu de virada por 3 a 1 e, de acordo com o regulamento, poderia perder por escore mínimo no jogo em São Paulo que ainda assim passaria à fase seguinte da competição. Apesar do risco - ninguém duvidava que o Palmeiras pudesse vencer por dois ou mais gols de diferença o jogo “da volta” - os gremistas lotaram cinco ônibus, com torcedores “organizados” e alguns “independentes”, para acompanhar o time na capital paulista.

A saída do Estádio Olímpico, em ônibus fretado, estava marcada para as 17 horas mas acabou atrasando em mais de três. Os contratemplos ocorreram com a torcida Super Raça, com a qual eu havia acordado minha inclusão. Quando cheguei ao local combinado, fui informado que dois ônibus, com a Torcida Jovem, haviam partido há um bom tempo; outro, com torcedores de várias facções que não dispunham integrantes suficientes para ter exclusividade - Máquina Tricolor, Força Azul e Garra Tricolor -

⁸⁴ Ao todo foram três vitórias palmeirenses, todas em São Paulo, e, no Olímpico, um empate e duas vitórias tricolores. O Palmeiras eliminou o Grêmio da Copa do Brasil, no primeiro semestre e, no segundo, sucedeu o contrário. Na somatória, o Grêmio anotou oito gols e o Palmeiras nove. Já em 1995, ocorreram sete confrontos tendo havido três empates, os paulistas venceram três e os gaúchos apenas um jogo. O Grêmio marcou dez e sofreu treze gols. Apesar da nítida superioridade estatística, a combinação de resultados acabou favorecendo os gremistas que eliminaram os palmeirenses, em confrontos diretos, da Copa do Brasil e da Libertadores da América daquele ano. Em 1997 houve apenas um jogo, pelo campeonato brasileiro, vencido pelo Palmeiras por 5 a 1.

estavam embarcados e, finalmente, os torcedores da Super Raça, estavam *empenhados*, pois um dos ônibus contratados não apresentava condições de enfrentar a longa viagem. Delmar e Gil, presidente e vice da Raça, já tinham decidido que com aquela *porcaria* não viajariam de forma alguma: ou a agente que o contratou providenciava a troca ou parte dos torcedores teriam que desistir da excursão, uma situação dramática que acabou se resolvendo de forma satisfatória.

Em meio à indignação e à ansiedade, críticas contundentes eram dirigidas à direção gremista, em especial ao diretor do Departamento Eurico Lara, ao qual as Organizadas são vinculadas.⁸⁵ Para Gil, que mais tarde ratificaria estas críticas, o Sr. Paulo estava aconchavado com Nilson, presidente da Jovem, e isto era evidente, segundo ele, à medida que os ônibus destinados aos “outros”, *como sempre, eram os melhores*. De mais a mais, o Diretor que *deveria ser o último a embarcar, depois de tudo conferido e organizado, foi um dos primeiros a sair*. Após solicitar que eu e Alexandre Pretsel, repórter da Rádio Gaúcha, averiguássemos o tal ônibus para testemunhar seu péssimo estado, fez um extenso relato de outros episódios nos quais a Raça havia sido preterida.

É sempre assim - dizia ele. A Jovem sempre é favorecida por este sujeito que não tem gabarito para o cargo que ocupa. Me respondam: este ônibus tem condições de chegar em São Paulo? Não, não chega nem até a ponte do Rio Mampituba, na divisa com Santa Catarina (...). Ele devia estar aqui mas, ao invés disso, está bem longe, tomando seu whiskynho numa boa (...). A Raça sempre é prejudicada, eles têm ciúmes da gente (...) eles não conseguem admitir que a Raça é a melhor, que bota mais gente no estádio, que vota prá presidente (...). Na próxima reunião com a diretoria vou botar os podres prá fora; vocês são testemunhas - dirigindo-se a mim, ao repórter e a outros torcedores que não faziam parte da Raça. Este cara vai ter que se explicar pro Miguelão! [Secretário-Geral do grêmio, tido com um homem “sem meias palavras”] (Gil, 40 anos, atual presidente da Super Raça é carioca, vascaíno no Rio e militar).

As divergências entre as Organizadas, neste caso a oposição entre a Raça e a Jovem, apenas reafirmava uma constatação já observada através do comportamento destas durante os jogos. A segmentação das diferenças e a produção de identidades

⁸⁵ Uma das diferenças fundamentais entre as Organizadas de São Paulo e as de Porto Alegre é que enquanto lá as Torcidas possuíam autonomia, antes de serem proibidas de frequentar os jogos, aqui elas são vinculadas aos clubes, sendo inclusive subsidiadas por eles. O desconto no preço dos ingressos é uma prerrogativa que nenhuma das Torcidas do Grêmio quer perder. Em contrapartida, o Clube tem legitimidade para intervir sempre que julgar necessário evitando, à medida do possível, a polícia e, por extensão, a presença do Estado. Assim, o Grêmio pode exercer um controle rigoroso determinando o que é certo e errado, instituindo punições e, acima de tudo, preservando sua *imagem*.

contrastivas segue uma lógica mais ampla, endêmica ao próprio futebol. À medida que se formam grupos de torcedores a partir da totalidade que os engloba, certas marcas diacríticas vão perdendo sua capacidade de distinção e outras tantas tendem a ser engendradas. “Nós, os gremistas” por oposição aos “outros”, sejam eles pertencentes a outras “nações” ou simplesmente alheios às predileções clubísticas, perde sua eficácia distintiva pois, no âmbito das Organizadas do Grêmio, “todos somos gremistas”. Nem mesmo as diferenças entre “nós, das Organizadas” e os “outros, que não são” é suficiente para demarcar a identidade desses grupos de torcedores. “Nós, da Raça”, ao contrário “deles, da Jovem”, é apenas mais uma segmentação que, a rigor, é seguida por “nós, da Raça que viajamos com o Grêmio” e os “outros, da Raça, que não viajam”. Estas segmentações de natureza estrutural podem ser ilimitadas, mobilizando códigos e pertencimentos até certo ponto aleatórios - de bairro, colégio, gosto musical, e outras tantas afinidades exógenas ao clube do coração e ao futebol.⁸⁶

Para provar que a Raça era, efetivamente, diferente da Jovem, Gil foi intransigente com um dos torcedores que pretendia viajar com a torcida embora não pertencesse a ela. Tão logo os torcedores do primeiro ônibus da Raça foram embarcados, Gil fez-lhes uma breve e contundente preleção sobre como deveriam se comportar: pediu respeito para com aqueles que não pertenciam à Organizada e, portanto, não quisessem participar das brincadeiras; solicitou que se evitassem os *palavrões*, depredações do ônibus e, principalmente, *nada de bebida alcoólica ou baseado*. *A Raça é uma família e devemos mostrar nossa educação, até porque tem jornalistas - eu seria um deles - e outras pessoas viajando com a gente - no outro ônibus, chefiado por Delmar, iriam apenas componentes da Raça.*

Meia hora depois, se tanto, enquanto aguardávamos a substituição do tal ônibus, um murmúrio transformou-se em algazarra: *Báh, tem um bebum no bus do Gil! Ih, o cara vai se ferrá, o Gil vai botá ele prá fora!* Realmente, João Luis bebera, em parceria com alguns integrantes da Raça, meio litro de Natu Nobillis e adormecera, a esta altura com o rosto coberto de creme dental. Gil entrou, despertou João Luis e o fez desembarcar. Devolveu-lhe o dinheiro da passagem e sentenciou: *tu não viaja mais com a Raça! Eu tinha avisado (...)*. De nada adiantaram os apelos desesperados de João Luis - *eu só quero ver o meu Grêmio!* -, suas reiteradas desculpas e o *lobby* que tentou organizar. Gil não retificou sua decisão e, quando já estávamos saindo da cidade, ainda

⁸⁶ Cf. tb. Toledo (1996a).

vimos João Luis nos ultrapassar em um táxi que, supostamente, o levaria à rodoviária; foi uma espécie de despedida, com acenos de parte a parte. Muitos se solidarizaram com o transgressor mas ninguém ousou contestar a decisão do chefe da delegação. Este, apesar da intransigência no episódio João Luis, mostrar-se-ia um líder carismático entoando os cânticos de guerra da Raça e o hino do Grêmio assim que tudo foi resolvido. Estávamos a caminho de São Paulo.

De hora em hora, até a madrugada, Pretsel entrava na programação da Rádio Gaúcha indicando o lugar onde nos encontrávamos e colocando os torcedores “no ar”. Sossego só ao amanhecer. Um breve repouso depois que os jovens torcedores foram tomados pela exaustão e, por volta das duas horas da tarde, estávamos chegando à metrópole paulistana; para a maioria, desconhecida e misteriosa: *que tamanho não devem ter os shoppings?* Em cada janela esvoaçavam bandeiras ou camisas do Grêmio, em outras, braços acenavam aos transeuntes e os mais atrevidos expunham-se da cintura para cima. *Fora porco imundo/o tricolor é campeão do mundo!* - era o coro predileto.⁸⁷ À medida que nos aproximávamos do Morumbi, a comunicação com os que estavam na rua se intensificava. Muitos, provavelmente corinthianos, santistas ou são-paulinos, retribuíaam os acenos com gestos de solidariedade, enquanto outros, certamente palmeirenses, dirigiam-nos obscenidades; e havia ainda os indiferentes, com seus olhares desdenhosos.

Mesmo os que conheciam razoavelmente São Paulo não tinham a noção precisa de como se chegava ao local do jogo, de tal forma que acabamos surpreendidos pelo bombardeio de paus e pedras em meio à sirene da polícia e aos gritos de *uh, vai morrê! Uh, vai morrê!*. Tínhamos chegado. Dentro do ônibus, os xingamentos deram lugar ao medo, à insegurança e à indignação; sentimentos que se intensificaram quando, conduzidos até uma rua cercada por muros e residências - uma espécie de curral - onde se encontravam os demais ônibus que integravam o comboio. Quase todos haviam sido hostilizados e um ônibus só não foi tombado graças à ação repressiva da tropa de choque.

⁸⁷ Popularizado pelos torcedores adversários em razão do comportamento agressivo da Mancha Verde, a mais numerosa Organizada do Palmeiras, o porco foi incorporado - “domesticado” - aos símbolos do clube na tentativa de neutralizar as alusões indesejadas. Na verdade, *fora porco imundo/o tricolor é campeão do mundo* trata-se de um xingamento instituído pelos são-paulinos, tricolores e campeões mundiais assim como os gremistas. Ao enunciá-lo os gremistas estavam, simultaneamente, 1) “agredindo” os palmeirenses; 2) regozijando-se de uma conquista que “eles” não têm; e, o mais importante 3) incitando uma rivalidade local.

Antes mesmo de desembarcarmos, um dos comandantes do policiamento anunciou que ninguém poderia entrar no estádio com emblemas que identificassem as Organizadas, qualquer que fosse; máquinas fotográficas, rojões e assim por diante. *Não haverá separação entre as torcidas e, portanto, tratem de não fazer provocações; não nos responsabilizamos pela integridade de vocês!* O pânico foi geral, especialmente entre aqueles que não pertenciam às Organizadas: *onde é que eu fui me metê? Tivessem me avisado teria ficado em casa, o jogo vai dar na TV! A polícia não pode tratá a gente assim (...). Estes paulistas são uns selvagens, só tem marginal e depois dizem que nós é que somos mal educados!*

Os integrantes das Organizadas partilhavam o desabafo embora fizessem questão de dissimular o medo; alguns, inclusive, entre a valentia e o despropósito, ensaiaram um contra-ataque verbal mas foram imediatamente repreendidos pela maioria. Na verdade, os membros da Raça, da Jovem e das outras Torcidas ressentiam-se do golpe duplo pois, além de serem impedidos de se manifestar verbalmente, a proibição das vestimentas características de cada subgrupo como que destituiu-lhes a máscara. Abruptamente, todos haviam se tornado gremistas ou melhor, apenas gremistas.

A caminho do Estádio, escoltados pela polícia, cada qual tratou de se proteger dos objetos arremessados pelos palmeirenses. Não foram muitos, porque a PM reprimiu com veemência o mínimo flagrante e isto era, paradoxalmente, reconfortante. A PM não estava assim tão alheia às hostilidades dos palmeirenses, mas, para quem tem por hábito xingar os policiais, era até certo ponto constrangedor sentir-se protegido por eles. “Pente fino” na entrada e finalmente nos dirigimos às arquibancadas e, por determinação da PM ou não, nos posicionamos rente a uma das quatro divisórias do anel superior do Morumbi. Não havia como reivindicar melhores acomodações e, embora acossados, estávamos protegidos, à esquerda, por uma cerca e, à direita, não mais que três ou quatro PMs observavam, de cacete em punho, a aproximação dos palmeirenses.

Como os xingamentos não se constituem apenas numa modalidade de manifestação mas numa espécie de necessidade a ser expressa a qualquer custo, os gremistas, impossibilitados de hostilizar os palmeirenses, passaram a xingar os colorados. Havia sim um torcedor ostentando, ao longe, uma camisa vermelha e isto foi o pretexto para, metonimicamente, suscitar a idéia de uma “nação” rival que, mesmo à

distância, deveria estar se locupletando com “nossa” angústia. A noção de comunidade imaginária tinha ali uma prova incontestável.

Se os colorados estavam presentes virtualmente, os palmeirenses constituíam-se numa ameaça real e isto ficou claro lá pela metade do primeiro tempo. O Grêmio controlou o ímpeto inicial do Palmeiras e passou a contra-atacar. Num desses lances, a bola chutada por um atacante gremista desviou num zagueiro palmeirense e foi em direção à linha de fundo. O goleiro Veloso tentou evitar o escanteio mas não pode fazê-lo a tempo; o bandeira assinalou o tiro-de-canto e o goleiro protestou, atitude que lhe rendeu uma advertência. Os gremistas se empolgaram e iniciaram o coro tradicional: *Velooso, viaado!* A resposta foi imediata, primeiro um murmúrio generalizado que logo se transformou em *uh, vai morrer! Uh, vai morrer!* Os palmeirenses se puseram em pé e houve uma tentativa de nos encurralar mas a PM os conteve. Os gremistas se repreenderam uns aos outros e dali por diante jamais voltariam a incitar o time, jogadores ou torcedores adversários.

O jogo terminou 1 a 0 e desta vez foi o Palmeiras quem “venceu mas não levou”. O estádio foi esvaziado, primeiro os palmeirense e só então os gremistas. Na saída muitos torcedores cumprimentaram a atuação da PM com rasgados elogios e até apertos de mão. Foram retribuídos com sorrisos agradecidos embora se pudesse perceber um certo cinismo neste gesto. Fomos novamente xingados na rua: *uh, uh, uh, gremista (gaúcho) é pau no cu! Óla, óla óla, no sul só tem boiola! Uta, uta, uta, em Porto Alegre só tem puta!* Nenhuma reação, a única preocupação era sair, o mais rápido possível, do território inimigo.

Contrariando a chegada festiva e provocativa, a saída de São Paulo foi apreensiva e silenciosa; vitimados pelo estresse físico e psíquico, a maioria adormeceu e somente algumas horas depois, num posto de gasolina é que a tranqüilidade foi recobrada. Quem pôde ligou para casa avisando que estava a salvo - embora os familiares sequer imaginassem as adversidades enfrentadas - e saber quais as imagens dos torcedores gremistas haviam sido editadas pela TV, qual rede e quem podia ser identificado.

A noite foi calma e apenas na manhã seguinte é que se iniciaram as narrativas e a reconstituição detalhada dos episódios. As proezas pessoais, sempre muito valorizadas no grupo, praticamente inexisteram e, assim sendo, logo se passou à leitura dos jornais adquiridos no caminho. Atenção centrada no noticiário esportivo, no futebol, nas fotos, manchetes e, principalmente naquelas cujos torcedores fossem o alvo da reportagem.

Primeiro veio a indignação com os jornais de São Paulo, a “Folha” e o “Estadão” - diziam que o time de pior campanha na fase classificatória, o Grêmio, havia passado adiante, uma injustiça (...) -, depois com “A Notícia”, um jornal de Joinville que, devido ao padrão *standard* foi confundido com a Folha de São Paulo. Finalmente pôde-se comprar o Zero Hora - *agora me sinto em casa* dizia Irene, uma senhora de meia idade que acompanhava o filho de 12 anos - e com ele nova frustração: apesar dos elogios à façanha do time, sequer uma linha sobre os contratemplos enfrentados pelos torcedores. Apenas uma reportagem sobre o assessor do presidente que fora agredido e tivera a clavícula fraturada; *é, dos almofadinha eles falam! Alguém já viu esse cara na torcida?*

Porto Alegre nos recebeu indiferente na tarde de segunda-feira. Os porto-alegrenses tinham mais o que fazer para se preocupar com as vozes roucas, quase emudecidas, que buscavam não apenas manifestar seus pertencimentos mas um gesto, qualquer que fosse, de reciprocidade à aventura, ao heroísmo daqueles que estiveram com o Grêmio onde esteve o Grêmio.

Nem só de paixão clubística vivem esses torcedores. O gosto pela aventura e a possibilidade de conhecer outros lugares, outras pessoas, por mais hostis ou indiferentes que elas se pareçam, torna esta experiência ainda mais excitante. Rafael, 14 anos, boy, o mais franzino dos que não estavam acompanhados pelos pais é um exemplo deste espírito ousado e despreendido. Ele viaja, *sei lá! Porque é legal! Dá prá conhecê um monte de coisa a fudê. Bagunça com a galera, entendeu? É tri!*

O “estar lá”, “para o que der e vier”, como diz o hino do Grêmio, além de se constituir numa experiência peculiar, torna esses torcedores diferentes dos demais, dos que “ficam aqui” e principalmente dos que, mesmo torcendo por um clube, jamais perdem a noção da realidade e do cotidiano. Além da visibilidade e do prestígio que se adquire, vai-se construindo uma história, uma biografia pública que, embora circunscrita à Organizada - quando muito extensiva ao clube e, em caos excepcionais, ao futebol - nem por isso deixa de ser valorizada. Participar das Organizadas é ir à sede da Torcida, ao Estádio, às excursões; é partilhar determinados códigos - verbais, gestuais, visuais, etc -, marcas que atestam a diferença; pichar muros, namorar, formar novas amizades. Trata-se, antes de mais nada, de uma forma de sociabilidade concreta, no presente, de relações face a face. Por um lado, pouco se difere de outras tantas redes de pertencimento. De outro, recria uma idéia de associacionismo, *gremiu* ou *club*, intrínseca a emergência do futebol mas que foi se transformando ao longo de sua

popularização e de outras tantas transformações na esfera mais ampla da sociedade. Neste particular, as Organizadas e outros grupos de menor visibilidade - desde a reunião de amigos que, a cerveja e churrasco, assistem o jogo pela TV, até o botequim lotado, pelos mesmos motivos - constituem-se numa espécie de contraponto à noção de comunidade imaginada, dispersa no tempo e no espaço.

4.3.3. “Ao vencedor as batatas”: Flamengo *versus* Grêmio - parte I

Grêmio e Flamengo criaram uma forte rivalidade ao longo dos anos oitenta. Ambos acrescentaram, aos respeitáveis cartéis regionais, títulos nacionais, continentais e intercontinentais. Enfrentaram-se inúmeras vezes tendo, inclusive, disputado a final do Campeonato Brasileiro de 1982, vencida pelo Flamengo em pleno Estádio Olímpico.

Este “clássico” sempre despertou interesse por confrontar dois estilos de jogo tidos como diametralmente opostos. De um lado, o Flamengo, caracterizado pelo toque de bola e por jogadores habilidosos, “malandros”, no melhor “estilo carioca”. De outro, o Grêmio, um time guerreiro e de muito vigor físico, representando os gaúchos que, para uns se aproxima do estilo europeu e, para outros, dos uruguaios e argentinos (ver próximo capítulo). Sendo que, para cada diferença existem várias explicações, muitas delas calcadas na formação étnica e na “índole” de gaúchos e cariocas, Grêmio e Flamengo, quando se confrontam, põem em jogo noções que transcendem o tempo e o espaço do futebol.

Foi o que ocorreu na última decisão da Copa do Brasil, em 23 de maio de 1997. No primeiro jogo, no Olímpico, houve empate sem gols e a decisão ficou para o Maracanã, dois dias depois. Desta vez permaneci em Porto Alegre; assisti ao jogo pela TV, na Casa de Estudantes das Faculdades de Agronomia e Veterinária, periferia da cidade e depois percorri as principais ruas onde, costumeiramente, ocorrem as comemorações. O jogo foi tenso e apresentou inversões no placar, favorecendo, ora o Grêmio, ora o Flamengo. A cada gol, a vibração era intensa: primeiro dos gremistas depois, em duas oportunidades dos colorados - naquela ocasião *flamenguistas desde pequenininhos* - e, finalmente, outras duas explosões tricolores: no gol de empate e no apito final. O Grêmio conquistava, num breve espaço de seis meses, seu segundo título nacional - em dezembro de 1996 vencera o Campeonato Brasileiro.

A cidade foi tomada pelas cores azul, preta e branca. Em sinaleiras e congestionamentos, o *buzinaço* e o *foguetório* punha os habitantes das cercanias às janelas de seus apartamentos; nas avenidas menos movimentadas jovens tresloucados dirigiam em alta velocidade. Em quase todos os cruzamentos e bares, uma pequena multidão completava o cenário festivo. Os carros buzonavam e as pessoas retribuía com acenos, ou vice-versa, independente de idade, cor, credo ou filiação político-partidária. Bastava não ser colorado para partilhar a festa.

À frente de casas noturnas freqüentadas por jovens de camadas médias, como é o caso do Opinião e do Dado Bier, a movimentação era intensa. Muitos de seus freqüentadores, que haviam assistido ao jogo num “telão”, permaneceram no local, enquanto outros tantos rumaram para a Avenida Goethe. Se a festa tinha um centro, um lugar preestabelecido para o qual os gremistas deveriam se dirigir caso conquistassem o título, este lugar era a Goethe e adjacências. Lá a comemoração não tinha hora para acabar. Os acessos estavam congestionados e as ruas e canteiros centrais tomadas por gremistas, jovens e adolescentes na grande maioria. Alguns eufóricos, de caras pintadas ou enrolados na bandeira do clube auxiliavam a compor o espetáculo, enquanto outros acompanhavam à distância, como se ali estivessem para presenciar as performances pessoais e coletivas. Em meio aos gritos de *Éh! Tri-cam-peão!* e do refrão do hino do Grêmio, havia uma novidade: adaptando *Ah! Eu tô maluco!* dos *funkeiros* cariocas Claudinho e Bochecha, que logo tomou conta dos estádios brasileiros, os gremistas gritavam: *Ah! Eu sô gaúcho!*

Os gremistas na rua revelavam os vínculos indissociáveis entre o pertencimento clubístico e a vida pública. Deve-se destacar o fato de, nas comemorações, mesmo não havendo qualquer tipo de orientação para tal, as pessoas serem como que impelidas para fora de suas casas subvertendo as noções habituais de espaço e tempo. Até mesmo o estádio deixa de ser, temporariamente, o “pedaço” dos futebolistas, à medida que estes tomam conta dos bares, ruas, praças e assim por diante. A madrugada, geralmente tida como o tempo do repouso e do silêncio transforma-se em algazarra e agitação. Claro que nem todos participam da festa mas isto não implica que esta perca legitimidade. Hoje ela é dos gremistas, amanhã será dos colorados e quem não se enquadrar em nenhuma destas “nações” não terá outra alternativa senão a resignação diante dos eventuais transtornos. Quem vence passa de englobado a englobante e a cidade dos porto-alegrenses é, durante algum tempo, dos gremistas ou colorados. Não satisfeitos com as carreatas e confraternizações imediatamente após às conquistas,

pintam o meio fio, o dístico do clube no meio da rua e vestem o Laçador, símbolo da cidade, com as cores dos clubes. Nem todas estas manifestações são bem vistas, embora seus contestadores raramente encontrem motivação para tal. Seria, antes de mais nada, admitir publicamente o ressentimento e isto contraria uma regra, segundo a qual, a experiência exitosa deve ser partilhada - ela se completa na coletividade - enquanto a derrota, a desilusão e o sofrimento são sentimentos para serem vivenciados, preferencialmente, na esfera privada.

O centro das manifestações torna-se também o da cidade, dos acontecimentos e das atenções. Aqueles que desejarem exhibir adereços exóticos, serem filmados ou entrevistados quando o Grêmio conquistar seu próximo campeonato devem se dirigir à Goethe; ela se tornou um ponto de referência das confraternizações tricolores. As razões desta escolha podem ser creditadas à concentração de bares que existe naquele local. Pode mas não deve ser tomada como a única justificativa, pois existem, na cidade, outros locais com características similares. Como os bares da Goethe atraem jovens de camadas médias e altas e, o Grêmio, supõe-se, possui forte inserção entre elas, a escolha estaria pautada pelo denominador econômico; refletiria também, uma faceta elitista dos torcedores gremistas. Não é uma hipótese despropositada; a primeira asserção é verdadeira embora a segunda seja desmentida pelos dados estatísticos. Indagar aos torcedores de pouco adianta e quando o fiz obtive respostas óbvias: *é pra cá que vem a galera (...), é aqui que a galera se junta (...), aqui a festa vai até tarde (...)*. Soma-se a estas justificativas certa aleatoriedade na primeira escolha que, em virtude do sucesso, teria se transformado em “tradição”. No entanto, o fato do Grêmio ter jogado meio século no Fortim da Baixada, onde hoje é o Parcão e cuja Goethe é seu limite à leste, constitui-se num dado no mínimo curioso. Os poucos que conhecem o passado do Clube parecem não dar a esta coincidência muita importância e ninguém soube me responder quem foi Luiz Carvalho, ídolo gremista nos anos trinta e cujo busto está no cruzamento da Mostardeiro com a Goethe. De qualquer modo convém registrar que, o atual centro das festividades gremistas foi, até a década de cinquenta, a “casa” do Grêmio.

Os gremistas eram maioria esmagadora também em outros pontos da cidade, como no Cavanha's uma lancheria da Perimetral, no limite do centro com o bairro Cidade Baixa. Só que, ali, a dinâmica era outra. Havia um clima de euforia entre os freqüentadores mas nada que pudesse ser comparado à Goethe. Enquanto garrafas vazias se acumulavam sobre as mesas, discutia-se os principais lances do jogo, a

performance individual e coletiva das equipes, as táticas empregadas pelos treinadores e outros temas ligados ao futebol. A conquista era manifesta verbalmente, através de enunciados que sugeriam pequenas teses. O público de meia idade e o fato do Cavanha'a ser freqüentado por muitos funcionários públicos, bancários e universitários explica, em parte, o gosto pelas abstrações e a discursividade como forma de sociabilidade criadas pelo futebol.

Na manhã seguinte, muitos torcedores foram receber a delegação no aeroporto Salgado Filho. Tão logo o Boeing 737 taxiou, já se observava a bandeira do Grêmio, empunhada por Paulo Nunes, tremulando por uma das janelas da cabina do comandante. O capitão Mauro Galvão foi o primeiro a descer exibindo o troféu conquistado e, enquanto a delegação gremista desembarcava pela frente, os demais passageiros faziam-no pelo fundo. Raul Pont, prefeito de Porto Alegre, entregou ao presidente do clube as chaves da cidade e, em seguida, a comitiva se dirigiu ao carro de bombeiros que os conduziria até o Olímpico. O cortejo rumou para o centro e, como acontecera dois anos antes, quando o Grêmio conquistou a Libertadores da América, o trânsito ficou completamente congestionado. A caminho do Estádio, sem passar pelo palácio Piratini como acontecera em 1995 - agora o governador estava às voltas com uma greve do magistério e outras polêmicas -, os jogadores e dirigentes eram saudados com papel picado e gritos de *Ah! Eu sô gaúcho!* No Olímpico, aproximadamente oito mil pessoas, segundo levantamento do Correio do Povo (24/05/97), saudaram a entrada do carro de bombeiros. Era o reencontro dos jogadores com a torcida, a cidade e o lar: o Estádio Olímpico.

Antes de se recolherem à concentração, lugar de onde haviam partido três dias antes, os jogadores ainda fizeram a "volta olímpica", a última cena do reencontro. Tão logo foi concluída, os torcedores iniciaram a dispersão - exceto a *tietagem* - e as reportagens "ao vivo", que tomaram conta das duas principais emissoras de rádio-jornalismo da capital, a Gaúcha e a Guaíba, deram lugar à programação normal. Era como se a festa estivesse chegado ao seu final e com ela a idéia de temporalidade cíclica. O time iniciaria em breve a participação em outras competições, os torcedores voltariam para o cotidiano e a cidade, enfim, tinha sua ordem restabelecida. Concluía-

se, com a volta olímpica dos jogadores e a exibição do troféu, o ritual festivo que suscitara uma ruptura no tempo.⁸⁸

4.4. Nos bastidores do Grêmio

Enquanto para a maioria dos torcedores o clube se constitui numa entidade virtual, para outros, ele faz parte do cotidiano. Não me refiro aos funcionários, uns identificados com o clube outros não, mas sim àqueles que mesmo não exercendo cargos remunerados prestam serviços à instituição. Nesta categoria se enquadram os dirigentes e conselheiros que desempenham funções político-administrativas; os consules,⁸⁹ representantes do clube no interior do Estado, em diferentes cidades do Brasil e do exterior; os consules escolares,⁹⁰ com atuação mais restrita a seus respectivos colégios; os chefes de Torcidas Organizadas e outros tantos *gremistas atuantes*. Alguns têm seus direitos e deveres previstos no estatuto enquanto outros atuam de acordo com seus próprios critérios. Entre os que têm ou não legitimidade para se manifestar *em nome do clube* há um limite tênue e isto tende a gerar muitas controvérsias.

A diferença entre os *gremistas anônimos* e os *gremistas ilustres* - como sugere o vídeo “Grêmio: coração e raça”, dirigido pelo cineasta gaúcho Carlos Gerbase, filho do ex-presidente José Gerbase - cria uma “fronteira simbólica” (Velho, 1981:16) dentro da própria nação-Grêmio. Ocorre que, para passar de indivíduo a pessoa é relativamente simples, à medida que torcer por um clube de futebol está ao alcance de todos, no caso brasileiro, praticamente se nasce com esta *máscara*. Porém, como a nação-Clube de futebol é extremamente heterogênea, estabelecem-se hierarquias por *grupos de status* cujo objetivo principal é a produção de diferenças. Sendo assim, para agregar status à noção de pessoa, que nada mais é do que a passagem de *gremista* à *Dr. (gremista)*

⁸⁸ A festa teve também um saldo trágico com o assassinato de dois torcedores gremistas em circunstâncias confusas: um deles foi baleado na rua, sem que o autor dos disparos tenha sido identificado, e outro foi morto por um vigilante numa festa com futebol e *rock* realizada no SESC (ZH, 25/5/97).

⁸⁹ O cargo de consul foi instituído pelo presidente Balbino Ermida em 1944. Atualmente o Grêmio possui em torno de 350 representantes no interior do Estado, 50 em outras cidades brasileiras e outros 50 no exterior.

⁹⁰ Os consules escolares, em menor número, concentram-se em Porto Alegre e nas cidades próximas. Em geral, estão vinculados a escolas particulares, como atesta o Iº Concurso de Redação - “Como é bom ser gremista” - organizado pelo Consulado Escolar: apenas colégios particulares participaram da promoção.

Fulano de tal, existem certas exigências que demandam um esforço considerável, especialmente se esta passagem for galgada no interior do próprio clube.⁹¹

Em geral, os *ilustres* são indivíduos com prestígio reconhecido em outras esferas da sociedade, especialmente na política e na economia e, portanto, são aproximados do clube, não raro por terceiros, em virtude daquilo que podem oferecer à instituição. Eles emprestam dinheiro, legitimidade, poder e dedicação, alguns mais, outros menos, em troca de mais status e visibilidade do que já possuem.

4.4.1. Os cónsules gremistas

Os cónsules gremistas constituem casos paradigmáticos para se entender a passagem do anonimato à condição de ilustre, à medida que se encontram a meio caminho. Podem ocupar uma posição de destaque na cidade onde representam o Grêmio, especialmente nas pequenas e médias. Entretanto, estão “em baixa” na cotação da diretoria do clube pois, até bem pouco tempo, tinham livre acesso às cadeiras numeradas mas, recentemente, foram literalmente rebaixados para as sociais, sob protestos, evidentemente.

De acordo com as “normas para funcionamento da ‘representação consular’” os cónsules e vice-cónsules “são lídios representantes do Clube entre os adeptos e sócios em suas cidades”. Além de organizar excursões à capital em jogos importantes eles promovem jantares de confraternização - para os quais o clube faz-se representar por algum membro da diretoria e dois ou três jogadores -, organizam carreatas, telões e outras atividades. O Consulado Pradense, de Antônio Prado, por exemplo, arrecadou mais de seis mil peças na campanha do agasalho em 1996 e elegeu, com mais de três mil votos, o jornalista Paulo Sant’ana como o gremista “nota 10”. Todavia, a realização do concurso Garota Tricolor é dentre todas, a atividade que mais tem mobilizado os cónsules.⁹²

⁹¹ Este rápido enquadre para explicar a diferença entre *gremistas anônimos* e *gremistas ilustres*, a partir de categorias mais amplas, não tem a pretensão de seguir, *pari passu*, o modelo dumontiano (1992) explicitado pela oposição hierarquia/individualismo, nem mesmo sua reelaboração para o contexto das “sociedades complexas”, como aquele forjado por Duarte (1986). Um estudo detalhado no contexto das nações-clubes de futebol a partir da teoria de Dumont exigiria uma etnografia específica, o que foge aos objetivos deste sub-capítulo. De qualquer forma, devo deixar claro que a leitura de Dumont, Duarte, e outros que abordam o mesmo tema, foi extremamente útil na organização dos dados etnográficos que dizem respeito ao “cotidiano do Grêmio”.

⁹² A final da IIª edição do Garota Tricolor reuniu trinta representantes de diversos municípios do interior e da região metropolitana. A disputa realizou-se por etapas com seletivas locais e micro-regionais

Para Seu Paiva, chefe do Departamento Consular, 73 anos, militar da reserva e sócio-proprietário desde 1946, a IIª Edição da Garota Tricolor realizada em 1996 *serviu para mostrar a diferença entre os cônsules atuantes e aqueles que só estão interessados no título*. Seu Paiva admite que o Departamento estava desorganizado até dois anos atrás, *quando fui chamado para pôr ordem na casa*. Segundo ele, *de lá para cá muita coisa mudou mas a estrutura ainda é precária (...)*. O maior problema até nem está no Departamento em si mas na impossibilidade do Clube fiscalizar a atuação dos cônsules no interior. Para o Cônsul de Bento Gonçalves,

o clube deveria dedicar mais tempo e atenção aos Cônsules. O potencial do Grêmio no interior é fantástico. O torcedor do interior se entrega de corpo e alma ao clube. É preciso aproveitar melhor este entusiasmo todo.

Parece-me que são poucos os cônsules que se dedicam realmente. Há que haver maior participação de todos. Não basta ser Cônsul, é preciso merecer tal distinção.

No Concurso Garota Tricolor, por exemplo, houve pequena adesão de Cônsules, pelo que o referido concurso não teve o desempenho e o brilho que merecia (...) (Paulo João Nichetti, 48 anos, economista e cônsul há 28 anos).

Valdecir de Moraes Laus, *fui Patrão de CTG em diversas cidades, radialista - comentarista esportivo -, coordenador de campanha política [PMDB], gerente de banco, etc*, segue o mesmo raciocínio. Segundo ele, os cônsules deveriam passar por

uma seletividade maior, com melhor avaliação, escolhendo pessoas que queiram ajudar sem interesses ou vaidades e sejam integrantes da comunidade.

Ser Cônsul do Grêmio, acima de tudo, significa um gremismo intenso, sólido, participativo, voluntário e desejoso de ajudar a diretoria (Empresário, 54 anos; foi indicado pelo Cônsul de Restinga Seca em 1975 e exerceu o cargo em outras cidades como Barros Cassal, Arroio do Tigre, Silveira Martins, Sertão, entre outras).

O gremismo ao qual se refere Valdecir não implica dedicação ao clube sem o devido retorno. De acordo com o princípio da reciprocidade, ser cônsul do Grêmio

(...) é uma honra. Uma grande distinção. A família se orgulha muito e a comunidade respeita a posição do Cônsul, especialmente os gremistas que vêem no Cônsul o legítimo representante do Grêmio e até como símbolo de gremista (João Paulo Nichetti).

até se chegar à final realizada em novembro de 1996. Foi vencida por Janaína Krug, representante de Dois Irmãos.

Guido Spengler, 47 anos, industrial, primeiramente cônsul em Santa Rosa e atualmente em São Leopoldo, observa que, enquanto a família o vê como um gremista distinto, as comunidades reconhecem nele um *líder esportivo* - em seu *currículun* inclui-se a participação na Campanha do Cimento para a qual os gremistas de Santa Rosa doaram o valor equivalente a mil sacas do produto visando a conclusão do Olímpico, em 1978. Luiz Carlos de Araújo, do Consulado Pradense, representante comercial, 42 anos e no cargo há 4, vai mais longe. Ser cônsul, para ele, *significa a honra de representar o Clube do meu coração, não só na minha cidade mas em qualquer parte do mundo.*

Além dos lucros de distinção alguns cônsules se beneficiam economicamente, de forma indireta, do título que ostentam. Lino Bruschi, bancário aposentado e vice-cônsul em Santa Maria desde 1995, afirma que o Cônsul daquela cidade, proprietário de uma loja de móveis, (...) *é favorecido até na atividade comercial. A pessoa se torna conhecida; por ocasião de jogos importantes a televisão procura para dar entrevistas (...). A loja também se torna um ponto de encontro dos gremistas e acaba vendendo mais.* João Paulo Nichetti também uniu o útil ao agradável e, no ano passado em parceria com o irmão, inaugurou a “Tudo Azul Artigos Esportivos Ltda”, *uma loja voltada para a venda exclusivamente de artigos com a marca Grêmio.* Através dela, continua, *temos prestado muitos serviços ao torcedor daqui de Bento e da região.*

Todos os anos ocorre, próximo ao aniversário do clube, 15 de setembro, a Convenção do Conselho Consular, que, no ano de 1997, contou com a participação de 130 representantes de várias cidades do interior do Rio Grande do Sul, do Brasil e até do Exterior. Na abertura dos trabalhos foi cantado o hino do Grêmio e, na seqüência, foi composta a mesa diretiva, com a participação de vários dirigentes, estes sim, pessoas importantes. Dr. Dênis Abraão, vice-presidente de Assuntos Extraordinários, abriu a Convenção e depois de uma breve explanação - tinha compromissos particulares - sobre a fase atual do time, que estava de mal a pior, abriu espaço para perguntas; *só perguntas, vamos tentar ser objetivos.*

D^a Ivone, vice-consulesa de Uruguaiana, foi a primeira a ocupar o microfone e fez uso dele em várias outras oportunidades. Trazia consigo um roteiro de sugestões, relatos e indagações, *uma pesquisa corpo-a-corpo com os torcedores de Uruguaiana e,* sem muito constrangimento, foi logo questionando o trabalho da diretoria, como a

venda de jogadores importantes, a condescendência diante das fracas atuações dos jogadores Zé Alcino e Rivarola, entre outros.

Seguiram-se outros depoimentos, questionando por que não eram destituídos os cónsules *não-atuantes*; pedidos de desculpas pela não participação no concurso Garota Tricolor, do Cónsul de Santa Cruz; relatos de ocorrências, como fez o vice-cónsul de Gravataí, exigindo explicações por que os jogadores não foram na seletiva da Garota Tricolor, enfim, uma série de protestos, relatos e até exibicionismos.

O mais prestigiado de todos os cónsules foi Max Powarczuk, residente em Portland, Oregon, e saudado como o “cónsul do Grêmio nos EUA”. Gaúcho de Erechim, vive nos EUA desde 1965 e afirma que, mesmo não sendo o futebol um esporte muito popular naquele país, com as credenciais de cónsul participa de *várias atividades importantes como convidado*. De mais a mais, *ser cónsul ajuda nos negócios, as pessoas olham pro cara de outro jeito, com mais respeito*.

A convenção, que tinha término previsto para o meio-dia, acabou se estendendo até as duas da tarde e, do Salão Nobre do Conselho, os cónsules seguiram para um almoço de confraternização nas dependências do próprio Olímpico. Embora os cónsules não desfrutem do mesmo status dos dirigentes, estes sim, verdadeiros ilustres, o título que lhes é conferido permite uma distinção clara em relação aos demais torcedores. De qualquer forma, ascender nas hierarquias internas do clube é muito dispendioso, tanto é verdade que apenas uns poucos conseguem chegar ao posto de conselheiros, à “verdadeira família gremista”.

4.4.2. Tia Dalva e Dona Ema

Elas não são consulesas, mas o status que adquiriram no Grêmio e através dele certamente inveja muitos cónsules *atuantes*. Cada qual a seu modo e, diga-se de passagem, ocupando posições distintas, ambas se tornaram conhecidas de quase todos os que freqüentam o dia-a-dia do Olímpico, sendo recompensadas por isso. Enquanto os cónsules aproximam o Grêmio de outras cidades, deslocando-o no espaço, Tia Dalva e D^a Ema contribuem para fixar a idéia de que o clube tem uma sede; elas não apenas vivem o Grêmio como o fazem no próprio clube. Esta noção de “viver” no clube, de fazer dele a segunda casa, contrasta com a noção de “representar”, muito presente entre os cónsules.

D^a Ema, formada em Administração de Empresas e ex-diretora do Departamento Municipal de Limpeza Urbana, frequenta os jogos do Grêmio desde os tempos de solteira, nos primeiros anos do Olímpico. Chegou a participar dos “Chás das Senhoras Gremistas”, um grupo de mulheres cujos maridos exerciam cargos diretivos. *Meu amor ao Grêmio era tanto que este tipo de reunião não me satisfazia, eu tinha vontade de fazer mais por ele (...), algo concreto, entende?* Como voluntária, começou organizando a lavanderia: *tinha muito desperdício por falta de racionalização das máquinas (...) e a relação custo/benefício acabava trazendo prejuízos; aproveitei minha experiência administrativa e os resultados foram excelentes.* Contudo, não era bem este o tipo de contribuição ao qual D^a Ema pretendia se dedicar. Afastou-se durante algum tempo e retornou quando o Grêmio sagrou-se Campeão da Libertadores em 1983.

Os torcedores vinham aqui prá ver o troféu, alguns vinham de longe, só prá isso. Só que no Grêmio ninguém sabia dizer onde ele estava e quando sabia nem sempre os torcedores podiam chegar até lá, na sala do presidente, do conselho, etc. Então tive a idéia de criar uma sala para exposição, juntar outros troféus que estavam atirados por aí, sem conservação, alguns no almoxarifado e os mais bonitos ou importantes nas salas dos vice-presidentes; tinha até briga prá ver quem ficava com eles. Expliquei minha intenção prá alguns diretores e eles concordaram. O Dr. Bittencourt, o Tio Bitenca, como nós chamamos, por exemplo, há muito tempo tinha idéia de formar uma biblioteca, como o Grêmio tinha antigamente no centro da cidade (...).

Comecei praticamente sozinha, tirando pó, lustrando, etiquetando, colocando em ordem e enviando alguns prá conserto. (...) Quando viram que a coisa era prá valer, contrataram uma estagiária que entendia do assunto e mandaram mais funcionários prá ajudar no trabalho braçal (...). Tu não imaginas minha satisfação quando a Sala de Troféus ficou pronta! Eu queria mais, queria botar fotos antigas, quadros, tem verdadeiras relíquias por aí (...). Não deu, faltava espaço e tal. Meu trabalho foi muito elogiado e a sala era muito visitada (...). Daí, em 1989, na época do Paulo Odone na presidência, esta segunda parte foi inaugurada.

Eu quero mais espaço porque não tem mais onde colocar os troféus, tá tudo empilhado (...), cada vez que precisa tirar o pó é uma trabalhadeira danada e na ora de colocar de volta eles acabam ficando fora de ordem. Às vezes vem gente querendo ver um troféu desses mais antigos e nós temos dificuldades de encontrar. Só que o museu não tem verba. Todos dizem que ele é o cartão de visitas do Grêmio - diz isso visivelmente emocionada - só que quando precisa alguma coisa, uma reforma, um ar condicionado e tal, tenho que sair por aí implorando (...). Eu entendo que o futebol é a coisa mais importante do clube mas eles - referindo-se aos dirigentes - poderiam ser mais atenciosos. Se a lojinha Grêmio Mania, aqui do lado, tem ar

condicionado, por que aqui também não pode ter? Tenho pena de quem trabalha aqui no verão (...).

O trabalho de Dona Ema redundou, entre outras distinções, em sua indicação para o Conselho Deliberativo. Ela é uma das três mulheres que fazem parte deste seleto grupo de gremistas. Diz que não se interessa muito pela política interna e faz questão de se ater ao espaço do Museu.

Não gosto nem de subir lá pra cima - setor administrativo -; sempre tem fofoca. É uma ciumenta danada, tem coisas que eu prefiro nem ficar sabendo (...). Gostaria que as coisas fossem diferentes mas acho que é assim em todo o lugar. O Grêmio que eu aprendi a gostar é outro, um sentimento quem vem de dentro, então eu prefiro ficar no meu canto e simplesmente ignorar essas picuinhas.

Diz também que não percebe retaliações pelo fato de ocupar espaços importantes num universo dominado pelos homens. Evoca sua experiência nos tempos da prefeitura, onde ocupou cargos de chefia, e afirma que isto se tornou uma constante em sua trajetória. Admite, no entanto, que no Grêmio sempre desempenhou funções tidas como tipicamente femininas. Foi secretária do Conselho, organizou a lavanderia e, a própria administração do museu, segundo ela, não afronta o predomínio masculino e a mantém distante das finanças, do patrimônio e do futebol, a mais importante e cobiçada de todas as vice-presidências.

Entre uma viagem à Europa e outra aos Estados Unidos, a ordem do museu não chega a ser abalada, embora a ausência de D^a Ema seja muito sentida. Ela e o museu são praticamente indissociáveis e, a partir desta constatação, perguntei-lhe se não teme que no futuro isto possa resultar na interrupção dos trabalhos em razão de um afastamento mais prolongado ou definitivo. Responde-me que esta é uma possibilidade remota, ao menos por enquanto, e seus inúmeros projetos são prova disso.

Que o Museu é sua segunda casa não resta a menor dúvida. Eu mesmo almocei várias vezes em sua companhia na mesa que, no horário de expediente, havia utilizado para manusear documentos, fazer registros e atividades afins. Quando lhe falta tempo e acumula tarefas, leva-as para casa. O fato de um quadro estar fixado naquele e não noutro lugar pode ter sido idéia de Melissa, Fernanda, Michele, Edson, Bira - a equipe do museu - e até do Seu Bordin - jornalista aposentado e historiador do Grêmio -, mas certamente foi D^a Ema quem deu a palavra final. Revistas ou documentos importantes até podem ser emprestados ou consultados, desde que D^a Ema autorize. Isto

evidentemente lhe dá poder, especialmente de uns tempos para cá, quando o museu passou a ser ponto de referência para quem deseja obter informações sobre o passado do clube; jornalistas do centro do País e até do exterior, eu mesmo e muitos curiosos dependemos dos arquivos e da disponibilidade de D^a Ema.

Não creio, contudo, que sua dedicação e sua busca tenha como única finalidade o poder do qual desfruta; nada que possa ser comparado a um vice-de-futebol, por exemplo, embora não deva ser menosprezado pois, com a mesma disposição que “abre portas”, pode fechá-las. Desde meu primeiro contato fiquei impressionado com o resultado de seu trabalho - especialmente se comparado ao museu colorado -, entusiasmo e acima de tudo, por ter-me dito que aquilo era fruto de seu amor pelo Grêmio. Com a convivência, fui percebendo o retorno deste empenho através do prestígio que ela desfruta. Mas isto não é tudo. O fato de se manter em atividade e exercer influências subverte sua condição de aposentada, de alguém que deveria abandonar a vida pública. Nesta perspectiva, se não estivesse militando no Grêmio provavelmente estaria noutra instituição, numa entidade beneficente qualquer. Contudo, ela própria admite, só o Grêmio pode lhe proporcionar a justa recompensa pela sua dedicação; um retorno calcado na subjetividade e na emoção de quem se satisfaz mais com o tanto que pode oferecer sem se preocupar com o pouco que muitas vezes recebe em troca, uma das tantas facetas do pertencimento clubístico.

Já Tia Dalva, embora aposentada, não desfruta das mesmas prerrogativas que a condição econômica permite a Dona Ema. Mora na periferia e, não fosse o passe livre para os idosos, provavelmente não estaria quase todos os dias no Olímpico. Seu traje simples, a fala e o próprio corpo atestam sua origem proletária e estabelecem diferenças incontestáveis em relação a Dona Ema. Enquanto indivíduos são muito diferentes mas, como torcedoras, podem ser aproximadas. Se Dona Ema faz do Museu sua segunda casa, Tia Dalva faz o mesmo do pátio do Estádio Olímpico; a primeira tornou-se conselheira em razão de sua dedicação ao clube, enquanto a segunda, pelas mesmas razões, conquistou uma “cadeira cativa”, o que lhe permite ver o jogo lá de cima e não mais das arquibancadas, como nos tempos em que participava da Super Raça, para *ganhar o ingresso*. Tia Dalva não tem placa alusiva por serviços prestados ao Grêmio mas freqüentemente é procurada pela mídia como uma espécie de torcedora-símbolo.

Conheci Tia Dalva no museu, numa tarde em que ela se preparava para posar, junto a sua coleção de camisas presenteadas e autografadas pelos jogadores, para a revista Nação Tricolor. Cada camisa tinha uma história, havia sido conquistada em

circunstâncias diferentes e doada por atletas e ex-atletas do clube, em sua maioria ídolos entre os torcedores. Tia Dalva exibia-as com orgulho e isto se acentuava à medida que muitas crianças e adolescentes, em visita ao museu, faziam-lhe perguntas e se mostravam admiradas diante da sua condição de torcedora privilegiada.

Presenciei a seção de fotos, no gramado do Olímpico e, tempos depois, soube que a Revista não as tinha publicado. Marcelo, um dos editores da Nação Tricolor, disse-me que as fotos não foram bem feitas e por esta razão não puderam ser editadas. Tia Dalva que havia, inclusive, comprado a revista, estava desapontada. Tinham criado expectativas e agora restava-lhe a frustração. Aproveitei a circunstância para agendar a “entrevista” que já havíamos combinado em outras oportunidades: deveria ser em sua residência para que eu pudesse conhecer o restante da sua coleção de artigos do Grêmio.

No dia e hora marcados, fui até sua casa, mas, alegando problemas de doença na família, disse-se que não estava em condições de conversar. Nos encontramos outras vezes no pátio do Olímpico e, em determinada oportunidade, ela ofereceu-se para atender minha antiga solicitação. Marcamos outra data mas, novamente, ela não apareceu. Entre estes e outros tantos desencontros, ouvi Tia Dalva ser entrevistada no rádio e a vi na TV. Pensei então que seu comportamento arredo derivava da diferença entre o retorno do rádio e da TV e aquele que eu poderia lhe proporcionar. O fato de não atender outras solicitações suas, muito freqüentes, mesmo que indiretas, como por exemplo, *ajudazinha prá comprá rancho* e conseguir *um emprego pro filho*, contribuíram para que a tal “conversa” jamais se realizasse. Compreendi que o comportamento dela com relação a mim não diferia da relação paternalista e até certo ponto interesseira que estabelecia com outros torcedores e mesmo com jogadores e dirigentes do Grêmio.

Revisei meus procedimentos de campo e as estratégias que vinha utilizando. Por fim, decidi que não mais insistiria na tal “entrevista”, supondo, antes de mais nada, que Tia Dalva não estava disposta a concedê-la; não seria o primeiro e nem o último despiste de pessoas das quais tentara me aproximar. Se havia sido conivente com a justificativa de alguns dirigentes - em geral, falta-lhes “tempo” - por que haveria de insistir com Tia Dalva? Além do mais, outro torcedor que freqüenta os treinos e a conhece de longa data fez-me perceber, nas entrelinhas, que eu estava sendo ingenuamente ludibriado. Entre outras coisas, não via razão alguma para Tia Dalva

despertar interesse, especialmente *porque todo mundo tá de saco cheio dela por aqui* (F., 20 anos, assíduo freqüentador do Olímpico).

Sabia que ela xingara uma criança que entrou no museu com a camisa do Inter; que os vigilantes estavam impacientes com seu vaivém em espaços interditos aos torcedores e de uma discussão que teve com outro torcedor. Entretanto, não poderia imaginar que sua presença se tornara tão inconveniente a ponto de ser espancada.

Tão incompreensível quanto a agressão sofrida por Tia Dalva - vitimada por um sujeito corpulento e fujão - foi constatar que boa parte daqueles que presenciaram o episódio pouco se importaram com o mesmo. Depois de socorrê-la, tentei investigar como e por que tal fato ocorrera. Tia Dalva, aos prantos, afirmava nunca ter visto aquele sujeito - *nem mais gordo nem mais magro!* -, que se dirigira até ele para vender algumas camisas de sua coleção e fora agredida sem qualquer justificativa. As vendedoras ambulantes que presenciaram a cena *não viram direito*, nada sabiam a respeito do agressor e assim por diante. Disseram também que *a velha já estava avisada e que mais dia menos dia isto ia acontecer*. Como o episódio se deu na rua, os seguranças apenas reforçaram a opinião das ambulantes: *não temos nada a ver com isso (...), ela táva procurando sarna prá se coçá*. De torcedora-símbolo a vítima de violência, Tia Dalva deixou cabisbaixa o Olímpico, ressentida não apenas pela agressão sofrida mas pela *traição dessa gente que se diz amiga*, especialmente das vendedoras de rua, das quais esperava solidariedade.

Em dia de jogo, dificilmente a agressão teria se consumado ou, caso contrário, teria gerado represálias por parte de outros torcedores gremistas. Nestas circunstâncias, os supostos xingamentos de Tia Dalva teriam o respaldo da *nação* e, sendo assim, ela estaria a salvo. Mas ela escolheu o dia errado ou não percebeu o limite, muitas vezes tênue, entre o tempo e o espaço do jogo e do cotidiano.

Retomando a distinção entre indivíduo e pessoa, enunciada no início deste capítulo, pode-se afirmar que a agressão à Tia Dalva se caracteriza pela assimetria em relação às circunstâncias usuais que geram conflitos entre torcedores ou entre estes e os simples cidadãos. Foi em razão de comportar-se como torcedora em tempo integral e, não raro, expressando seu pertencimento em lugares impróprios, que Tia Dalva se tornou inconveniente e alvo de hostilidades, tanto do sujeito que a agrediu quanto dos demais que se mostraram indiferentes ao episódio. A cristalização do papel-símbolo de torcedora não serviu apenas para incitar a violência, mas acabou comprometendo sua condição prestigiosa galgada com ousadia e persistência. O episódio se passou quando

minhas visitas ao Olímpico se tornaram mais esporádicas, à medida que meu trabalho de campo estava quase concluído. Retornei outras vezes ao pátio do Estádio, em dias de jogos ou treinos, sem jamais ter cruzado com Tia Dalva; ela simplesmente desapareceu.

Embora a escolha do “clube do coração” ocorra muito cedo, ainda na infância ou, quando muito, na adolescência, e tende a ser preservada indefinidamente, é necessário, contudo, atualizá-la de tempos em tempos. Alguns o fazem permanentemente, participando de Torcidas Organizadas, viajando com elas, visitando suas sedes, freqüentando quase todos os jogos, trabalhando pelo clube ou dele se apropriando para os mais variados fins, inclusive materiais. Outros o fazem esporadicamente; vão apenas aos jogos decisivos, ou simplesmente ouvem e vêem seu clube pelo rádio e pela TV. Entre os ilustres, existem os mais ilustres e, entre os anônimos, os mais anônimos. Há os que se satisfazem com a máscara que lhes é imposta e outros que procuram dar a ela um contorno diferenciado, tornam-se então torcedores-símbolos. Pertencer a um clube implica compor uma rede de sociabilidade ampla - a “nação gremista”, por exemplo -, e simultaneamente, restrita à família, aos amigos, aos vizinhos, enfim, àqueles com os quais se vai ao estádio ou se reúne para assistir ao “clube do coração”. Pode-se até abdicar da presença real de terceiros e ainda assim não se estará só, pois, “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” (Hobsbawm, 1994:171).

CAPÍTULO V

AH! EU SÔ GAÚCHO!

O NACIONAL E O REGIONAL NO FUTEBOL BRASILEIRO

À moda antiga: tiremos o chapéu pro Grêmio. Silenciar 100 mil pessoas no Maracanã, francamente, não é pra qualquer um. Muito menos quando se encara a torcida delirante do Flamengo. (...) Ao ver o Grêmio fazer murchar a multidão rubro-negra, revê a cena daquela tarde sinistra de 1950, em que a seleção uruguaia deixou a multidão prostrada. Sem ânimo, sequer, pra ir embora do estádio, levando pra casa sua esperança morta (Armando Nogueira, in: “Silêncio no Maracanã”, OESP, 25/5/97).

Em 1996 os argentinos ganharam tudo: o Campeonato Mundial Sub-20, a Libertadores, o Mundial Interclubes, a Supercopa e até o Campeonato Brasileiro (Cláudio Besserman Vianna, “Bussunda”, humorista do Casseta & Planeta, in: “Cartão Verde/TV Cultura”).

5.1. Futebol e “futebóis”: estilo brasileiro e diversidades regionais

A tese de que o futebol dramatiza os dilemas sociais, especialmente no caso brasileiro, não é nova e, talvez, tenha sido DaMatta (1982) um dos primeiros a lhe dar um contorno antropológico. Segundo este autor, o futebol promoveria a coesão nacional à medida que permitiria a expressão e o reconhecimento de quem somos e do que somos em detrimento dos outros, dos ingleses - e por extensão, dos europeus - dos quais apropriamos este esporte, e até mesmo dos nossos vizinhos sul-americanos, simultaneamente tão próximos e tão distantes. Noutra perspectiva, o futebol permitiria uma espécie de auto-reflexão. Num país tão extenso geograficamente, diversificado social e culturalmente, o futebol expressaria, de um lado, as hierarquias sócio-econômicas e, de outro, as diferenças regionais. De acordo com esta segunda

perspectiva, já não se poderia mais falar em futebol, no singular, mas em “futebóis”, no plural, ou, se se preferir, em estilos de jogo, de futebol e assim por diante.

Num País que se diz existirem 160 milhões de treinadores, cada qual se julgando *expert*, a ponto da crônica especializada ter que imprimir esforços consideráveis para se distanciar dos “leigos” e impor sua legitimidade, definir estilos de futebol é deveras complexo. Ao contrário das discussões entre os torcedores, para os quais esta noção permanece implícita, sem que isto acarrete num debate anacrônico, do ponto de vista acadêmico, urge precisar, antes de mais nada, o significado que se está atribuindo ao termo “estilo” para, num segundo momento, associá-lo ao futebol.

Definir estilo parece uma tarefa relativamente simples, bastando, para tanto, consultar um dicionário, um autor ou um livro sobre o tema. Ao proceder desta forma se verá que, ao contrário do que se pensava, a palavra estilo não tem um único significado e, na maioria das vezes, é usada licenciosamente sem qualquer preocupação com delimitações mais precisas. Ewen (1991) relata sua experiência desconcertante, até certo ponto frustrante, ao se dar conta que o termo estilo, tema de sua investigação, estava em todos - revistas esportivas, de música, moda, arquitetura, etc - e ao mesmo tempo em nenhum lugar - no fichário da biblioteca as escassas referências eram genéricas ou indiretas.

Estilo era definitivamente algo más que una cuestión de modas en la ropa o la expresión literaria. Era parte de um éter, una sensibilidad general que tocaba incontables esferas de la vida cotidiana, pero que no estaba limitada por ninguna de ellas. Era algo intangible pero importante, en todas partes y ninguna, incipiente (:17).

Inicialmente vinculada à arquitetura, à literatura e às artes plásticas e, portanto, objeto de discussão e exclusividade do “gosto dominante”, a noção de estilo se encontra atualmente disseminada em todas as esferas da sociedade.

La idea de que el estilo es una manera a través de la cual valores, estructuras y supuestos humanos en una sociedad determinada son expresados y recibidos estéticamente, parece una reflexión convincente. (...) A pesar de que sus nociones con frecuencia están vinculadas aún con el prestigio, hoy el estilo es una preocupación de casi todos los setores de la sociedad. Extrae su inspiración de cualquier parte, y el variado surtido de estilos que pasan ante nuestros ojos parece ser cualquier cosa menos una expresión unificada (:18).

Tomado em sua acepção mais ampla, “como un dispositivo por medio del cual las personas buscan fortalecer un frágil equilibrio con el mundo” (:46), um estilo, qualquer que seja, está permeado por discussões, incoerências e vulnerabilidades, como

tantas outras categorias construídas socialmente e, portanto, permeada por interesses variados. E o que é mais importante, o estilo existe para ser gasto pois “parte de su significación es que perderá significación (:72).

Esta idéia de volatilidade e polissemia, apontada por Ewen como endêmica à própria definição do termo, é central para a compreensão das razões pelas quais, em se tratando de estilos de futebol, as discussões parecem não ter fim. Em parte porque tais discussões operam a lógica do dissenso e, acima de tudo, porque cada torcedor tem sua própria visão futebolística. Assim, as discussões sobre determinados estilos - de jogadores, técnicos, times, etc - transformam-se em um estilo de discursividade. É por esta e outras razões que o estilo brasileiro de se jogar futebol e, principalmente, os estilos regionais nunca saem de pauta.

5.1.1. A invenção do estilo brasileiro

Subjacente ao estilo, qualquer que seja, está a noção de ruptura. Ele serve para demarcar e, não raro, opor determinadas visões de mundo, períodos históricos e posições sociais. No caso do futebol brasileiro, esta função é clara e reveladora. Logo que o futebol foi trazido da Europa, como símbolo da modernidade, os esforços se concentraram na apreensão da prática e de todos os códigos e valores a ela associadas. O importante não era apenas jogar, mas jogar de uma determinada forma, como os ingleses; vestir, torcer, falar, tudo como os ingleses; via de regra, a autenticidade era diretamente proporcional à imitação.

Porém, o gosto pela imitação foi cedendo lugar à criatividade e, paulatinamente, foram sendo produzidas diferenças não apenas na forma de jogar mas também no torcer. Os contrastes, apesar de evidentes, eram difíceis de serem definidos e, acompanhando o relato de Mário Filho (1964), pode-se observar como as diferenças foram percebidos tendo o “estilo inglês” como referência. Se era impossível caracterizar o novo a partir dele mesmo, pelo menos havia uma certeza: não era inglês. Os *matches* internacionais e, a partir de 1930, as Copas do Mundo acentuaram ainda mais esta diferença. Em 38, na França, o Brasil sequer chegou às finais, mas Leônidas da Silva, artilheiro daquela Copa, “barbarizou” (Cabral e Ostermann, s/d). Os europeus já sabiam da força do futebol sul-americano - o Uruguai já havia conquistado duas medalhas Olímpicas no futebol e a Copa de 30 - mas nunca tinham visto nada parecido.

O Brasil de Leônidas era algo novo, peculiar, tinha uma maneira de jogar que se destacava de todos os demais; um estilo próprio, brasileiro. Talvez o distanciamento e o inusitado tenham feito com que os europeus percebessem algo que para os brasileiros ainda era um tanto confuso, embora as diferenças já estivessem sendo elaboradas.

5.1.1.1. A contribuição fundante de Gilberto Freyre

Para explicar a rápida e bem sucedida ascensão do futebol no Brasil, Gilberto Freyre contrasta Domingos da Guia e Leônidas da Silva; o primeiro mais clássico, apolíneo e europeu, enquanto o segundo estaria mais afeito ao romântico, dionisíaco e tropical.

A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios - os floreios barrocos tão ao gosto brasileiro - (...) Mário Filho pôde dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um *apolíneo* entre *dionisíacos*. O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa concentradamente brasileiro no jogo de Domingos como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado de Assis. Apenas há num e noutro um domínio sobre si mesmos que só os clássicos - que são, por definição, apolíneos - possuem de modo absoluto ou quase absoluto, em contraste com os românticos mais criadores. Mas vá alguém estudar o fundo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará, decerto, nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas, de qualquer modo, dança (in: "Prefácio da 1ª edição" de O negro no futebol brasileiro, Rodrigues Filho, 1964[1947]).

A atualidade deste fragmento é impressionante e, acrescentando-se, ele foi escrito há cinquenta anos atrás, antes, portanto, do Brasil ter conquistado as quatro Copas do Mundo e outros tantos torneios que o colocaram numa posição singular em relação aos demais países em termos de futebol. O reconhecimento de um estilo brasileiro, peculiar

e associado a certos “tipos regionais”, tornaram esta interpretação original e fundante da sociologia, antropologia e até mesmo de muitos discursos não acadêmicos sobre o futebol no Brasil.

Em primeiro lugar, deve-se destacar que a identidade do futebol brasileiro é representada a partir de uma série de oposições tendo como pano de fundo os europeus; nem poderia ser diferente. Entretanto, ao buscar a autenticidade brasileira, Freyre evoca a molecagem baiana, a capoeiragem pernambucana e a malandragem carioca, desconsiderando, por assim dizer, outros “tipos regionais” que contribuíram para dar ao futebol os contornos de brasilidade. Este recorte é extremamente significativo não apenas porque ignora paulistas, gaúchos, mineiros e outros tantos “tipos regionais”, mas porque há neste esquecimento certa intencionalidade. Poder-se-ia argumentar que, ao destacar apenas a contribuição da molecagem, malandragem e capoeiragem, a análise de Freyre é superficial e politicamente tendenciosa, para não dizer incorreta.⁹³ Em contrapartida, a menção de todos os “tipos regionais” exigiria um estudo mais aprofundado; algo despropositado para um prefácio de livro e, sendo assim, Freire estaria desde logo aquém das contestações. Seja como for, há de se lançar uma indagação acerca de como resultaria o caráter “genuinamente” brasileiro se fossem consideradas as contribuições daqueles “tipos” esquecidos por Freyre. E, a par das discussões atuais, por que é que eles ainda não foram lembrados? Ou então, se foram, por que esta questão permanece em debate, em aberto?

Se os excluídos fossem integrados - esta é antes de mais nada uma especulação - provavelmente Freire seria obrigado a reconhecer o viés apolíneo do futebol brasileiro ou, então, admitir que certos “tipos regionais” são mais originais que outros.⁹⁴ Esta segunda hipótese me parece implícita em sua análise, certamente influenciada pela

⁹³ Se meus informantes, especialmente aqueles que advogam a marginalização dos gaúchos, soubessem da importância de Gilberto Freyre na formação da *intelligentsia* brasileira e de sua contribuição para a compreensão do nosso futebol, certamente não hesitariam: *tá vendo, ele nos deixou de fora!*

⁹⁴ Ao abordar a questão da formação do Estado Nacional e das diversidades regionais, em “Unidade e diversidade, Nação e Região”, Freyre (1971) deixa transparecer alguns pontos de vista que me parecem, estão conformes a noção de brasilidade expressa no prefácio de “O negro no futebol brasileiro”. Em determinado momento, afirma que os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, “desenvolveram-se em alguma coisa semelhante a partidos políticos, com prejuízos para a unidade e para o desenvolvimento harmônico do Brasil” (:89). Logo abaixo, critica a demasiada autonomia política destas unidades federativas, em virtude da qual, por ocasião de uma viagem a Minas Gerais - o mesmo equivalendo para São Paulo e para o Rio Grande do Sul -, havia ficado com a “impressão de ter estado numa Prússia brasileira” (:89). Para Freyre, portanto, “os brasileiros do Nordeste - das zonas áridas e semi-áridas dessa região ou sub-região - são como os primeiros paulistas, tipicamente caboclos, ou indígenas, e mais teluricamente e tradicionalmente brasileiros pelo espírito e pela conduta do que qualquer outro tipo regional” (:94).

versão de Mário Filho, em “O negro no futebol brasileiro”, e amplamente disseminada no universo futebolístico. Apesar de preponderante, ela é também muito contestada. Trata-se, antes de mais nada, de um ponto de partida para infindáveis discussões que atestam, simultaneamente, a presença de diferenças regionais atualizadas no e pelo futebol e também os pontos de intersecção entre a elaboração acadêmica, midiática e popular.

Em segundo lugar e não por acaso, os residuais ao quais Freyre se refere como determinantes do estilo brasileiro - capazes, inclusive, de contagiar o apolíneo Ademir da Guia - estão ligados à irracionalidade e às influências ameríndias. Freyre toma estes traços como constitutivos do caráter brasileiro e, diferentemente do que o fizeram os evolucionistas do princípio do século ou os modernistas da primeira fase do movimento de 1922, eleva-os à condição de uma arte barroca. Os regionalismos - nem todos, é verdade - bem como os negros e os índios são valorizados e trazidos da periferia para o centro. Eles se tornam, por assim dizer, os portadores daquilo que há de mais genuíno e puro no Brasil, são os símbolos do que mais tarde se convencionou como futebol-arte.

Daquelas poucas linhas contendo diversas oposições, muito nítidas apesar de genéricas, produziram-se outras tantas que podem ser melhor apreciadas no quadro a seguir.

futebol brasileiro	futebol europeu
artístico	competitivo
espetáculo	eficiência
dionisíaco	apolíneo
barroco	clássico
intuitivo	racional
natureza	cultura
dom	aprendizado
rua	clube/escola
jogo	esporte
individual	coletivo
agilidade	rigidez
habilidade	força
malandro	caxias
candomblé/umbandismo	catolicismo/protestantismo
futebol-arte	futebol-força

O quadro poderia ser mais extenso e, diga-se de passagem, permanece em aberto. Isto se deve, em grande parte, ao fato do futebol estar vinculado às questões

estéticas, às idéias de valor, à subjetividade e, portanto, por mais que se discuta, sempre se estará sujeito a uma certa intangibilidade que faz com que o tema seja inesgotável. Deve-se notar também, como estas categorias, não raro estereotipadas, circunscrevem-se à dialética das oposições e, o que mais impressiona, é como elas são atuais. Tanto é verdade que, de tempos em tempos, o futebol-arte é questionado, em geral a partir do modelo europeu.⁹⁵

5.1.1.2. Idas e vindas do futebol-arte

O bom e o belo, diziam os gregos, devem andar juntos; eles são, a rigor, dois lados de uma mesma moeda. Já no futebol, o bom e o belo nem sempre estão de acordo com os ideais gregos. O bom é vencer, não resta a menor dúvida e, nos últimos tempos, com o incremento mercadológico, vencer se tornou o principal objetivo dos dirigentes, jogadores e até dos torcedores. O belo, que para os ingleses passava pelo *fair-play* e para os brasileiros, segundo Gilberto Freire e outros tantos, está ligado à arte da malandragem (à negação do *fair-play*), tornou-se uma espécie de ideal secundário. Embora esta seja a tendência predominante, há controvérsias a respeito.

Provavelmente esta questão tenha atingido seu ápice nos meses que antecederam a Copa da Suécia, em 1958. As qualidades técnicas do selecionado eram indiscutíveis mas, paradoxalmente, isto vinha nos prejudicando. Era senso comum afirmar que tínhamos arte demais e objetividade de menos, o oposto dos europeus e principalmente dos soviéticos que pensava-se, haviam sido treinados na Sibéria com todos os métodos modernos que impressionavam o mundo durante a Guerra Fria.⁹⁶

⁹⁵ Explicar as razões deste dualismo é deveras complexo, pois envolve questões alheias ao futebol. Entretanto, do ponto de vista deste esporte, deve-se ter em conta, em primeiro lugar, a própria lógica dual dos embates; em segundo, o fato da tradição européia e sul-americana preponderarem internacionalmente. Talvez algum dia se possa inserir uma nova coluna com o estilo africano, asiático e caribenho, entre outros.

⁹⁶ Num jogo amistoso contra a Fiorentina, antes da Copa, a “molecagem” de Garrincha, símbolo do futebol-arte, quase lhe custou a desconvocação. Aos trinta minutos do segundo tempo, quando o Brasil já vencia por 3 a 0, ele driblou praticamente toda a defesa da Fiorentina, inclusive o goleiro e, “com o gol vazio, Garrincha poderia ter chutado, mas Robotti conseguira voltar para combatê-lo. Garrincha tirou-o da jogada com um drible de corpo e Robotti teve de segurar-se na trave para não cair. Garrincha, então, apenas caminhou com a bola até dentro do gol. Já no fundo das redes, deu-lhe um peteleco para pegá-la com as mãos, enfiou-a debaixo do braço e começou a voltar, frio, devagar e mudo, para o centro do campo. Não houve pirâmide humana sobre Garrincha. (...) Apenas gritos dos outros jogadores contra ele. (...) Os italianos estupefatos pelo gol (...) [enquanto] quase todo o time estava fulo com ele. (...) Tinham medo de que, em plena Copa, quando fosse para valer, brincadeiras como essa fizessem o Brasil perder um jogo (Castro, 1995:143). Sobre os preparativos do Brasil para aquela Copa - “até as superstições eram

Nelson Rodrigues, por exemplo, afirmou, numa crônica publicada dias antes da Copa, que os brasileiros padeciam do “complexo de vira-latas”, especialmente quando se tratava de futebol. Não acreditávamos no nosso potencial, colocando-nos, voluntariamente, em posição de inferioridade em relação ao resto do mundo.⁹⁷ A preparação meticulosa, uma verdadeira operação de guerra montada pela comissão técnica antes e durante aquela Copa, bem como a paranóia dos brasileiros em relação à União Soviética faz crer que o sarcasmo de Nelson Rodrigues tinha procedência (Cabral e Ostermann, s/d:67-75).

Contudo, bastou a conquista para que, da noite para o dia, se passasse a elogiar aqueles mesmos atributos que na véspera despertavam desconfiança e temeridade. O êxito bem poderia ter sido explicado a partir dos bem sucedidos métodos de preparação empregados naquela oportunidade, aliados à incontestável qualidade individual dos atletas brasileiros - Didi, Pelé, Garrincha, Nilton Santos, entre outros. Salvo algumas exceções, o que se fez foi a apologia das individualidades e de Pelé e Garrincha em especial. As qualidades técnicas de Garrincha, por exemplo, são descritas como instintivas, “todos nós dependemos do raciocínio (...) ao passo que Garrincha nunca precisou pensar, (...) tudo nele se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto”.⁹⁸

cumpridas com rigor científico” - e a temeridade diante do cientificismo soviético cf. “O Sputnik fulminado” (Castro:145-88).

⁹⁷ “Em Wembley [1954], por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na (...) vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol (...). É um problema de fé em si mesmo. (...) Insisto: para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão. (“Complexo de vira-latas” foi publicada na Manchete Esportiva em 31.5.58 e posteriormente reeditada (in: Rodrigues, 1993:51-2).

É interessante notar como a metáfora dos vira-latas - segundo o “Aurélio”, “cão de rua, sem raça determinada” - lembra as teses evolucionistas do princípio do século. Ao contrário de Gilberto Freire, que vê na miscegenação um dos aspectos positivos na formação do “caráter brasileiro”, Nelson Rodrigues, no fundo, culpabiliza-a pela nossa suposta frouxidão.

Sobre a derrota de 50 e a estigmatização dos jogadores negros ver, entre outros, Leite Lopes (1992:123-4).

⁹⁸ Cf. “Garrincha não pensa”, in: Rodrigues:62-4.

Creio importante destacar aqui a posição de Décio de Almeida Prado sobre a genialidade de Garrincha. Ele me parece uma voz quase isolada a este respeito, um dos poucos a lembrar da força muscular e da velocidade deste jogador. Sem desconsiderar o futebol-arte de Garrincha, Décio vai além da maioria das representações nas quais, invariavelmente, contrastam-se as pernas tornas com a genialidade intuitiva. “Como jogava Garrincha, por exemplo? (...) Ele ameaçava sair para um lado, para o outro numa sábia e medida dança de negaças. Quando sentia o marcador ligeiramente desequilibrado, apoiado na perna errada, partia com a bola como um raio (...). De pouco valia saber que ele investia quase certamente pela direita. A sua vantagem nesses lances era também de ordem física, a sua arma estava na prontidão da partida, no pique inicial, na capacidade de atingir o máximo da aceleração logo nas primeiras passadas (Prado, 1992:23). Ver tb. Leite Lopes (1992).

Anos depois, por ocasião do tricampeonato no México, a apologia do futebol-arte chegaria ao ponto mais elevado de sua escalada. E não era apenas em razão do ufanismo propagandista da ditadura militar. João Saldanha, o técnico que classificou o Brasil para a Copa afirmou - depois do tricampeonato, é verdade - que os jogadores brasileiros eram tão habilidosos que dispensavam a presença de um comandante.⁹⁹ Bastava escolher os melhores e dar-lhes liberdade de ação para o Brasil se tornar imbatível. Enquanto para os demais selecionados, o técnico exercia uma função primordial, fosse ele um estrategista ou disciplinador, para os brasileiros sua contribuição era escassa e, na maioria das vezes, prejudicial.

Passados quatro anos, todas as convicções foram abaladas diante da desclassificação do Brasil na Alemanha e do surgimento do “carrossel holandês”, “futebol total”, ou “laranja mecânica”, qualificativos atribuídos aos holandeses.

Zagallo se confundiu, pois achava que a Holanda mostrou “algo novo”, para depois afirmar que “não houve evolução no futebol europeu”, acabando, durante a Copa, por recair uma afirmativa evolucionista ao dizer que “a raça européia é superior”. Parreira acompanhou Zagallo em sua perturbação quando afirmou que “os germanos e eslavos são raças superiores”. (...) José Inácio Werneck, um influente defensor da modernização de nosso futebol, dizia que o “Brasil se esclerosou desde 1970” e Luís Fernando Veríssimo reconhecia que o Brasil vivia na pré-história do futebol, “quando a bola era quadrada” (Gil, 1994:105-6).

Até mesmo a propaganda militar foi abalada pela derrocada do futebol-arte. O bem sucedido *slogan* de quatro anos antes, “Prá frente Brasil/Salve a nossa seleção” e outros tantos que faziam crer ser este um país jovem, criativo, moderno e vencedor, foram sugados pelo fracasso futebolístico.

A própria forma de pensar nossa identidade a partir do futebol teve de ser redimensionada. Nesse “drama social”, em que todos os arquétipos, palavras e expressões são investigados e apreendidos à luz de novos sentidos, nossa “brasileiridade futebolística” é que foi afetada. Aquele “mulatismo” passou a ser visto como um obstáculo para nossa inserção no primeiro mundo do esporte; aquela “malandragem e “irracionalidade” tão elogiadas tornaram-se empecilho ao progresso. Zagallo definiu esse impasse representacional em nosso imaginário dizendo que dificilmente acompanharíamos o futebol solidário e

⁹⁹ Claro que esta opinião deve ser contemporizada à medida que, além de ser um exímio criador de frases pelo simples prazer de criá-las, João Saldanha havia sido destituído do cargo meses antes do embarque para o México, entre outros motivos, pela insubordinação aos militares que, pouco a pouco, se infiltravam no futebol. De qualquer modo, a contribuição de Zagallo como técnico em 70 segue até hoje sendo contestada. Cf. Máximo (1996:85-113).

dinâmico dos europeus, “já que o brasileiro é individualista e não pratica o futebol coletivo” (Gil:106).

Depois de 1974, as discussões se intensificaram à medida que o Brasil não vencera outras copas. Em 1978, na Argentina, o vilão foi o futebol burocrático e militarizado incentivado por Cláudio Coutinho; tinha força em demasia, mas faltava-lhe qualidade. Com Telê Santana, em 1982, fomos “campeões morais”; arte demais e competitividade de menos. Em 1986, fomos abatidos pelo “destino”, pela imponderabilidade dos penais. Já em 1990, na Itália, o vilão foi Lazaroni e sua fracassada tentativa de introduzir o “líbero” e, por extensão, um modelo “europeizado”.

O tetracampeonato amenizou, apenas em parte, a ansiedade dos cronistas e torcedores brasileiros; o Brasil venceu mas não convenceu. Dunga, um jogador gaúcho com passagem rápida por São Paulo e por vários clubes e países europeus - atualmente está no Japão - tornou-se o símbolo do futebol brasileiro nos anos noventa. Cultuado aqui no Sul, mas execrado no centro do País, Dunga condensou as mazelas da desclassificação na Itália, em 1990. O “estilo Dunga”, comedido, arrojado e fiel às orientações táticas dos treinadores, foi visto como um afronto ao futebol-arte. Poucos imaginavam que ele seria o capitão do tetra e muito menos que sua participação possa ser dada como certa no próximo mundial.

Ainda que breve, estas considerações acerca das elaborações éticas e estéticas do futebol brasileiro demonstram, antes de mais nada, que muitas representações forjadas no universo futebolístico estão intrinsecamente relacionadas a outras esferas da sociedade brasileira. O mais importante talvez, seja perceber que os dramas evocados pelo futebol não residem no futebol como um todo, mas num certo modelo ou estilo mais ou menos apreciado pelos brasileiros. Em si mesmo o futebol não é bom nem ruim. A menos que se esteja discutindo com um remador ou um tenista, por exemplo, ele é apenas uma das tantas práticas esportivas disseminadas pelo mundo todo. Mas, quando se agrega uma ou outra adjetivação, o futebol adquire contornos bem determinados. No caso brasileiro, pode-se afirmar que o futebol-arte é uma elaboração histórica, senão invenção, colada à própria construção da identidade nacional.

Nesta perspectiva, o futebol sugere, de um lado, uma certa vulnerabilidade desta identidade e, de outro, contradições endêmicas em cuja base residem as diversidades regionais, étnicas, raciais, etc. Enquanto no primeiro caso as atualizações ocorrem, em geral, de quatro em quatro anos, por ocasião das copas do mundo, no segundo elas são permanentes, desde que se confrontem clubes de regiões distintas em disputas

nacionais. Todavia, num e noutro caso, o futebol-arte serve de parâmetro encompassador das diferenças regionais, evocando juízos acerca das formações étnicas, políticas e históricas das unidades federativas. E, como tentarei explicitar a seguir, a partir das diferenças se reforçam e atualizam certos valores regionalistas, incorporando discursos que transcendem o futebol, mas, que só ele permite expressar de forma simultaneamente amistosa e contundente.

5.1.2. A invenção do estilo gaúcho

(...) Dezenove minutos da etapa complementar aqui em São Januário, no Rio de Janeiro, uma bola solta até onde está colocado Fabinho, Fabinho dominou, soltou atrás prá Edinho, Edinho de pé direito, levantou prá Leandro, Leandro tentou tornear de cabeça, cortou a zaga voltou prá Enciso, dominou, fora da área, tentou bater, bateu a bola prá Arilson, Arilson recolhe lá pela ponta esquerda, contra Caio, vai tentar envolvê-lo, ainda Arilson, passou, prá lá e prá cá, deu atrás, pro Fernando, Fernando divide a bola com o adversário que é Zé Roberto, tentou levar vantagem, sofreu falta, o árbitro marcou, ele próprio cobrou, rapidamente, pro Luiz Gustavo, dominou, fora da área, passou pelo marcador, ajeitou, vai prá bomba, atirou, goal; goooooooooooooooooo! Um gol ma-ra-vi-lho-so de Luiz Gustavo! Para explosão da FICO, da Camisa Doze, do contingente de torcedores colorados presentes aqui em São Januário, no Rio de Janeiro. Ele passou pelo marcador e desferiu uma bomba sen-sa-cional e meteu a bola na gaveta. Um golaço! Eu disse: o Inter depois de sofrer o gol tinha garra, tinha alma, o Inter era o Inter da sua história e da sua tradição e foi buscar o gol de empate e conseguiu. Só falta o da vitória agora. Esse gol acontece a vinte minutos da etapa complementar e como disse o Belmonte antes, ainda tem tempo, claro que tem tempo colorado. Rre-pi-ta comigo torcedor colorado: o nome do gol é Luiz Gustavo, Farid.

- Como diz uma das letras, uma das músicas mais bonitas do Rio Grande: não tá morto quem luta e quem peleia. E o colo (sic)

- Leandro, uma bomba, goooooooooooooooooooooo! Do In-ter-na-cional! Portugueses do Rio e de São Paulo, saiam definitivamente da vida colorada! Leandro, que é do Inter, que é do Valência, mas que ainda é do Inter e que ainda usa a camiseta colorada está fazendo um golaço. A Portuguesa nem tinha se acomodado do susto do golaço de Luiz Gustavo, Leandro pega uma bola, gira na frente do gol, mete lá na mesma gaveta. O Clemer, goleiro da Portuguesa, coitadinho, nem vê onde a bola entra. Sen-sa-cional, históóórica virada do Internacional! Eu disse: históóórica, inesquecível, virada colorada em São Januário. Quando apareceu a garra, a força, o sangue colorado, aí começaram os gols, aí começou a pressão, aí vieram os golaços e a vinte e um minutos Leandro está fazendo dois a um. Dois para o Inter, um para a Portuguesa! A confirmar este resultado até o final do jogo

esta será uma vitória inesquecível na vida de todos os colorados. Rrepi-ta comigo torcedor colorado: se, Luiz Gustavo fez o primeiro gol o nome do gol agora é Leandro. Conta tudo aí Farid.

- Eu dizia, como diz uma das músicas mais bonitas do Rio Grande: não tá morto quem luta e quem peleia. E o colorado de fé, o colorado que é o primeiro no ranking nacional do campeonato brasileiro (...).

Assim foi o Inter naquela vitória sobre a Portuguesa, num sábado à noite, feriado de 15 de novembro de 1996. O jogo era importante mas não valia título e, no estádio do Vasco - a Portuguesa tinha perdido o mando de campo e por esta razão o jogo foi no Rio e não em São Paulo - não havia mais que 600 torcedores. Mesmo assim, a narração de Pedro Ernesto foi empolgante. Tanto é verdade que, no dia seguinte, ela foi reproduzida inúmeras vezes ao longo da programação esportiva da Rádio Gaúcha, a pedido dos colorados, e muito elogiada pelos demais narradores, repórteres e comentaristas da referida emissora.

Pelo que se pode depreender na própria transcrição da locução dos gols colorados - lamentando o tanto que se perde neste processo de conversão da oralidade em escrita -, o problema do Inter não era de ordem tática ou técnica, mas de identidade, haja vista que, “quando apareceu a garra, a força, o sangue colorado, aí começaram os gols (...)”. A lembrança de Farid, repórter de campo, evocando uma música gauchesca de domínio popular, não apenas reforça a constatação precedente mas também denota que tipo de identidade o Inter havia resgatado quando os gols foram marcados.

Pouco importa se o problema do Inter era, efetivamente, de identidade. Se se pudesse reunir um número relativamente grande de colorados para analisar os defeitos do time naquela oportunidade, certamente haveria múltiplas explicações; de ordem tática, de orientação técnica, de diretoria, e assim por diante. Talvez mencionassem também a questão da identidade pois, no segundo semestre de 1996, de fato esse era um dos principais temas nas rodas coloradas. Todavia, se perguntados acerca de quais traços fazem do Inter o “Inter da sua história, da sua tradição”, certamente não haveria tanta multiplicidade de opiniões e tampouco discordâncias: garra, raça, determinação, força, pegada, etc.

Não por acaso, três das cinco Torcidas Organizadas do Grêmio fazem, no próprio nome, referência a estes mesmos atributos. A Super Raça, a Garra Tricolor e a Força Azul demonstram que os gremistas, apesar da rivalidade Gre-Nal, partilham determinados traços da identidade colorada e vice-versa. Nos enfrentamentos locais, estes traços tendem a ser sublimados à medida que, por serem partilhados, perdem seu

valor de distinção. Entretanto, nas disputas envolvendo clubes de outros estados, tais atributos são freqüentemente evocados, por ambas as torcidas. Dizem que eles *fazem parte da tradição do futebol gaúcho* e, portanto, são exclusividade dos times daqui. Se “outros” também os reivindicam, nada mais fazem do que reconhecer o valor do “nosso” estilo de jogar, torcer e pensar o futebol, a política, a economia, a autonomia, etc.

Em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta, por um lado, da apropriação, por parte dos futebolistas - sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos -, de um discurso preestabelecido de culto às tradições gaúchas. De outro, seguindo a mesma lógica das reivindicações regionalistas forjadas na esfera econômica, política e cultural, o futebol gaúcho é pensado por oposição ao futebol-arte, declinando desta, outras tantas oposições dentre as quais se destacam o “nós”/ “outros” ou “eles”, gaúcho/brasileiro e regional/nacional.

5.1.2.1. Do regionalismo ao gauchismo

Como as questões regionais ligadas ao futebol passam, necessariamente, pela referência a outros discursos sobre o mesmo objeto, abrirei uma espécie de parêntese enfocando alguns aspectos relativos à construção da identidade gaúcha. Trata-se de uma resenha breve, até certo ponto genérica, evidenciando as relações contraditórias do Rio Grande do Sul com o Brasil, a importância do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) na ideologização destas contradições e das próprias incongruências deste Movimento.

As representações que colocam o Rio Grande do Sul numa posição diferenciada em relação às demais unidades federativas e, até mesmo, em contraposição ao Brasil, são muito freqüentes. Elas podem ser encontradas na música, na literatura, no futebol, nas esporádicas e vulneráveis ondas separatistas e, não raro, até mesmo na historiografia. Em geral, tais representações buscam fundamentação numa série de elementos que permitem estabelecer o contraponto do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, “esquecendo-se” de outros tantos aspectos a partir dos quais a suposta disjunção desapareceria.

Neste rol de desencaixe são evocadas, com maior freqüência, a posição geográfica, a partir da qual se estabeleceriam intercâmbios múltiplos com os países do Prata e, portanto, diferentemente da população dos demais estados brasileiros, os

gaúchos teriam forte influência hispânica; a postura política e sua tradição de enfrentamento ao poder central; a presença maciça dos imigrantes europeus e, como corolário, as noções de “civilidade” e “progresso” trazidas por eles do “velho mundo”; e finalmente, a convivência permanente com os levantes armados. De todos estes e outros tantos traços formadores da identidade gaúcha, é justamente o último o mais freqüentemente evocado. Da Revolução Farroupilha (1835-45) à “Legalidade”, que deu sustentação a João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961; passando pela Revolução Federalista (1893-95), a Coluna Prestes e a Revolução de Trinta, somam-se outros confrontos internos ou fronteiriços em nome dos quais se afirma ser o gaúcho um “produto das guerras”.¹⁰⁰

Embora tais singularidades, especialmente esta última, tenham sido evidenciadas desde longa data, a partir dos anos cinquenta elas adquiriram maior visibilidade. Com o surgimento do MTG, elas passaram por um processo de ressemantização através do qual o gaúcho adquiriu uma valorização sem precedentes, algo comparável a transformação operada por Gilberto Freyre em relação à mestiçagem.¹⁰¹ Porém, no sentido inverso; para o MTG vale o autêntico, o genuíno, o puro.

Em 1947, os jovens que cavalgaram com a Chama Crioula chegaram a ser ridicularizados pela população porto-alegrense, diferentemente do que ocorreu em setembro último.¹⁰² O ritual foi praticamente o mesmo; mais pomposo, mais emocionante, talvez, e nem poderia ter sido diferente.

No pátio da escola, um enorme Galpão Crioulo atestava a valorização do tradicionalismo. No hall, dezenas de pessoas pilchadas esperavam para acender a Chama Crioula. A cerimônia foi simples. De mãos dadas, todos cantaram o Hino Rio-Grandense. Ao entoar o Hino Nacional, Paixão Côrtes chorou. O peso da tocha e da emoção faziam seu braço fraquejar. Se em 1947 Fernando Vieira salvou a honra do piquete, cinquenta anos depois foi a vez de seu filho. José Fernando se adiantou e ajudou Paixão a sustentar a tocha (“Arde a Chama Crioula”, in: Revista ZH, 14/9/1997).

¹⁰⁰ “O gaúcho é socialmente um produto do pampa, como politicamente é um produto da guerra” (Oliveira Vianna in Oliven, 1992:51).

¹⁰¹ Cf. “Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional”, in: Ortiz (1994:36-44).

¹⁰² “Há 50 anos, no dia 7 de setembro, oito estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, se reuniram para formar o movimento tradicionalista gaúcho. O símbolo que promoveu o início do culto às tradições do Rio Grande do Sul foi a Chama Crioula, uma centelha retirada do fogo simbólico da Pátria e que permanece acesa, há meio século, de 7 a 20 de setembro” (ZH, 8/9/97).

Um dos cavalos escorregou no paralelepípedo e se pranchou (caiu de lado). Não fosse a presteza de Fernando Vieira a bandeira do Rio Grande do Sul teria se estatelado ao chão em companhia do cavalo e do cavaleiro que a conduzia.

A emoção de Paixão Côrtes é compreensível, dadas as proporções que o Tradicionalismo adquiriu ao longo deste meio século. A partir do impulso daquele grupo de estudantes secundaristas, com um pé na capital e outro no campo, criaram-se inúmeros Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) espelhados por todo o Estado, pelo Brasil e até no exterior. No princípio, os “intelectuais do MTG”, dentre eles Barbosa Lessa, Paixão Côrtes e Glauco Saraiva, estavam preocupados tão somente em recriar na cidade um espaço de sociabilidade capaz de arrefecer o saudosismo do mundo rural que haviam deixado para traz. Por mais fascinante que fosse o meio urbano, as ofertas da indústria cultural e as filosofias da moda, nada lhes proporcionava a segurança e o afago pampiano. O resgate da historiografia gaúcha, a invenção das tradições e do próprio “gaúcho” vieram depois, a ideologização - sem qualquer cunho pejorativo - também.

Mas gauchismo não é regionalismo e, para alguns, o MTG - fundado em 1961 - e, em especial, os GTGs, cultuam um passado idílico que jamais existiu e, como tal, seguem mascarando a “verdadeira” história do Rio Grande do Sul. Para Tau Golin (1983), talvez o mais algoz de seus críticos, o Tradicionalismo é machista, conservador e reacionário. Em última instância, nada mais é do que a junção entre a elite burguesa e latifundiária que, a partir do impasse conjuntural dos anos quarenta e cinquenta, teriam se colocado frente a frente e, “de braços dados, uniram-se na criação e fomento do mundo mítico e hipotético do Tradicionalismo” (:13).

Mesmo reconhecendo a importância e a influência do MTG no resgate da historiografia e seu sucesso na invenção de tradições, os trabalhos acadêmicos têm apontado inúmeras contradições em relação ao “modelo” de gaúcho veiculado pelo Movimento. Oliven (1996) demonstra como a exaltação da figura do gaúcho da Campanha, enquanto tipo representativo de todo o Rio Grande do Sul, exclui mais do que inclui à medida que ignora a contribuição dos índios, negros e imigrantes europeus na construção da identidade regional.¹⁰³ Apesar destas contradições, os CTGs se disseminaram na região Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul, zonas povoadas por imigrantes europeus. Mais impressionante, ainda, é que os descendentes destes imigrantes, ao se deslocarem para outros estados - especialmente Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso -, construíram e seguem construindo GTGs.¹⁰⁴

¹⁰³ Acerca da construção imaginária da “figura do gaúcho” como tipo representativo de todos os “rio-grandenses do sul”, sugiro Maciel (1994a; 1994b).

¹⁰⁴ Cf. em “Anexos” a Tabela I contendo o número e a localização, por estado ou região, dos CTGs. Acrescentei também, o número de Cónsules gremistas distribuídos pelo interior do Rio Grande do

Detestado por uns e cultuado por outros, a legitimidade do MTG é inegável, à medida que conseguiu impor no imaginário dos gaúchos sua própria visão do gauchismo. Como isto se tornou possível? As razões são muitas, mas a principal delas se deve à condição de verossimilhança entre as representações do Rio Grande do Sul como um estado diferenciado dos demais - autônomo, isolado, discriminado, etc -, idéias estas anteriores ao MTG, e os símbolos e ideologias evocados por este último. De acordo com Oliven (1992),

faz parte dessa relação autonomia-isolamento utilizar um discurso que afirma que o Rio Grande do Sul está simultaneamente em situação calamitosa e de grande vitalidade. O que chama a atenção é como são recorrentes os temas que ocupam os gaúchos em períodos tão diversos. Há uma constante evocação e atualização das peculiaridades do estado e da fragilidade de sua relação com o resto do Brasil. O Rio Grande do Sul pode ser visto como um estado onde o regionalismo é constantemente repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas. Mas, embora as conjunturas sejam novas e a roupagem dos discursos se modernize, o substrato básico sobre o qual estes discursos repousam é surpreendentemente semelhante. Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha” (:65).

Disseminado em quase todas as instituições gaúchas e perpetuado desde os primórdios do século passado, o regionalismo está presente também no futebol; seria um achado preciosíssimo qualquer indicio contrário a esta constatação. É evidente que existem torcedores, da dupla Gre-Nal ou de clubes do interior, menos suscetíveis ao discurso regionalista, embora este possa ser considerado hegemônico. O mais impressionante, porém, é que o modelo de gaúcho adotado pelos futebolistas é justamente aquele propagado pelo gauchismo, o que revela, mais uma vez, a força do Tradicionalismo. O gaúcho altivo, valente e destemido, o centauro dos pampas cujo mito se tornou ideologia com a atuação do MTG, é também o estereótipo que orienta, ao longe, as manifestações dos torcedores e, principalmente, os discursos midiáticos.¹⁰⁵

Sul, do Brasil e no exterior bem como as emissoras de rádio que retransmitem, em cadeia com a Gaúcha ou a Guaíba, os jogos da dupla Gre-Nal.

¹⁰⁵ Cf. “Violento não, pegador”, no decorrer deste capítulo.

5.1.2.2. O regionalismo no futebol

O regionalismo no futebol é, em grande parte, produto de um discurso englobante produzido em outras esferas da sociedade gaúcha. Contudo, constituiria um grande equívoco tomar a veiculação destas idéias como simples reprodução, alheia às peculiaridades do segmento futebolista que, por vezes é englobado, mas, em outras tantas, opera no sentido inverso. Partindo-se do pressuposto de que a legitimidade do gauchismo foi conquistada, entre outros fatores, pela sua capacidade de pinçar do processo histórico inúmeros episódios a partir dos quais o regionalismo pôde ser apresentado como verossímil - e quando não os encontra, os cria -, convém, agora, estender esta premissa ao universo futebolístico.¹⁰⁶

Tal como ocorre no gauchismo, o isolamento geográfico constitui-se num dos eixos centrais a partir do qual o futebol gaúcho estaria em situação desvantajosa em relação ao Brasil, especialmente ao eixo Rio-São Paulo. Para sustentar esta tese, são evocadas as grandes distâncias, as longas viagens e o desgaste físico aos quais os clubes daqui estariam submetidos quando necessitam jogar no Norte e Nordeste brasileiro. Outros fatores como o clima hostil - frio, chuvoso, etc - e, por extensão, os gramados enlameados do interior do Estado, exigiriam mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isto teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro.

O isolamento geográfico prejudicaria também os atletas que, ao permanecerem por seis meses disputando o regional, tornar-se-iam invisíveis ao técnico da seleção. Pouco importam os recentes avanços das telecomunicações ou mesmo as disputas nacionais durante o ano todo. Sempre que um jogador da dupla Gre-Nal se destaca, alguém e não raro a maioria dirá: *se jogasse por um clube carioca ou paulista já estaria na seleção!* Neste caso, acrescenta-se ao suposto isolamento uma série de razões políticas - ação dos lobistas, parcialidade dos dirigentes da CBF e até mesmo o fato

¹⁰⁶ Um empreendimento desta envergadura exigiria muito mais tempo e espaço do que disponho no momento. Isto porque, ao contrário do “futebol-arte”, o “futebol-força” que caracteriza o “estilo gaúcho” não teve seu Gilberto Freire. Existem, isto sim, muitos “gilbertos freires” dispersos dentro e fora do Rio Grande do Sul mas, à medida que seus discursos são fragmentados - uma crônica aqui, outra acolá - ou ligados à oralidade, fica difícil, senão impossível, identificar um ponto de partida comum ou um referencial partilhado. Neste caso é preciso evocar determinados dispositivos do “método”, como a saturação por repetição, mas que, num universo tão vasto podem deixar margem à contestação.

desta estar sediada no Rio de Janeiro - a partir das quais os clubes, jogadores e dirigentes gaúchos estariam permanentemente em situação desvantajosa.

No entanto, os próprios gaúchos esquecem-se, com frequência, que representaram o Brasil e conquistaram, em 1956, o II Campeonato Pan-americano realizado no México. A base desta representação era colorada, tal qual aquela que, vestindo amarelo, verde e azul foi à Olimpíada de Los Angeles, em 1984, e voltou com medalha de prata. Entre os tetracampeões estavam Taffarel, Gilmar, Branco e Dunga, todos gaúchos, e Márcio Santos, com passagem pelo Internacional; em 70, no México, Everaldo, lateral-esquerdo do Grêmio foi titular de Zagallo; e, Luiz Carvalho, centroavante gremista, só não foi à Copa de 34 porque declinou do convite alegando “inadiáveis compromissos profissionais” (História Ilustrada do Grêmio, nº 3:11).

Os mesmos gaúchos lembram-se, porém, que Falcão foi preterido por Cláudio Coutinho em 1978; que Leão, na época goleiro do Grêmio, não foi convocado por Telê Santana em 82 e, se isto não bastasse, Paulo Isidoro, também gremista, ficou no banco de reservas. Pior ainda foi em 86, quando o mesmo Telê, pouco antes do embarque para o México, desconvocou Renato, do Grêmio, por indisciplina.¹⁰⁷

Mas nada enrubesce tanto os brios gaúchos como as questões envolvendo arbitragem. Um episódio recente, envolvendo o árbitro Sidrack Marinho dos Santos, me parece bastante elucidativo a este respeito. Escalado para apitar Internacional vs. Flamengo, a contragosto dos colorados - segundo informações dos próprios dirigentes, ele teria sido vetado antes mesmo da escala ser confirmada por Ivens Mendes, na época diretor da CONAF - e mais tarde afastado devido às denúncias de corrupção -, foi submetido a uma série de pressões que resultaram, inclusive, em invasão de campo seguida de agressão ao árbitro por parte de um torcedor.

Haroldo de Souza, narrador da Rádio Guaíba, acredita que as pressões acabaram prejudicando a própria atuação dos jogadores, mais preocupados com o pênalti que Sidrack marcaria, com certeza, para beneficiar o Flamengo, do que com o jogo em si. Admite, também, a leviandade de certas acusações dirigidas ao árbitro; desde o fato dele ser sergipano - *não existe futebol naquele estado!* - até sua suposta parcialidade clubística - *debaixo do preto ele usa camiseta rubro-negra!*

¹⁰⁷ Indisciplina ou má vontade com os gaúchos? A polêmica em torno do episódio Renato rendeu, inclusive, dois processos judiciais impetrados por Telê contra Lauro Quadros, comentarista da Rádio Guaíba, e Marco Aurélio, chargista de ZH. Ambos chamaram o técnico de burro, cada qual a seu modo.

SECRETARIA DE CULTURA

Renato Marsiglia, ex-árbitro e atualmente comentarista pela Gaúcha, bem que tentou demonstrar a incoerência e a inconveniência das acusações:

dizer que ele não pode apitar porque é sergipano é bairrismo puro; este tipo de pressão pode prejudicar o Inter; conheço Sidrack e nada me permite duvidar de sua idoneidade; e, se esta celeuma toda é porque ele teria pedido para ser presenteado com uma camiseta do Flamengo, então eu, que fui à Copa, também era corrompido: meus filhos têm uma grande coleção de camisas, inclusive de clubes do exterior, que eu trouxe para eles (Síntese da argüição de Marsiglia proferida no programa Sala de Redação, no dia do jogo, 17/4/97).

Marsiglia foi tripudiado por quase todos os demais integrantes do programa. Acusaram-no de *puxa-saco*, *advogado da CONAF*, *oficialista* e outros designativos do gênero.

Sidrack apitou um pênalti de cada lado e expulsou, quase no final do jogo, o meia Arilson por insinuar, com o gesto habitual, que estava sendo roubado. A jornada esportiva da Guaíba foi mais longa do que a normal à medida que uma unidade móvel acompanhou o árbitro na delegacia onde se dirigiu para registrar a agressão. Foi seguido também por um grupo de torcedores enfurecidos: *Uh, vai morrer! Uh, vai morrer!* Haroldo de Souza comandou a cobertura da perseguição, uma verdadeira operação de “guerra”, do posto da Guaíba no Beira Rio. Passado algum tempo, ele já não tem tanta convicção acerca dos procedimentos adotados naquela oportunidade. Entretanto,

(...) não só o Sidrack é um cobra-mandada, como a maioria dos árbitros brasileiros são cobra-mandadas (...), há exceção de uns três ou quatro. (...) Não sei se naquele dia ele tinha sido cobra-mandada, mas que a maioria das vezes, quando vai decidir um jogo de nacional que envolve principalmente o futebol carioca e o futebol do Rio Grande do Sul, o árbitro é procurado, ah isso é! Contra São Paulo não, Minas Gerais não, agora, quando colocam o futebol carioca em choque é a mesma coisa que uma decisão Rio-São Paulo, é a mesma coisa que uma decisão Rio-Belo Horizonte; sempre, sempre, vai ter algum problema com a arbitragem porque ela vem sob encomenda. [Apesar do futebol carioca estar em decadência], eles têm todo o poder na mão. Você não pode admitir hoje, se nós temos Brasília centralizando todas as decisões (...), por que a CBF é no Rio de Janeiro? (Haroldo é paranaense com passagem pela Rádio Itatiaia de Belo Horizonte, pela qual narrou a Copa de 1974, antes de se transferir para a Gaúcha e, desde 91, está na Guaíba. Filiou-se recentemente ao PTB pelo qual pretende se eleger deputado estadual.)

Ibsen Pinheiro, na época vice-presidente de futebol do Inter e um dos artífices da retórica anti-Sidrack, também reconhece que os resultados da “cruzada” não foram os esperados. Embora afirme desconhecer qualquer prova formal evidenciando a

manipulação das arbitragens, concorda com uma “tese”, de Paulo Sant’ana, segundo a qual, a margem de interpretação que excede as regras do futebol é administrada de acordo com a conveniência; na dúvida, apita-se favoravelmente ao mais influente.

É mais fácil errar contra o Grêmio ou o Internacional do que contra Flamengo ou Corinthians, é menos arriscado para a carreira de um árbitro. Então, veja bem: um árbitro subornável, se é que existe, ele pode servir tanto ao Grêmio quanto ao Flamengo, mas um árbitro influenciável, este vai servir muito mais ao Flamengo. Agora, isso é da natureza das coisas! O Rio de Janeiro tem mais influência que Porto Alegre. É como nós nos queixarmos quando o New York Times faz comentários desfavoráveis ao Brasil. Ora, nós também podemos fazer comentários desfavoráveis aos Estados Unidos só que não produz efeito lá, enquanto o comentário desfavorável do New York Times produz efeito aqui. (...) No futebol brasileiro, Rio e São Paulo são centrais, Porto Alegre e Belo Horizonte são periféricos. É natural que Rio e São Paulo preponderem na imprensa, na renda, na escolha da CBF, do juiz (...). Agora, denunciar isso é uma forma de tentar anular; até mesmo exagerando. E se você vai no interior, o que dizem os dirigentes do interior? Ah não, eles roubam prá dupla Gre-Nal! É mais fácil errar a favor da dupla Gre-Nal do que a favor de um clube do interior? Em termos. No confronto direto sim, mas na medida em que o confronto interessa ao outro grande, aí não pode errar a favor do grande contra o outro grande. Então, aqui, a rivalidade Gre-Nal compensa, de certa forma, possíveis equívocos em relação aos mais fracos (Ibsen Pinheiro, advogado e jornalista, foi deputado federal pelo PMDB por vários mandatos consecutivos até ser acusado de corrupção e, posteriormente, cassado. Integrou “os mandarins”¹⁰⁸ no início dos anos 70 e retornou ao Internacional em 1996. Afastou-se do clube no segundo semestre de 1996 e retornou em 1997).

É interessante notar como Ibsen “naturaliza” as diferenças regionais. Ao proceder desta forma legítima o uso de determinados dispositivos, inclusive os que considera exagerados, para equilibrar as disputas. O futebol gaúcho teria que lutar até mesmo contra a força da “natureza”, como se já não bastasse a força das circunstâncias.

¹⁰⁸ Os mandarins constituíram-se num grupo de aproximadamente uma dezena de jovens que, depois de intensas discussões, aproximaram-se da Comissão de Obras do Beira Rio com um projeto ousado. Sugeriam mudanças no estatuto para que a referida comissão exercesse um mandato tampão de três anos, afastando da direção do clube antigas facções de forma que, neste vácuo, suas idéias pudessem ser implementadas. Segundo Ibsen, os mandarins - foram batizados por Luís Fernando Veríssimo em alusão aos antigos mandarins chineses que “tudo sabiam, tudo faziam mas poder não tinham” - pretendiam inaugurar o Beira Rio com títulos e para tanto era preciso mudar a “mentalidade” que fizera o Inter perder doze dos treze títulos gaúchos disputados entre 1956 e 68. Conseguiram impor algumas idéias mas sucumbiram, quatro anos depois, em razão das disputas internas, da acusação de “gremismo”, de comunismo mas, acima de tudo, pela polêmica em torno de Bráulio, um jogador “técnico” mas barrado por não preencher dois dos três mandamentos dos mandarins: força e velocidade; o terceiro, habilidade, Bráulio tinha “em demasia”.

Surpreendentemente, no Rio Grande do Sul o ímpeto da “natureza” foi como que domesticado graças à contingência ou, porque não, a astúcia dos gaúchos que se definiram pela polarização Gre-Nal e, conseqüentemente, pela transparência inerente à competitividade.¹⁰⁹ Seja como for, excetuando a conquista do Renner em 1954, a dupla Gre-Nal detém a hegemonia regional desde 1940.

Nem os temas atuais como a economia de mercado e a globalização modificam o substrato regionalista. O Palmeiras, a partir da parceria com a Parmalat, primeiro modelo de co-gestão ou clube-empresa a se beneficiar com Lei de Diretrizes e Bases do Desporto, também conhecida como Lei Zico, entrou em rota de colisão com o Grêmio. A rivalidade instituída de 1995 para cá não se limita ao futebol. Enquanto para alguns, o Palmeiras representa o maior avanço do futebol brasileiro nos últimos tempos, outros tantos lamentam a derrocada do amadorismo ainda presente no pertencimento clubístico; agora teríamos não mais torcedores mas consumidores e propagandistas. Para os primeiros a co-gestão, administrada por empresários ao invés de “cartolas”, seria a salvação do nosso futebol, ao passo que os segundos, como Fábio Koff, ex-presidente do Grêmio, se insurgiram diante da provável perda de autonomia política dos associados, conselheiros e dirigentes de clubes.

Estas e outras tantas divergências estão presentes numa crônica de Paulo Sant’ana publicada após Grêmio vs. Palmeiras pelo Campeonato Brasileiro de 1996.

A grandeza da classificação do Grêmio ontem em São Paulo talvez seja imperceptível a muita gente. O Grêmio ganhou do grande Palmeiras da Parmalat, do Palmeiras globalizado, do Palmeiras privatizado, do Palmeiras neoliberalizado. O Grêmio ganhou do maior time do Brasil, com certeza do maior time da América, o Grêmio passou por uma prova de fogo na maior cidade da América do Sul, esta São Paulo de estuante progresso, que assistiu inteira ontem, juntamente com todo o Brasil, a uma verdade irrefutável: o Grêmio é com justiça e propriedade o maior time do Brasil, para orgulho de nós gaúchos, que temos assistido nos últimos anos a esta equipe estupenda do Grêmio encher de civismo todos os filhos da Província de São Pedro (Paulo Sant’ana é comentarista da RBS TV e Rádio Gaúcha, colunista de ZH há mais de 25 anos e, embora atualmente escreva sobre temas diversos, notabilizou-se através do futebol e, principalmente, como torcedor gremista. In: ZH, 2/12/96).

¹⁰⁹ Ao comentar a instalação da Ford no Rio Grande do Sul, anunciada recentemente, Lasier Martins, da Rádio Gaúcha, lembrou da “tradição” competitiva deste estado. Segundo ele, a chegada da Ford era salutar à medida que criaria uma rivalidade com a General Motors, anunciada no início de 1997, e, assim sendo, consolidaria uma tradição de bipolaridade que viria desde chimangos e maragatos, passando pelo PTB e UDN até o Gre-Nal. Para ele, esta bipolaridade seria um dos elementos que explicaria a lisura e a pujança dos gaúchos, na política, no futebol e agora também na economia (Gaúcha Repórter, 1/10/97).

Deve-se observar, em primeiro lugar, que Sant'ana se refere ao "Palmeiras da Parmalat" e não ao Palmeiras-Parmalat o que, nas entre-linhas, faz crer que a propalada co-gestão, segundo seu ponto de vista, não passe da apropriação do clube pela multinacional. E não se trata apenas de uma divergência de princípios. Se já não bastassem o isolamento geográfico, a desfavorável correlação de forças políticas e as contingências próprias do jogo, o Grêmio, "orgulho de nós gaúchos", estaria, agora, enfrentando os interesses econômicos decorrentes da globalização e do neoliberalismo. E o mais importante: venceu-os. Mas, o que ocorre quando se dá o inverso? Dir-se-á que existe uma conspiração, um "esquema Parmalat" orquestrado para beneficiar o Palmeiras, como afirmou Fábio Koff, em junho de 1996 depois daquela "tragédia" descrita no capítulo anterior ("Para o que der e vier": Grêmio *versus* Palmeiras).

Se, por um lado, tais declarações serviram para reconfortar os gremistas, de outro, geraram indignação.

Torço para o futebol. Bem jogado, limpo, sem violência e sem vulgaridade. Não suporto o "ganhar a qualquer preço". Não suporto o "vale até gol de mão". O futebol é um terreno propício a um grande número de declarações infelizes, grosseiras. Pouca gente sabe perder. E pouca gente sabe ganhar. Sim, saber perder é tão importante quanto saber ganhar. Pois bem. Desde que a Parmalat assumiu a co-gestão do Palmeiras, corre à boca pequena que existe o "esquema Parmalat", que dá ao Palmeiras títulos que normalmente ele não conseguiria. (...) Não fosse o "esquema", o velho Palestra não teria ganho nem sequer um título. Não sou escoteiro, não sou ingênuo para achar que não existe corrupção no futebol. É claro que existe, e existirá. Mas só um bobo ainda não se convenceu de que não existe o tal esquema. Vejamos. O Grêmio foi o grande prejudicado em Porto Alegre, certo? Errado. Quem assistiu ao jogo viu que deveriam ter sido expulsos três gremistas - Arce, que bateu à farta, Paulo Nunes, que chutou um palmeirense depois da correta expulsão de Sandro, e como já o definiu muito bem o nosso Matinas, o moleque poltrão Danrlei, que chutou Cafu. Não viu quem não quis. Mas, depois que o tira-teima da Globo mostrou que o terceiro gol do Grêmio foi bom, pronto! Foi o esquema Parmalat! Fico pensando por que só se fala em esquema Parmalat. Por que não se fala em esquema Renner? O Grêmio, no melhor estilo subdesenvolvido, faz o diabo no Olímpico, seu estádio não é interdito (...). (Pasquale Cipro Neto, 41, é professor apresentador do programa "Nossa Língua Portuguesa", da TV Cultura. "Esquema Parmalat é choro de mau perdedor", in: FSP, 21/6/96).

Este contraponto é muito elucidativo à medida que desconstrói os discursos que punham em suspensão a idoneidade da co-gestão. Embora inocente a Parmalat, Pasquale admite que existe corrupção no futebol mas, em última instância, ela estaria

para o *fair-play* tal qual a vulgaridade, a grosseria e a violência; marcas do “melhor estilo subdesenvolvido” adotado pelo Grêmio. É evidente que adjetivos desta natureza provocaram a ira dos gremistas e até dos colorados, à medida que, mais dia menos dia, serão eles que estarão evocando as diferenças regionais e sendo acusados de subdesenvolvidos. Porém, como é possível contestar tais adjetivações se o discurso regionalista reivindica sua própria marginalidade? Este me parece um paradoxo central para o entendimento de como opera o gauchismo no futebol.

Em primeiro lugar, é preciso ter claro que a exaltação do adversário, antes e depois do jogo, constitui-se numa estratégia dos jogadores, técnicos e dirigentes para valorizar a vitória ou justificar a derrota.¹¹⁰ Em outras palavras, valoriza-se a si mesmo enaltecendo o adversário. O gauchismo no futebol opera este princípio de maneira extremamente exitosa. Ele transforma cada conquista numa verdadeira epopéia emprestando ao futebol uma gama variada de elementos com forte apelo emocional. Neste caso, a tarefa dos mediadores - narradores, cronistas, etc - consiste em captar no gauchismo determinados residuais e adaptá-los às conquistas futebolísticas.

Milagre! Milagre! Milagre!

Depois de quase morto no Maracanã de 100 mil flamenguistas, ressuscitou a garra farrapa do Grêmio, ressurgiu a flama maragata e chimanga do Grêmio, a tradição gaúcha da força, garra, combatividade, a alma ancestral da bravura gaúcha foi mostrada e lavada no gramado do maior estádio do mundo. Que vitória, que título, que extraordinária demonstração de obstinação, de fé no destino de vitória, que danação incrível no corpo e no espírito diante da adversidade. Simbolizada numa atuação de leão, numa reação de fera do grande Otacílio em todo o gramado.

Fantástico Grêmio, que detém agora os dois títulos de abrangência nacional, é campeão brasileiro e campeão da Copa do Brasil, não dá mais para nenhum paulista, nenhum carioca, nenhum brasileiro contestar esta grandeza gigantesca de um time provinciano, que agora ganha o Brasil como já ganhou duas vezes a América e o Mundo (Paulo Sant’ana; “Grêmio Supercampeão!” In: ZH, 23/5/97).

Se o futebol, em si mesmo, “não transmite mensagem” - “é uma seqüência de jogadas sem sentido em sua totalidade”, como afirma Gumbrecht (in: FSP, 24/9/97), então é preciso dotá-lo de algo que o transcenda. E assim procederam Paulo Sant’Ana

¹¹⁰ Pode-se perceber claramente esta “troca de gentilezas” na crônica de Paulo Sant’Ana, cujo fragmento foi reproduzido anteriormente. Já os torcedores me parecem um tanto alheios a este tipo de raciocínio. Claro que quando a vitória ocorre sobre um adversário qualificado o ufanismo é maior. Já na derrota, poucas ou raras vezes se percebe os méritos alheios e, é deste descompasso que surgem as vaias; manifestação pública de repúdio ao próprio time, uma prerrogativa da qual os dirigentes não dispõem pois sua ação, objetiva a preservação dos “interesses do clube” que são também os seus.

na crônica acima e Pedro Ernesto na narração dos gols colorados, reproduzida no início deste sub-capítulo.

Ganhar e perder podem ser consideradas contingências do jogo e, como tal, prestam-se apenas para tornar claro quem e o que se perde ou ganha. Trata-se de um gesto de reciprocidade do Grêmio, do Internacional e mais recentemente do Juventude, para com o gauchismo que lhes empresta sentido. Quando os clubes gaúchos vencem, o gauchismo também vence e, quer queiram quer não, ele se atualiza e se envaidece.

Então eu acho que quando um clube do Rio Grande do Sul ganha um campeonato nacional, não é porque ele é melhor que os outros, é porque ele é muito melhor que os outros. Agora, quando um clube do Rio-São Paulo ganha um campeonato brasileiro é porque ele é, eventualmente, pouca coisa melhor que a média. Ou, por outra, é possível um time medíocre como o Botafogo ganhar o campeonato brasileiro de 95. Para o Rio Grande do Sul é muito difícil isso acontecer com um time que não esteja num nível de excelência (Ibsen Pinheiro, colorado).

Se o Tradicionalismo empresta subsídios aos discursos enunciados no futebol, este último mostra-se generoso pela forma com que opera tal discursividade. Através do enfrentamento e, portanto, da disjunção, o futebol permite uma comparação entre “nós”, os gaúchos, e os “outros”, sejam eles cariocas, paulistas ou brasileiros em geral. Enquanto os CTGs, por exemplo, promovem uma espécie de culto à própria identidade, os times gaúchos possibilitam mostrar aos “outros” não apenas quem ou o que “somos” mas quão poderosos “nós somos”. E é nesta complementaridade que reside a força do regionalismo e, mais especificamente, da parceria gauchismo-futebol.

5.2. Encaixes e desencaixes do estilo gaúcho no futebol-arte

Afirmar na primeira parte deste capítulo que o Brasil não é propriamente o “país do futebol” mas “dos futebolis”, no plural, e isto não se deve exclusivamente ao fato de ser jogado em vários lugares e por pessoas e grupos igualmente distintos. Subjacente aos “futebolis”, existe uma noção estética que, manifesta no estilo, institui determinadas diferenças reconhecidas tanto pelos *experts* quanto pelo público torcedor.

Disse também que, mesmo contestado em determinadas circunstâncias, o futebol-arte tem servido como parâmetro comparativo aos demais estilos praticados e discutidos no Brasil. Enquanto sinônimo de brasilidade, ele permite expressar

inúmeros aspectos relativos ao caráter nacional ou, se se preferir, como DaMata (1982), o futebol-arte dramatiza a realidade brasileira.

Uma dessas realidades, a qual deverei me ater, envolve as questões regionais e, para compreendê-las, é preciso retomar “A contribuição fundante de Gilberto Freire” (5.1.1.1. deste capítulo). Além das considerações já suscitadas deve-se, como ponto de partida, reconhecer na referida “contribuição” um discurso de segunda ordem. Em outras palavras, Freire converte certos “traços das identidades regionais” em símbolos de brasilidade. Ao evidenciar a presença da malandragem, da molecagem e da capoeiragem no estilo brasileiro, ele opera um recorte na multiplicidade dos “futebóis”, deixando uma fratura que, como explicitarei a seguir, permanece exposta até os nossos dias.

Trata-se, na verdade, de uma tensão endêmica à construção da identidade e da memória nacional. Como demonstra Ortiz (1994:127-42), a integração dos valores populares e nacionais concretos em uma totalidade mais ampla, que os engloba e os transcende, se caracteriza como um processo inacabado, constantemente problematizado e atualizado. Nesta perspectiva, não é de se estranhar o fato do “futebol-arte” ser contestado de tempos em tempos; ele é uma construção de segunda ordem e, portanto, permeado de paradoxos. A realidade é o time do Grêmio, do Corinthians, do Bahia ou outro qualquer, enquanto o “futebol-arte” é uma “ficção” com pretensões à totalidade. Nesta perspectiva, padece de um “essencialismo” endêmico que, se por um lado, permite expressar de forma clara as diferenças em relação ao estilo europeu - igualmente reificado -, de outro, cria um mal-estar para os “futebóis” que não se percebem ou não são percebidos como portadores da malandragem, da capoeiragem e assim por diante.

5.2.1. O Grêmio e o mal-estar no futebol-arte

Se se pretendesse uma definição abrangente acerca do impacto das recentes conquistas do Grêmio no cenário nacional e continental, poder-se-ia afirmar que estas se caracterizaram como um mal-estar no futebol-arte.¹¹¹ Este mal-estar foi decorrente da eficácia de um estilo de jogo considerado diferente e, em determinados momentos, oposto ao brasileiro. Para os adeptos do “futebol-arte”, o dilema consistia em como e

¹¹¹ Sobre as recentes conquistas do Grêmio cf. Tabela II, em “Anexos”.

onde enquadrar o estilo adotado pelo Grêmio, já que este clube, sendo gaúcho, era brasileiro mas, paradoxalmente, afrontava uma concepção de futebol que é, em si mesma, sinônimo de brasilidade. Já os defensores do estilo gremista tinham a difícil tarefa de fazer crer aos primeiros que o Grêmio, apesar das diferenças, ainda era um time brasileiro. Mas, como reivindicar esta inclusão se eles próprios sugeriam a incompatibilidade das diferenças? Eis a razão das disputas e a seguir se verá como este jogo se processou nas arquibancadas e na mídia.¹¹²

5.2.1.1. O antiestilo

Em 1995, eu ainda não havia decidido qual seria o tema desta dissertação, embora já me inclinasse para o futebol. Mesmo assim, um fato ocorrido em um jogo entre Grêmio e São Paulo, pelas quartas-de-final da Copa do Brasil, me chamou atenção. Lá pela metade do segundo tempo, quando o Grêmio marcou o segundo gol, os torcedores da arquibancada se puseram em pé para, ao invés de reverenciar os jogadores gremistas, xingar os são-paulinos. Um pequeno grupo iniciou o coro: *Uh, uh, uh, paulista pau no cu!* Antes que este se tornasse uníssonos, um torcedor tentou corrigir o que, inclusive para mim, se caracterizava num equívoco. *É são-paulino pau no cu e não paulista*, disse o anônimo torcedor, sem contudo ser atendido. Os demais não lhe deram ouvidos e, assim sendo, os paulistas e não apenas os jogadores, a comissão técnica e torcedores do São Paulo Futebol Clube, é que foram xingados naquela e em outras tantas oportunidades em que eu, mais atento, pude registrar daí em diante.

O xingamento não se constituía propriamente num equívoco consideradas as críticas que o Grêmio vinha sofrendo no centro do país, especialmente na mídia paulista. Era em razão destas opiniões adversas que os torcedores se insurgiam e não apenas contra o time do São Paulo. Mas havia também uma coincidência: Telê Santana, talvez o mais prestigiado dos técnicos brasileiros e um dos primeiros a

¹¹² Quando me refiro às arquibancadas, tenho em mente a torcida gremista, especialmente suas manifestações coletivas, sejam elas advindas das ruas, das excursões ou mesmo do Estádio Olímpico. Já em relação à “mídia” gostaria de fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, devo deixar claro que parto do princípio de que os discursos no futebol se caracterizam por uma espécie de circularidade, de tal forma que dirigentes, cronistas e torcedores se comunicam entre si e, portanto, a atuação de uns e outros não pode ser dissociada. Em segundo lugar, devo advertir o leitor que tentarei evitar, ao máximo, o uso de termos genéricos como “imprensa gaúcha”, “paulista”, “opiniões do centro do país” e assim por diante. Quando isto não for possível, entenda-se, por “imprensa gaúcha”: os jornais Zero Hora e Correio do Povo as rádios e Tvs Gaúcha, Guaíba e Bandeirantes. E, em relação à “imprensa paulista”: “Folha de São Paulo” e, num segundo plano, “O Estado de São Paulo” e “Gazeta Esportiva”; programas “Apito Final”, da Rede Bandeirantes e “Cartão Verde”, TV Cultura.

contestar o estilo gremista, era o técnico do São Paulo naquela oportunidade e, como tal, tornara-se uma espécie alvo ao alcance dos xingamentos.

O Grêmio já tinha eliminado o Palmeiras num jogo tumultuado no Parque Antártica, em São Paulo; desclassificado o próprio São Paulo de Telê e o Flamengo, de Wanderley Luxemburgo, em dois jogos marcados por expulsões e incidentes extra-campo. Quando chegou às finais, diante do Corinthians, o Grêmio já tinha contra si uma opinião nada favorável.

A final da Copa do Brasil reveste-se de importância porque vale uma vaga para a Taça Libertadores, que nós, no São Paulo, já vencemos duas vezes. É a porta de abertura para um eventual título mundial. A decisão entre Corinthians e Grêmio, que tem gerado muitas discussões entre os aficionados pelo futebol, está virando uma “guerra”. Como eu defendo o futebol limpo, bem jogado, não posso concordar com um clima assim. (...) O Grêmio é um bom time, mas, em diversas ocasiões, torna-se violento. Tanto é verdade que, em quase toda a partida, algum jogador gremista é expulso (in: FSP, 18/6/95).

Se a acusação de violento dirigida a um atleta gera polêmica, muito mais controversa é a mesma acusação referindo-se a uma equipe. Foi justamente isto que fez de Telê Santana inimigo declarado dos gremistas, desde o vestiário até as arquibancadas. Nem um pouco preocupado com as objeções, culpabilizou o técnico Luiz Felipe, seu colega de profissão, pelo comportamento do time. Depois da decisão, vencida pelo Corinthians, Telê se manifestou da seguinte forma:

Continuo batendo na mesma tecla: futebol não se ganha fora de campo. Eu já havia dito que os gremistas iriam colocar seguranças no gramado, que haveria ameaças (...). Não seria bom para o futebol que eles ganhassem assim (...). Eles têm uma boa equipe, mas ela poderia ser melhor aproveitada. Jogando futebol, o Grêmio poderia ter tido melhor sorte. Quanto à arbitragem, acho que o juiz poderia ter sido mais rigoroso com o Grêmio. Houve pelo menos dois lances em que o time de Luiz Felipe bateu muito duro. Foram lances que poderiam e deveriam ter resultado em expulsões.

O time gaúcho é um reflexo do Luiz Felipe, seu treinador. Na época em que ele era jogador, sempre foi considerado um atleta violento. Tinha pouca técnica e fazia muitas jogadas agressivas. O Grêmio, em certas ocasiões, mostra-se uma equipe desleal (...) (in: FSP, 25/6/95).

Para legitimar sua posição, a esta altura muito contestada, pelos gremistas e pela mídia porto-alegrense, Telê evocou sua experiência e englobou, no rol dos violentos, o futebol gaúcho como um todo.

Futebol não é violência. Futebol é espetáculo. (...) Em 1977, quando fui trabalhar no Grêmio, encontrei o futebol gaúcho numa situação triste. Quando se enfrentavam, os jogadores de Grêmio e Internacional não se preocupavam em jogar, mas apenas em dar pontapés e em reclamar do árbitro. Consegui convencer meus jogadores a mudarem de atitude, mas os do Internacional continuaram com a mesma mentalidade. Por isso, naquele ano fomos campeões estaduais, interrompendo uma série de oito títulos do nosso rival (FSP, 30/7/95).

É interessante notar como a acusação de violência suscitada por Telê Santana segue uma espécie de “efeito dominó”. Ele inicialmente contesta os jogadores, mais tarde o técnico e os dirigentes e, por extensão o clube, até chegar ao futebol gaúcho. Ao evocar sua experiência em 1977, ele está, simultaneamente, sugerindo que os gaúchos sempre estiveram às voltas com o antijogo e colocando-se na posição de um moralizador exógeno, como se os gaúchos, por conta própria, fossem incapazes de perceber seus equívocos.

Na verdade, Telê não era o único a tripudiar o estilo gremista. Marcos Augusto Gonçalves, editor da “Folha”, tomou um depoimento de Luís Felipe veiculado no programa “Cartão Verde” - exibido pela TV Cultura em 27/8/95 - para exemplificar a competitividade exacerbada no universo futebolístico.

Queiram ou não seus fãs, entre os quais me incluo, o fato é que o futebol - o jogo em si e a rede de discursos e práticas que o envolve - vem se mostrando não uma metáfora, mas um verdadeiro prolongamento da guerra. A ideologia que cercou a atuação do Brasil (mas não só) na Copa de 94 é sintomática: não interessa o “romantismo” da técnica e da fantasia. Interessa o “hiper-realismo” da vitória, o esquema militarmente cumprido, o resultado final para o velhaco gozo nacionalista. Que ganhe meu país e meu time, não o futebol. No domingo, por exemplo, ouviu-se na TV o senhor que treina o Grêmio (time que se não vence por pontos vence por nocaute) dizer que o violento jogador Bernardo foi o artífice das recentes conquistas do Corinthians, não o requintado Marcelinho. É essa a cabeça vitoriosa do futebol atual. E é esse universo violentamente competitivo, sectário, machista e chauvinista que empresta máscaras para cobrir os rostos revoltados e sem identidade social dessa legião (...) que cresce nas franjas do admirável e cruel mundo novo em que vivemos (in: FSP, 31/8/95).

A condenação do “futebol atual” não chega a constituir novidade, tampouco a contundência da argumentação. Deve-se ressaltar, porém, o uso do depoimento de Luiz Felipe para exemplificar as práticas e discursos “hiper-realistas” que, segundo Marcos Augusto, seriam responsáveis pela onda de violência entre as Torcidas Organizadas em

São Paulo.¹¹³ Mesmo que sua apropriação seja legítima, é importante destacar o fato da crônica ter sido publicada exatamente no dia subsequente à conquista da Libertadores da América pelo Grêmio. Em outras palavras, a chamada da Rede Globo, “o Grêmio é o Brasil na Libertadores”, parece não ter tido boa receptividade, pelo menos para aqueles que, como Marcos Augusto, prefeririam ver outra “cabeça vitoriosa”. E, diga-se de passagem, eram muitos; se considerarmos a opinião de Paulo Renato Souza, Ministro da Educação.

Ao acompanhar jogos do Grêmio por rádios e TVs de São Paulo e do Rio, tenho a impressão de que estão se referindo a um time estrangeiro. Contra o Flamengo, o locutor de uma emissora de alcance nacional deixou escapar um “nossa sorte é que fulano (do time do Rio, claro) está bem na cobertura”. Nossa sorte, ora vejam! Agora, a mídia do centro do país elegeu a violência como o pior defeito do futebol do Sul. Ocorre que qualquer estatística sobre número de faltas ou jogadas perigosas prova o contrário: a dureza no jogo e o abuso da violência atingem equipes de todas as regiões do país. Falta objetividade à cobertura do futebol, que coloca o regional acima do sentimento nacional. Talvez isso aconteça até mesmo no Sul (Paulo Renato Souza, 49, é filho de Renato Souza, ex-presidente administrativo e do conselho deliberativo do Grêmio. In: FSP, 21/6/95).

Paulo Renato evoca pelo menos dois aspectos importantes presentes nos debates da época. O primeiro é a acusação de violência dirigida ao Grêmio e ao futebol do Rio Grande do Sul, amplamente disseminada no centro do País. Segundo Paulo Renato, este “mito”, decorrente de “falta de objetividade” na imprensa, estaria criando uma espécie de estereótipo pouco condizente com os gaúchos. O segundo, corolário do primeiro e, na minha perspectiva, o ponto central das discussões, evoca o desencaixe do Grêmio do futebol nacional - “tenho a impressão de que estão se referindo a um time estrangeiro”.

Mais tarde, esta questão se resolveria de forma satisfatória, mas antes que isto ocorresse pôde-se registrar muitas polêmicas. Ainda em 95, o Grêmio viajaria a Tóquio para enfrentar o Ajax, de Amsterdã, valendo o título Mundial Interclubes. O representante da América do Sul e, para alguns, do Brasil, perderia nos pênaltis. Tristeza dos gremistas, alegria dos colorados - justificadamente - e de outros tantos críticos que viam no Grêmio pouco ou nada além da violência.

Na Copa do Brasil, o time do Grêmio deu porrada em Sávio e Juninho e tirou o Flamengo e o São Paulo da competição. O Grêmio só não foi campeão porque encontrou o Corinthians, líder em cartões vermelhos

¹¹³ Sobre a questão da violência entre as Torcidas Organizadas em São Paulo cf. Toledo (1996a).

do Paulistão 95. Na Libertadores, todos viram a pancadaria contra o violento Palmeiras, time que o Grêmio também tirou da Copa do Brasil, depois de três expulsões. Em Tóquio não podia ser diferente. O Grêmio deu porrada, teve jogador expulso, muitos cartões amarelos e tomou um verdadeiro passeio em campo. Mas desta vez a sorte esteve com quem buscou jogar bola, mesmo que uma bolinha meio sem cintura como a dos holandeses do Ajax. Como escreveu o correspondente Brian Homewood (Esporte, 24/11), “o futebol violento do Grêmio não faria tanto sucesso na Europa...” (Fernando de Sampaio Barros, São Paulo, SP. “Painel do Leitor”, in: FSP, 3/12/95).

Então, todos no centro do país contestavam o Grêmio? Alguns cronistas, como Matinas Suzuki, por exemplo, percebiam certos méritos no estilo gremista. Depois da decisão em Tóquio, Matinas renunciou - equivocadamente -, o desmantelamento do time e fez questão de registrar que “se ficar o mito de um time violento, será injusto. Ele deveria ser lembrado por ter sido um time de disciplina tática, que se posicionava e marcava modernamente” (in: FSP, 30/11/95).

Moderno? Era tudo o que os gremistas reivindicavam. Porém, em seu balanço futebolístico de 1995, o já citado Marcos Augusto Gonçalves, fez o seguinte comentário:

Muitos acrescentariam ao rol dos avanços a competitividade demonstrada pelo Grêmio. Aqui, prefiro ser cego com Ray Charles ou Stevie Wonder e lúcido como Tostão (...). Esse negócio de time de "pegada" pode funcionar, mas não será da mentalidade do "full-contact" que o futebol brasileiro extrairá suas vantagens comparativas. Certo, Danrlei? (FSP, 4/1/96)

O ano de 1996 parecia iniciar nada favorável à imagem do clube gaúcho; pelo tom da crítica era custoso acreditar que 95 tivesse acabado.¹¹⁴ De fato, o Grêmio teria várias competições a disputar, com enfrentamentos diretos contra equipes como o Botafogo e Corinthians, pelas oitavas e quartas-de-final da Libertadores, respectivamente, e o Palmeiras pelas semifinais da Copa do Brasil. Outra vez o Palmeiras e novamente jogos tumultuados, uma verdadeira “guerra” iniciada no Parque Antártica e continuada no Olímpico.¹¹⁵

¹¹⁴ A respeito das acusações de violência dirigidas ao Grêmio e veiculadas pela “Folha” entre 94 e 97 cf. Tabela III, em “Anexos”.

¹¹⁵ Desclassificado de ambos os torneios - na Libertadores, depois de ter passado pelos clubes brasileiros, sucumbiu diante do América de Cali - o Grêmio teve de se voltar ao Gauchão e contentar-se em *azedar o “leite B”*. Sendo a Parmalat uma multinacional voltada à industrialização de laticínios, o Grêmio tornou-se, para a jocosidade dos torcedores, uma espécie de bactéria ou fungo capaz de azedar tanto o leite “tipo A”, associado ao Palmeiras, quanto o “B”, relativo ao Juventude - que também é patrocinado pela Parmalat. Como o Palmeiras só conseguiu superar o Grêmio em uma oportunidade, a Parmalat julgou necessário contratar Luís Felipe, técnico do Grêmio nas temporadas de 95 e 96, que está

A acusação de violência, que havia deslocado o Grêmio não apenas do futebol-arte mas do futebol e do esporte como um todo voltaria à tona. O estilo gremista, para muitos um antiestilo - já que falar em estilo violento é deveras complicado - se caracterizava, na visão de seus críticos, como uma espécie de versão futebolística do *punk*: agressivo, subdesenvolvido, enfim, um tremendo “mau gosto”.

No domingo, dia da decisão do Campeonato Brasileiro entre Grêmio e Portuguesa, “O Estado” publicou uma crônica de Aldir Blanc na qual o poeta e compositor afirmava torcer ardorosamente pela Portuguesa e desdenhar o estilo gremista.

Não acho que o time do Grêmio seja apenas viril, valente, “pegador”, como querem alguns. É também desleal. Foi um prazer vê-lo batido pela Portuguesa, enredado na tática de Candinho, um técnico ponderado, que não é visto nas derrotas gritando ameaças e palavrões na margem do campo. Se o Grêmio vencer a Portuguesa no jogo de hoje, em seu campo, que o faça na bola e não nas canelas do adversário ou jurando transformar o saco do juiz e dos bandeirinhas em boleadeiras, tchê.

Mais adiante, afirmava ser também vascaíno, clube carioca fundado por portugueses, e preferir “a eliminação com Carlos Germano e Edmundo a ser campeão com dois paraguaios na zaga”; caso do Grêmio, que mantinha entre seus quadros Arce e Rivarola.

Prá encerrar, parodio canhestramente o estilo inimitável de Néelson Rodrigues, patrono dos cronistas tresloucados: cada vez que um atleta do Grêmio dá um carrinho desleal nos diáfanos tornozelos do adversário, vejo em campo, de camisa tarjada de negro, o general Garrastazu Médice, mutilando a grama, à testa de uma tropa de centauros torturadores, com ferraduras superfaturadas (in: OESP, 15/12/96).

A Portuguesa foi derrotada, mas isto não impediu que Aldir Blanc voltasse à carga, no domingo seguinte, culpabilizando o árbitro por ter permitido as jogadas desleais.

Vocês pensam que eu ia sair de fininho? De jeito nenhum. Não retiro uma só palavra da crônica de domingo passado.(...) Ainda no primeiro tempo, um *atreto* do Grêmio fez uma falta e, com o jogador da Lusa estendido no chão, outro gremacho-chô, se não me engano o inotável Dinho, foi chegando com um jeitão sonso e pisou em cheio na mão do adversário. Coisa de crápula, de canalha, de pilantra. Jogo que segue e

agora no Palmeiras como uma espécie de antídoto a serviço da multinacional. Se esta especulação procede, é difícil saber. Seja como for, no primeiro Palmeiras (com Luis Felipe) *versus* Grêmio (sem Luis Felipe) deu Palmeiras por 5 a 1.

outro jogador da Portuguesa cai (...). Pois não é que um broncocentauro passou, tranqüilamente, pisando no corpo do jogador caído? (...) Um terceiro: um gremásculo cometeu um carrinho, com as duas patas levantadas a 1 metro do chão (...) que acertou pra valer joelho, coxa, virilha, etc., do jogador luso, e nada. Três momentos vergonhosos para o futebol brasileiro, puníveis com expulsões sumárias, sem direito à vacilação. Não foram “jogadas viris no calor do embate” ou outra desculpa esfarrapada qualquer. Foram agressões, duas delas premeditadas, imorais, sujas. E nada (in: OESP, 22/12/1996).

Ao contrário da maioria dos profissionais da crônica esportiva, que geralmente omitem a paixão clubística pois se pretendem imparciais, Blanc manifesta claramente sua inclinação pelos clubes lusitanos - Portuguesa e Vasco. Talvez por esta razão - ele se posiciona como torcedor - sua crônica não contenha meias-palavras e, por isso mesmo ela é reveladora. Os termos utilizados por Blanc para se referir aos “atretas” gremistas - gremásculos, broncocentauros, etc - tocam fundo na questão da masculinidade e, ao suscitar uma comparação entre o estilo gremista e a figura do ditador Médice, ridiculariza também o estereótipo do gaúcho, excessivamente másculo e, como tal, grosseiro.

5.2.1.2. Violento não, pegador!

Apesar da acidez de Aldir Blanc, depois de quase três anos de acaloradas discussões, o Grêmio alcançava, senão a unanimidade, pelo menos a dignidade. Na proporção direta de suas conquistas - regionais, nacionais e continentais - o Grêmio ganhava credibilidade, especialmente fora do Rio Grande do Sul. Contudo, permanecia uma tensão em torno dos adjetivos e, por extensão, do enquadramento ao qual o Grêmio deveria ser submetido. A pura e simples acusação de violento perdera legitimidade mas, nem mesmo os gremistas, ousariam aproximar o estilo do Grêmio ao futebol-arte.

Antagonismo ainda mais profundo é o de Grêmio e Goiás. Um, gaúcho, tradicionalista, forjado há tempos nas disputas de morte do tipo atual, sólido na marcação esquivo no ataque, com timbre internacional. Outro, do Brasil Central, jovem, quase imberbe, lépido como um currupira esgueirando-se pelas matas virgens como a cor e a tradição de sua camisa, com os pés virados ao contrário só para dar a ilusão de que vai quando vem.

Você olha o Grêmio, e vê o paraguaio Rivarola, de bombachas. Você olha o Goiás, e vê Lúcio, saci de duas pernas ágeis e matreiras. Como se vê, dois estilos, nenhuma previsão (Alberto Helena Jr., in: 4/12/96).

A comparação é paradigmática. Ela não apenas atualiza o quadro “futebol brasileiro X futebol europeu”, apresentado no início deste capítulo, como coloca o Grêmio do lado direito, mais para o futebol-europeu, platino, gaúcho quem sabe. O certo é que ele representa a antítese do futebol-arte, como se pode perceber numa crônica publicada pelo mesmo Helena Jr., ainda no primeiro semestre de 96, no dia do primeiro jogo entre Grêmio e Corinthians, valendo classificação às semifinais da Libertadores.

(...) O Grêmio, campeão [da Libertadores no ano anterior], é essencialmente vibração, embora harmonizada com sabedoria pelo técnico Luiz Felipe e maturada pelo longo tempo em que esses jogadores atuam juntos.

O diabo é que o estilo do Grêmio me lembra sua antítese, em matéria de brilho - o drible de Garrincha. Todo mundo sabia de cor e salteado quais os movimentos que faria, sempre para a direita. E ninguém conseguia impedi-lo de repetir a jogada hipnótica e fatal. Assim é o Grêmio. Joga fechadinho, duríssimo na marcação, partindo para os contragolpes que culminam invariavelmente no cruzamento para o cabeceio de Jardel. E assim vai o Grêmio construindo sua legenda (“A palavra de ordem hoje é ‘Vai, Corinthians!’”, in: FSP, 15/5/96).

Esta crônica traduz o que poder-se-ia considerar uma opinião generalizada sobre o estilo gremista. Ele era eficiente e, portanto, era bom. Mas era também a antítese de Garrincha, um dos símbolos do futebol-arte e, sendo assim, não era tão belo.

Pois o Grêmio é um campeão muito peculiar, cuja força maior, além da tradição, repousa num treinador competente e num elenco unido até a morte. Olha-se o Grêmio como um todo, uma combinação de setores e fatores que quase sempre dá certo. Não se vê individualidade, exatamente porque ela se anula em função do conjunto. As estrelas não brilham. Só o Grêmio (Alberto Helena Jr.; “Campeão tem um elenco unido até a morte”, in: FSP, 18/12/96).

Como se percebe, há elogios à tradição, à competência do treinador e principalmente, à coletividade. “Não se vê individualidade, exatamente porque ela se anula em função do conjunto” é mais do que uma simples constatação. Mesmo que implicitamente, o estilo gremista é deslocado do cenário nacional. Ao contrário do futebol-arte, o sucesso do Grêmio reside na coletividade, no espírito de grupo, na superação, na solidariedade e em outros tantos valores que, se não anulam as individualidades, colocam-nas em segundo plano.¹¹⁶ “As estrelas não brilham”, o

¹¹⁶ Matinas Suzuki sugeriu, inclusive, “um paralelismo” entre este “espírito de solidariedade” e “o comportamento político-social do gaúcho, único na vida brasileira” (FSP, 3/8/95). Para alguns o “espírito de solidariedade”, a partir do qual os talentos individuais eram negligenciados em função da coletividade, explicaria o fato do Grêmio, apesar de campeão brasileiro, não ter nenhum atleta convocado para a

Grêmio não tem “garrinchas”, “leônidas” e “deners” ou, se os tem, trata de convencê-los a disporem seus talentos a serviço da coletividade. Opinião partilhada, desde sempre, pelos cronistas gaúchos e expressa, mais tarde, por Ruy Carlos Ostermann.

O Grêmio fechou na quinta-feira um ciclo de vitórias, quase todas heróicas. A dimensão do heroísmo é uma prova de resolução dos problemas no limite do possível. Não houve um jogo desse ciclo de acontecimentos exitosos que oferecesse à contemplação da crítica ou do torcedor a margem de vantagem, facilidade ou aproveitamento que superasse a condição de dor e sofrimento que cada vitória carregou nas costas. Por isso, a melhor explicação para o sucesso dos muitos times do Grêmio (...) não está no plano das considerações tático-estratégicas. Está na profunda realidade da bravura coletiva, da coragem individual e do time. Enfim, está justificada em valores permanentes da luta, da guerra e do conflito bem resolvido. E poucas dimensões vitoriosas de um time servem mais a esse momento difuso do futebol brasileiro. O time do Grêmio não tem um astro consumado, de altíssima voltagem técnica como os principais brasileiros têm ou imaginam ter. Tem, ao contrário, um grupo que sabe jogar basicamente o futebol, tem boa técnica, mas que só se vale disso depois de ter quebrado a resistência ofensiva do adversário e de assegurado de que a bola é o primeiro triunfo dos times vitoriosos. É essa identidade de guerra, luta e afirmação coletiva que está concedendo ao Grêmio as benesses de jogos encruados resolvidos positivamente, pelo regulamento ou pelo escore, na unha. A unha pródiga do jogo (in: ZH, 24/5/1997).

Na verdade, seja por intermédio de seus dirigentes, comissão técnica e jogadores, ou mesmo dos torcedores e da crônica gaúcha, o Grêmio nunca pretendeu ser reconhecido como um protótipo do futebol-arte. Muito pelo contrário, os qualificativos empregados, quase que unanimemente, pelos segmentos acima citados, situavam-no do lado direito do quadro referido em “A contribuição fundante de Gilberto Freire”. Nesta perspectiva, o Grêmio era o mais europeu e, por extensão, moderno, e também o mais portenho e, conseqüentemente, obsoleto dos times brasileiros. Isto não significa que o futebol dos vizinhos uruguaios e argentinos, com os quais os brasileiros rivalizam desde o princípio do século, seja considerado antiquado. O que sempre se disse é que eles são tão competitivos a ponto de usar dispositivos contrários ao *fair play*. E o Grêmio era um exemplo desta competitividade, por vezes excessiva, incompatível com o futebol-arte que caracteriza a “tradição” brasileira.

seleção; ao contrário do Palmeiras que, mesmo eliminado teve seis de seus jogadores solicitados por Zagallo. Para outros, como Juca Kfourri, estava-se cometendo injustiça com o Grêmio e chegou até a ironizar: “(...) o Grêmio deveria pedir inscrição no Campeonato Alemão, porque parece que não é considerado um time brasileiro” (“Zagallo e o Grêmio”, in: FSP, 13/12/97).

De qualquer forma, o Grêmio se colocou, intencionalmente, numa posição de enfrentamento do que poderia ser denominado de *status quo* do nosso futebol. Se existia algum tipo de reivindicação nesta atitude, e isto me parece evidente, ela tinha por base a afirmação das diferenças e, considerando-se que o Grêmio foi exitoso dentro de campo, tal reivindicação poderia ser resumida da seguinte forma: *nós, gremistas, representantes dos gaúchos, somos diferentes por que temos uma concepção singular do futebol e, simultaneamente, somos os melhores à medida que nosso estilo atesta sua eficácia na razão direta das conquistas do Grêmio.*

Nos últimos três anos o Grêmio foi o representante do Rio Grande do Sul mas este raciocínio é extensivo também ao Internacional e, vez por outra, ao Juventude. Ou, se se preferir, ao êxito de qualquer clube gaúcho.

As vitórias de Inter e Grêmio sobre Botafogo e Vasco da Gama, sábado, foram a reafirmação plena de uma idéia moderna de se jogar futebol contra outra, superada e desprezível por conter a negação do principal objetivo de uma disputa que é vencê-la. A perplexidade desencantada, vertida pelas emissoras de rádio do Rio de Janeiro sobre a campanha do Internacional, mostra que os colegas cariocas não são bons alunos. Desde 1975, quando o Inter desbancou o Fluminense, considerado um time quase insuperável na velha corte, o futebol gaúcho vem repetindo lições que não conseguem sensibilizar a festiva comunidade carioca. Só no sábado foram duas, uma no Maracanã e outra no Olímpico. Uma conformada e antiga expressão popular fala em “pobre, mas café bem doce”, o que equivale a “perder, mas jogando bonito”. O futebol gaúcho é mais pragmático. Prefere “vencer, mesmo jogando feio”. Questão de gosto (Wianey Carlet; “Sábado Gaúcho”, in: ZH, 8/9/97).

E de onde provém este pragmatismo tão ao gosto dos gaúchos?

(...) Nós temos uma influência natural dos uruguaios e argentinos, além da nossa formação específica. Então o futebol não pode estar dissociado deste contexto e, evidentemente, quando se diz que uma equipe do Rio Grande do Sul é mais aguerrida que uma equipe carioca, não está sendo dito que ela é apenas isso porque ela é orientada por um treinador eventual. Mas porque ela tem, me parece, o gaúcho tem uma característica atávica que ele leva prá dentro do futebol. Agora, também existiram grandes equipes do Rio Grande do Sul que tiveram o concurso de jogadores de fora do Rio Grande do Sul; jogadores importantes e que desempenharam papéis importantíssimos tanto no Grêmio quanto no Internacional. Mas, esses jogadores, quando chegaram aqui, tinham um estilo de futebol que foi se modificando no contato com outros jogadores gaúchos. E é curioso que eu tenho ouvido de treinadores, e recentemente eu ouvi isto: toda vez que o Grêmio e o Internacional tem no seu time um grupo de jogadores predominantemente gaúchos ou vindos das categorias de base, tanto o Grêmio quanto o Inter são vitoriosos. Eu

tenho ouvido seguidamente esta afirmação e ela está sujeita até a uma verificação. Mas, me parece que o jogador formado aqui, nascido no Rio Grande do Sul, tem mais conhecimento da importância da camiseta do Grêmio ou do Internacional, ele tem mais conhecimento da rivalidade. E, se ele tem mais conhecimento da rivalidade, ele tem mais conhecimento do seu compromisso face a esta realidade, o que não ocorre com o jogador pernambucano carioca ou baiano, que chega aqui, passa ligeiramente, dá sua contribuição remunerada e volta a jogar em outro lugar.

- Sim, mas o Dinho é o oposto disso. Como é que um sergipano pôde ser elevado a símbolo de uma equipe que se diz ter alma gaúcha?

O Dinho não foi elevado a símbolo do Grêmio porque ele é sergipano. Ele foi elevado à símbolo do Grêmio porque ele é um gaúcho nascido no Sergipe. Quer dizer, em matéria de temperamento. O temperamento do Dinho é um temperamento gaúcho. Se disserem que o Dinho nasceu no Rio Grande do Sul, ninguém vai sentir falta do nascimento do Dinho em Sergipe ou em outro estado do Nordeste.

- Então o gauchismo independe de fronteiras?

(Pequena pausa) Eu acho que existe um estilo de comportamento, existe um estilo de caráter. Quando um indivíduo é capaz de superar adversidades, através de seu esforço, da sua nobreza de caráter e da sua valentia, ele está tendo uma atitude gaúcha; não importa se isto é na Amazônia ou no Maranhão. Me parece que é uma forma de comportamento perante a vida, perante os desafios da vida. E o gaúcho é muito isso, ele não se deixa abater pelas circunstâncias adversas da vida. Esse é o gaúcho na minha definição. Existem inúmeras definições, mas o gaúcho tradicional, o campeador, da sesmaria, da conquista da terra, ele é um homem acostumado a enfrentar adversidades, a viver com pouco. Ele forjou seu caráter em meio à adversidade e ele nunca deixará de ser isso (Kenny Braga, nascido em Sant' Ana do Livramento é jornalista e trabalha na Rádio Gaúcha, onde desempenha o papel de torcedor-símbolo do Internacional).

Pouco importa o fato do gaúcho ser simultaneamente “universal” e “campeador”, forjado pelas guerras fronteiriças que caracterizaram o Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX. Ele é tido como um tipo habituado às adversidades, embora eternamente inconformado e, por isso mesmo, muitas vezes mal compreendido. Se pairar alguma dúvida acerca da sobreposição entre as representações veiculadas pelo futebol e aquelas disseminadas pelo Tradicionalismo, basta confrontar o *slogan* “Grosso não, Tradicionalista” com “Violento não, pegador”. O primeiro pode ser observado nos automóveis de muitos dos frequentadores de CTGs, ao passo que este último eu o criei a partir das inúmeras vezes em que ouvi meus informantes gremistas contestarem a acusação de violência. O Grêmio não é violento: *é viril, raçudo, pegador, chega junto*

mas na bola, enfim, está no limiar tênue que separa a busca pela vitória, da busca a qualquer preço. E aqueles que não compreendem o “estilo gaúcho”,

(...) são pessoas que se forem assistir a um espetáculo de ballet perceberão a leveza dos passos dos bailarinos mas não perceberão a massa muscular que lhes dá sustentação e não imaginarão quantas horas de ensaio, quantos joanetes, quantas deformidades estão por traz daquelas sílfidez que você vê num palco como se fosse apenas uma manifestação artística (Ibsen Pinheiro).

Os adeptos do futebol-arte são freqüentemente chamados de românticos, poetas e outros qualificativos do gênero. Eles veriam, como diz Ibsen, o espetáculo e tão somente o espetáculo, ao passo que os “verdadeiros” entendedores saberiam contemplar também o esforço dos bastidores, do cotidiano e, no futebol, o treinamento intensivo traduzido no resultado e na eficácia. Em uma só palavra: “trabalho”. Neste particular, o descompasso entre aqueles que desdenhavam o Grêmio e os que o aplaudiam, é também o resultado de um olhar distanciado, de espectador, e outro, próximo, que é o de torcedor. Os próprios gremistas - e os gaúchos não tão colorados - admitiam que seu time *não era lá essas coisas*, não tinha um toque de bola refinado, *bom de se ver*, mas cumpria o seu objetivo que era vencer e quando não o fazia, muitas vezes por deficiência técnica, ainda assim era aclamado pelo empenho, pela dedicação, pela raça, etc. A este respeito nada me parece mais elucidativo do que o depoimento de um gremista diante de mais uma derrota do Grêmio no Campeonato Brasileiro 1997. Depois de uma análise pormenorizada acerca da atual fase do time, ele fez mais ou menos o seguinte comentário: *você sabe quem eu gostaria de ver outra vez no Grêmio? Adilson, o grande capitão Adilson; o Grêmio precisa de um líder nato como ele. Um cara que na palestra antes da final da Libertadores pediu a palavra e disse: já quebrei duas vezes a mesma perna e, se precisar quebrar uma terceira pra conquistar este título, volto com uma perna gessada, mas com o troféu na mão!* (Ronaldo, 28 anos, funcionário público).

5.2.2. Com a palavra os torcedores

De maneira geral, as vozes torcedoras, quando ouvidas em separado, tratavam de contestar as acusações de violência dirigidas ao Grêmio, usando, basicamente, os mesmos argumentos veiculados pela mídia; ou quem sabe, a mídia é que se apropriava

da fala torcedora. É bem verdade que em muitos casos se podia notar um sorriso matreiro dando a entender que determinados jogadores gremistas realmente se excediam, e com frequência. Outros admitiam a acusação mas procuravam minimizá-la, evocando, por exemplo, o comportamento “civilizado” da torcida. O time poderia ser “pegador”, “viril” e às vezes violento mas, em compensação, os torcedores gremistas e até mesmo os colorados exibiam um comportamento exemplar, diferentemente daquele verificado entre as Torcidas Organizadas do centro do País. Lances mais duros eram admitidos dentro de campo: *faz parte do jogo, futebol é um esporte de intenso contato físico; quem não bate, apanha e, portanto, é preciso ser precavido, chegar primeiro; ou ainda, futebol é prá macho, quem não quiser correr riscos que vá pro vôlei* e assim por diante. Já torcer seria um divertimento e, sendo assim, *o comportamento dos gaúchos era exemplar; aqui vai muita mulher no estádio, o pessoal torce numa boa e até tem uns que puxam um fuminho mas é só pra dá um barato; enquanto os “outros”, especialmente os paulistas, seriam um bando de marginais, vândalos, brigões* e assim por diante. Violência por violência, segundo estes torcedores, era preferível aquela circunscrita ao gramado e, posso afirmar, para muitos era até desejada. Havia também aqueles com quem era aconselhável nem tocar no assunto: *isso é acusação leviana de paulista e carioca, o Sávio - atleta do flamengo - é que é uma boneca, é bairrismo puro; tu não pensa como eles? Pensa?* Bem, nesse ponto era melhor desconversar, trocar de assunto, enfim, se há alguns convictos de que os gaúchos são eternamente subjugados, há outros ainda mais convictos e, com estes, recomenda-se cautela.

Se estas opiniões, expressas individualmente pelos torcedores, são importantes, mais ainda são as manifestações coletivas. É nelas que reside a diferença entre o que pensam os torcedores e um dirigente ou cronista isoladamente. A rigor, o substrato pode ser o mesmo mas existe uma distância muito grande entre, por exemplo, um xingamento evocado por este ou aquele indivíduo e o mesmo insulto dito pelo estádio todo. É por esta razão, até certo ponto óbvia, que me deterei a seguir no relato de três manifestações nas quais o pertencimento clubístico e o gauchismo estiveram sobrepostos.

5.2.2.1. O pacto

No documentário “Grêmio coração e raça” o jogador Dinho, tido como violento no centro do país mas ídolo entre os gremistas, afirmou que a manifestação mais “forte”

dos torcedores não foi o desfile em carro aberto por ocasião da conquista da Libertadores em 95, nem a festa do Brasileiro de 96, nem outra qualquer, senão aquela depois da derrota frente ao Corinthians pela Copa do Brasil em 95. Como jogador, Dinho empresta legitimidade a uma constatação que eu faria de qualquer forma.

Era o auge das acusações; em todos os programas de rádio e televisão este assunto era debatido. Seria o Grêmio um time violento ou apenas pegador? Para os torcedores gremistas esta parecia ser apenas uma questão secundária, o importante era estar com o Grêmio fosse ele violento ou não.

O jogo iniciou tenso, equilibrado, com o time gaúcho precisando atacar, mas ressentindo-se da ausência de vários titulares - alguns lesionados, outros suspensos. O primeiro tempo terminou em zero a zero e, no início do segundo, ocorreu o que todos os gremistas temiam mas preferiam não acreditar. Marcelinho, logo ele, atleta de Cristo porém malandro, intempestivo, provocativo, fez o gol corinthiano num contra-ataque. Festejou com os Gaviões da Fiel, atrás do gol, e voltou para o centro do campo exigindo, com o indicador diante dos lábios, silêncio no Estádio. Os gremistas não atenderam seu pedido, ou melhor, não se resignaram. Provocados, puseram-se em pé tentando ajudar o time mas a resposta não foi a esperada. O Grêmio “sentiu” o gol - de acordo com o regulamento teria de fazer dois para levar a decisão para os tiros-livres, ou três para conquistar o título no tempo regulamentar - e a reação tardou demasiadamente. Quando ocorreu, já não havia mais tempo; o Corinthians era campeão em pleno Olímpico.

Pode-se ouvir, então, os gritos da empolgada torcida paulista presente no estádio - É, campeão! É, campeão! - e o foguetório colorado fora dele. Mas isto foi apenas um instante, uma fração de tempo imediatamente após o apito do final. Em seguida os torcedores começaram a aplaudir e, incentivados pela Super Raça, o hino do clube foi, lentamente, sufocando a festa colorada e corinthiana.¹¹⁷ Quem estava batendo em retirada permaneceu estático, os que haviam xingado os jogadores se reconciliaram e quem só sabia o estribilho apenas balbuciou as estrofes, inclusive aquela em que Lupicínio escreveu “Os feitos da tua história/Canta o Rio Grande com amor”.

Se levado em consideração apenas o aspecto clubístico, ainda assim a manifestação dos torcedores gremistas merece destaque. Não é sempre que a frustração

¹¹⁷ Tempos depois, perguntei a Gil, atual presidente da Super Raça, quais teriam sido as principais realizações da Torcida e ele, colocou, em primeiro lugar, este episódio. Isto revela, por si só, a intensidade daquela manifestação.

da derrota possibilita a coesão e mais raro ainda é ver o coro do perdedor, dos “sofredores”, calar o ufanismo dos vitoriosos. É bem verdade que quase todos os hinos dos clubes trazem uma mensagem de fidelidade e até se diz que o bom torcedor se conhece na derrota. Porém, o mais comum é que este sofrimento se expresse pelo silêncio, como ocorreu na derrota do Maracanã em 50 e, recentemente, em maio de 1997, na derrota do Flamengo frente ao Grêmio pela Copa do Brasil.

Mas, parafraseando Helena Jr., citado anteriormente, o Grêmio não tinha apenas “um time unido até a morte”, tinha uma torcida que estava com o time “para o que der e vier”. Ambos estavam unidos pela reciprocidade própria dos atletas e torcedores, mediados pelo clube, mas também pelo sentimento de exclusão e auto-exclusão. No auge das críticas, os atletas eram violentos e os torcedores, embora ninguém ousasse expressar publicamente, eram no mínimo esquisóides. Quem aplaudiria Dinho saindo expulso de campo senão a torcida gremista? Como poderia alguém ter um “broncocentauro”, um “atreto”, como ídolo?

O Grêmio nunca seria belo e naquela decisão da Copa do Brasil nem bom era. Ainda assim, o pacto foi firmado e, quer queiram quer não, todos os clubes que passaram pelo Olímpico sofreram com o rigor do jogo e da arquibancada. Inclusive a Portuguesa, que havia resistido a 150 mil mineiros, cruzeirenses e atleticanos, respectivamente, sucumbiu diante da persistência dos gremistas, dentro e fora de campo.

5.2.2.2. Indignação e protesto

No capítulo anterior relatei minha viagem a São Paulo com a Super Raça. Agora é a vez de descrever, não tão detalhadamente, a excursão com a Torcida Jovem, também do Grêmio. Como este capítulo trata das questões envolvendo o regionalismo, vou direto a parte que diz respeito a este assunto; a Jovem que me perdoe por não tê-la tratado, aqui, em minúcias como o fiz com a Raça.

Tratava-se do primeiro jogo pelas finais do Campeonato Brasileiro de 1996 e o Grêmio enfrentava a Portuguesa no Morumbi, em São Paulo. Os torcedores da Jovem saíram daqui com os ânimos regionalistas à flor da pele. Não bastassem a humilhação sofrida diante dos palmeirenses dez dias antes e o *lobby* pela “namoradina do

Brasil”¹¹⁸ os torcedores viajaram com uma manchete de jornal presa na garganta. Na véspera da partida, dia da saída de Porto Alegre, o jornal “Gazeta Esportiva” estampou a seguinte manchete de capa: “CUIDADO, RODRIGO! Craque da Lusa tem apanhado muito e agora vai pegar Dinho & Cia.”. E, abaixo da foto do meia-atacante: “Rodrigo foi caçado pelos zagueiros do Atlético e nem foi treinar ontem. Amanhã ele encara a viril defesa do Grêmio”.

Na chegada à capital paulista, debaixo de temporal, os gremistas ainda teriam o dissabor de serem informados de que nenhum atleta do Grêmio, nem mesmo Paulo Nunes, havia sido convocado por Zagallo para o último amistoso da seleção. Com a derrota por dois a zero, a indignação foi geral. Depois do jogo, enquanto aguardávamos os torcedores da Lusa saírem do Estádio, surgiu, à beira do gramado, um senhor de cabelos brancos que os gremistas supuseram ser Zagallo. A reação foi imediata: *Ão, ão, ão, Paulo Nunes seleção!* Seria apenas uma justa reivindicação à medida que Paulo Nunes era um dos artilheiros da competição. Em seguida porém, passaram aos xingamentos: *Recordar é viver, a Nigéria acabou com vocês!* Pois bem, a Nigéria desclassificou o Brasil nas Olimpíadas e muitos foram os que acharam justa a derrota frente a prepotência do nosso selecionado. Até aí nada de mais. Mas por que “vocês”? Por acaso os gremistas não são brasileiros e como tal não haviam, também eles, sido derrotados? Em termos; o coro seguinte esclareceria o “vocês”: *Ar-gen-ti-na! Ar-gen-ti-na!* E, para meu próprio espanto, o quarto cântico seria ainda mais contundente: *Ís, ís, ís, o Rio Grande é meu país! Ís, ís, ís o Rio Grande é meu país!* E assim prosseguiram até a saída do Morumbi.

Como interpretar manifestações desta natureza? Estariam os ideais separatistas latentes na cultura gaúcha de tal forma que na primeira oportunidade eles seriam manifestos? A resposta seria dada pelos próprios torcedores alguns meses depois mas, posso adiantar desde logo, não se trata propriamente de uma reivindicação separatista, mesmo que muitos afirmem já terem sonhado com a República do Pampa ou, quem sabe, uma fusão englobando Paraná e Santa Catarina.

¹¹⁸ Segundo estimativa da Placar (1088) os torcedores da Portuguesa somavam, ao todo, mais ou menos 20 mil no ano de 1993, restritos, basicamente, à colônia lusitana e alguns poucos simpatizantes. Sendo assim “ela necessitava” do apoio das demais torcidas de São Paulo e, de fato, no Morumbi, pôde-se observar torcedores de todas as grandes “nações” paulistas, também denominados pelos gremistas de “torcedores de aluguel”.

5.2.2.3. “Ao vencedor as batatas”: parte II

Já me referi à festa por ocasião da conquista da Copa do Brasil de 97 no capítulo anterior. Naquela oportunidade, descrevi as comemorações que tomaram conta de Porto Alegre como um ritual coletivo. Agora dedicarei mais atenção à questão do regionalismo, tal qual os subtemas precedentes.

Na verdade, a festa da Copa do Brasil e o ritual como um todo foram praticamente os mesmos daquele quando o Grêmio foi campeão da Libertadores, em 95. Só que desta vez os aspectos regionais eram mais evidentes, em parte porque o derrotado havia sido o Flamengo e, acima de tudo, um carioca, e, de outra, porque a Copa do Brasil é, de fato, uma competição voltada a atualização das rivalidades regionais.

Depois do empate frente ao Corinthians, no Olímpico, que classificou o Grêmio às finais pôde-se ouvir, como em outras tantas oportunidades, o coro: *Uh, uh, uh, paulista é pau no cu!* Não era corinthiano e desta vez ninguém contestou, eu mesmo já esperava o xingamento. O Corinthians, patrocinado pelo Banco Excel-Econômico representava, em linhas gerais, o mesmo que o Palmeiras-Parmalat nos anos anteriores. Vencê-los sempre foi uma façanha e o Grêmio o fizera novamente.

Na saída do Estádio, os alto-falantes do Olímpico, que sempre anunciam o hino do clube após os jogos, desta vez anunciavam “Querência Amada”, uma música gravada na década de setenta por Teixeira e recentemente relançada por Osvaldir e Carlos Magrão. Embora a maioria dos gremistas, mesmo os mais antigos, só cantassem a primeira e a última estrofes, a letra merece ser reproduzida na íntegra, pela peculiaridade com que expressa o “amor ao Rio Grande”.

I
Quem quiser saber quem sou
Olha para o céu azul
E grita junto comigo
Viva o Rio Grande do Sul

II
O lenço me identifica
Qual a minha procedência
Da província de São Pedro
Padroeiro da querência

VII
Te quero tanto
Torrão gaúcho
Morrer por ti
Me dou o luxo

VIII
Querência amada
Planícies, serras
Os braços que me puxa
Da linda mulher gaúcha
Beleza da minha terra

III
Óh meu Rio Grande
De encantos mil
Disposto a tudo
Pelo Brasil

IV
Querência amada
Dos parrerais
Da uva vem o vinho
Do povo vem o carinho
Bondade nunca é demais

V
Berço de Flores da Cunha
E de Borges de Medeiros
Terra de Getúlio Vargas
Presidente Brasileiro

VI
Eu sou da mesma vertente
Que Deus saúde me mande
Que eu possa ver muitos anos
O céu azul do Rio Grande

IX
Meu coração é pequeno
Porque Deus me fez assim
O Rio Grande é bem maior
Mas cabe dentro de mim

X
Sou da geração mais nova
Poeta bem macho e guapo
Nas minhas veias escorre
O sangue herói de farrapo

XI
Deus é gaúcho
De espora e mango
Foi maragato
Ou foi chimango

XII
Querência amada
Meu céu de anil
Este Rio Grande gigante
Mais uma estrela brilhante
Na bandeira do Brasil

Não era, contudo, a primeira vez que eu ouvia os gremistas entoando Teixeira, ou Osvaldir e Carlos Magrão, como queiram. Na viagem a São Paulo, com a Super Raça, me surpreendi com as inúmeras vezes em que a fita K7 que continha esta música foi posta no toca-fitas do ônibus. Reapareceu naquele Grêmio e Corinthians e, dali em diante, passou a ser executada com muita frequência, tendo Osvaldir e Carlos Magrão desfilado em carro aberto no Estádio Olímpico, no domingo subsequente à conquista da Copa do Brasil.

Embora haja, na letra de “Querência amada”, referências indiretas às cores do Grêmio (“céu azul”/“céu de anil”; estrofes I, VI e XII), certamente não é este o motivo pelo qual a música era tão apreciada naquele contexto. Era o auge, pode-se dizer, da evocação simultânea do gremismo e do gauchismo. O “amor ao clube”, por exemplo, em muito se parece com o “amor ao Rio Grande” (estrofes II, VI, VII e IX) e, deste “amor”, resulta a evocação das “belezas do Rio Grande” (estrofes II, III, IV e VIII) que, a rigor, podem ser associadas à grandeza do Grêmio. Há na letra um jogo entre sentimentos contraditórios que também estavam muito presentes entre os gremistas. O “amor ao Rio Grande” se faz sentir no culto a Borges de Medeiros e a Flores da Cunha

(estrofe V), líderes “separatistas” do passado, na idolatria dos farrapos (estrofe X) e de chimangos (federalistas) e maragatos (republicanos) (estrofe XI). A VIIª estrofe, por exemplo, sugere que o amor pelo Rio Grande (“Te quero tanto/Torrão Gaúcho”) vale a própria vida (“Morrer por ti/Me dou o luxo”). Também faz crer que é pelo Brasil que esta entrega se justifica, como na estrofe II (“Óh meu Rio Grande/De encantos mil/Disposto a tudo/Pelo Brasil”). A auto-exclusão, tão presente nos xingamentos a “Zagallo”, depois do jogo diante da Portuguesa, no Morumbi, pode ser comparada à referência à “província” na estrofe II (“.../Qual a minha procedência/Da província de São Pedro/(...)”). Por isso se exaltou tanto a vitória do Grêmio pois, no fundo, as conquistas nacionais, em 1996 e 1997, representavam a realização do desejo de reconhecimento frente aos demais torcedores, à mídia do centro do País, enfim, ao Brasil como um todo. O culto à “pegada”, à “raça” e às “tradições”, que por vezes tornaram o estilo do Grêmio um anti-estilo, mas que, tempos depois, foi exaltado, talvez tenha a ver com as recorrentes afirmações de que os gaúchos sempre estão dispostos à guerra (estrofe X) mas, simultaneamente, são representados como cordiais e hospitaleiros (estrofe IV). Por tudo isso, as duas últimas estrofes eram aquelas que quase todos sabiam cantar e, os que não sabiam, tiveram muitas oportunidades de aprender. Gremismo e gauchismo se fundem, finalmente, enquanto o primeiro comemorava mais um título nacional e, sendo assim, o segundo podia ser exaltado. Ou seja, através do Grêmio, “Este Rio Grande gigante” tornara-se “Mais uma estrela brilhante/Na bandeira do Brasil”.

De qualquer forma, constitui-se em algo inusitado ouvir jovens e adolescentes cantarem, a todo pulmão, uma música inicialmente gravada há mais de duas décadas e, por Teixeira, um cantor/compositor tido como “brega” por jovens urbanos de qualquer época. Talvez o *slogan* dos *funkeiros* cariocas Carlinhos e Buchecha combinasse melhor com o público preponderantemente jovem dos gremistas em geral e das Organizadas em particular. *Ah! eu tô maluco!* havia se tornado mania nacional, inclusive nos estádios de futebol. Era imperioso que os gremistas também o adotassem mas, não haveria aí uma espécie de imitação?

É verdade que os torcedores nunca se importaram muito com este tipo de apropriação, embora, neste caso, porque a decisão da Copa do Brasil/97 era contra o Flamengo - segundo os gremistas e colorados, nenhum outro clube representa tão bem o futebol-arte como Flamengo - o plágio seria evidente. É impossível saber de quem partiu a idéia, mas o certo é que naquele jogo do Olímpico o *Ah! Eu tô maluco!* já se

transformara em *Ah! Eu sô gaúcho!* E a consagração definitiva viria dois dias depois, no Maracanã.

Na noite de quinta-feira, as ruas de Porto Alegre foram tomadas de gremistas. Portando bandeiras do clube, a maioria distribuídas pelo jornal da RBS - o logotipo bem identificado, tal qual o das Lojas Colombo e da APLUB, ironicamente, a “Previdência do Sul” é patrocinadora das camisas do Inter -, os torcedores festejavam aos gritos de *É, tricampeão!* e *Ah! Eu sô gaúcho!* Entre as bandeiras do Grêmio também podia-se observar as do Rio Grande do Sul e até mesmo do Brasil, juntas ou separadas. “O Laçador”, monumento-símbolo da cidade, inspirado em Paixão Côrtes, gaúcho-símbolo do Tradicionalismo, foi coberto com uma enorme bandeira gremista..

O Grêmio era, segundo manchete do Correio do Povo (24/5/97), “dono do Brasil”, com dois títulos nacionais conquistados num período de seis meses. A festa era dos gremistas mas os cânticos, os símbolos eram múltiplos; as manifestações evocavam a identidade clubística e também o gauchismo. Mesmo que a contragosto de muitos, o Grêmio se encaixara no futebol nacional. E pelo caminho mais árduo, qual seja, contestando o “futebol-arte”. Agora ninguém ousaria evocar as máximas do separatismo pois, em se tratando de futebol, tripudiar o “outro” é tão importante quanto cultivar a própria identidade. E para tripudiar é preciso, antes de mais nada, estar próximo, encaixado.

Passadas algumas semanas, os gremistas teriam de provar “em casa” (Olímpico) a fama conquistada “no território inimigo” (Maracanã). No dia do primeiro jogo decisivo pelo Campeonato Gaúcho, no Olímpico, os gremistas ainda mantinham aquele ar de superioridade e arrogância decorrentes das últimas façanhas. Não se limitavam a cantar *Ah! Eu sô gaúcho!*, como se os colorados não o fossem, mas tripudiavam os torcedores adversários: *Ah! Tu é macaco!*

O Grêmio parecia ter perdido o interesse pela rivalidade local. Desmotivado, acabou derrotado no Beira-Rio e, o que parecia ser apenas mais um incidente de percurso, acabou se transformando em tragédia. Eufóricos pela campanha no Brasileiro de 97, os colorados chegaram ao Estádio Olímpico, dois meses depois, cantando *Ah! Eu sô macaco!* e saíram de lá em êxtase: o Inter aplicou 5 a 2 no Grêmio e, vejam bem, na casa do tricolor; um placar tão elástico que fez os torcedores mais antigos lembrarem da inauguração do Olímpico - 6 a 2 para o Inter - há 43 anos.¹¹⁹

¹¹⁹ Os derivativos do *Ah! Eu tô maluco!* seguiram em alta ao longo de segundo semestre de 1997. Os torcedores do Juventude, de Caxias do Sul, região de colonização italiana, foram recebidos no

Encerrava-se, então, um ciclo vitorioso do Grêmio. Inicia-se, quem sabe, o ciclo colorado. O futebol opera uma temporalidade cíclica, um constante perde e ganha. Já o regionalismo, parece mais inclinado à linearidade, ele preserva um substrato que precisa ser constantemente atualizado e, assim sendo, nada impede que o Inter, em breve, passe a desempenhar este papel. Seja como for, as rivalidades locais e regionais ainda ocupam o imaginário dos torcedores e não será a modernização, a globalização ou as parcerias que irão atenuá-las. Pelo contrário, a tendência é fortalecê-las ainda mais, como mostra a recente trajetória do Grêmio.

Beira Rio - em jogo pela fase classificatória do brasileiro/97 - com: *Ah! Tu é colono!* O Juventude venceu e, na saída, pode-se ouvir, então: *Ah! Eu só colono!* Na mesma linha, os Tradicionalistas substituíram um antigo adesivo para automóveis. "Grosso não, tradicionalista!" tornou-se "Ah! Eu sou gaúcho, tchê!".

PRORROGAÇÃO

Parafrazeando Lévi-Strauss, disse que os clubes são bons para torcer e bons para se pensar. Acrescento, enquanto é tempo, que eles são bons também para se compreender, não apenas a dinâmica futebolística, mas uma série conflitos sociais.

O futebol tem seus próprios dilemas e há, inclusive, fóruns especializados e *experts* no assunto. Existem, portanto, questões suscitadas por ele e que só a ele interessa, permanecendo restritas ao contexto do qual são tributárias. De maneira geral, o futebol não cria fatos novos, apenas permite que sejam veiculados através dele questões mais gerais, inicialmente forjadas em outras esferas da vida social. Assim, ao invés de repetir o velho chavão de que o Brasil é o “País do futebol”, seria mais interessante pensar que os brasileiros se expressam por meio dele e, por isso mesmo, tornaram-no uma instituição popular.

Argentina, Itália, Espanha, entre outros, também poderiam ser considerados “Países do futebol”; as regras são as mesmas e o gosto por este esporte não é exclusividade nossa. Os contornos são parecidos, mas o recheio é diferente. Pode-se até apreciar o futebol dos outros como espetáculo, é linguagem universal. Mas há coisas que só o futebol brasileiro pode fazer: dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do nosso futebol, dos nossos, clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante.

O futebol é uma linguagem e, acrescentaria, uma linguagem coletiva. É bom lembrar, entretanto, que mesmo sendo coletiva, esta linguagem é motivada e isto implica dizer que não se expressa qualquer coisa mas algo significativo, de algum lugar e pressupondo a existência de um interlocutor, em geral, também coletivo. Não por acaso os torcedores se pensam como *nação*, enquanto uma comunidade que os engloba e mantém coesos, especialmente pelo fato de existirem outras “nações” e estarem, permanentemente, mobilizados para o confronto, na maioria das vezes apenas verbal, ou seja, mimético.

A idéia de *nação*, o termo êmico propriamente dito, pressupõe uma determinada configuração social, no âmbito da qual os indivíduos, na pessoa dos torcedores, desempenham papéis diferenciados. Sendo assim, existem diferentes formas de pertencimento clubístico e isto permite à nação-clube de futebol estabelecer seus próprios arranjos sociais e culturais.

De certo modo, a nação-clubes de futebol reforça as diferenças já existentes em outras esferas da vida social. A questão econômica, por exemplo, segmenta o público nos estádios e, não raro, priva uma parcela significativa de torcedores do acesso aos jogos. Como existem políticos corruptos, há dirigentes de má índole e o inverso também é verdadeiro.

Os torcedores, de maneira geral, parecem evitar este tipo de comparação ou, simplesmente, desconsiderá-la, pois o pertencimento clubístico tem suas próprias particularidades, à medida que está diretamente associado ao futebol. Não é em função da política partidária ou do Estado propriamente dito que os torcedores se pensam. Como afirma Geertz (1989) em relação à briga de galos em Bali, também o futebol não altera a posição e muito menos a condição de classe dos torcedores. O que faz e muito bem, é dramatizá-las, permitindo a todos experimentar o triunfo da vitória.

Poder-se-ia, então, pensar como DaMatta (1994), afirmando que “o futebol nos dá uma potente lição de democracia (...), pois proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e justiça social” (:17). Só que a “aula de democracia e justiça social” tem um alcance limitado, circunscrito ao espaço-tempo do jogo. Quando acaba o ritual disjuntivo tudo volta a ser como antes e, como dizem os próprios torcedores, “futebol não enche a barriga de ninguém”. A “aula de democracia” deve, portanto, ser considerada como tal e, ao que parece, não há “dever de casa”. Em um século, ainda está para acontecer uma transformação na sociedade brasileira desencadeada pelo futebol. Alguém poderia afirmar, por exemplo, que os maiores ídolos do nosso futebol são negros. Correto, mas quantos técnicos e dirigentes negros teve o Brasil?

Ao invés de supor que os torcedores se dão por satisfeitos com a “experiência” que a “aula de democracia” lhes proporciona, seria mais interessante pensar que a “aula de democracia” assegura-lhes, pelo menos, o direito de expressar seus sentimentos e serem ouvidos, vistos, enfim, notados. Nesta perspectiva, do futebol como linguagem, as rivalidades clubísticas brasileiras, em geral associadas às questões de “classe social”, “raça” e “regionalismo”, não teriam sido escolhidas arbitrariamente e muito menos para dar aos pobres, negros e pessoas nascidas em estados periféricos a ilusão da vitória ou, por outra, a ricos, brancos e nascidos no centro do País, o eventual desprazer da derrota. A “aula de democracia” é antes de tudo um fórum polêmico e, sob este aspecto, faz crer que as questões envolvendo “classe social”, “raça”, e “regionalismo” são conflituosas no contexto onde são suscitadas. A experiência do êxito e do fracasso pode ser vivenciada também no vôlei, no basquete, no jogo de cartas, enfim, ganhar e perder “faz

parte do jogo”. Contudo, apenas o futebol está fortemente vinculado às categorias mais amplas da sociedade brasileira e justamente por isso ele se tornou popular.

O Gre-Nal, por exemplo, é uma “aula de democracia”, sem dúvidas. Quando o Inter vence, vencem todos os colorados e, vale recordar, há entre eles pessoas de todas as classes sociais. Ou será que quando o Grêmio ganha apenas a elite comemora? Não, a vitória é de todos os gremistas, inclusive dos negros que a ele pertencem. O que faz do Gre-Nal uma “aula de democracia”, e diga-se de passagem, absorvente, são os cânticos, xingamentos e outras tantas manifestações que permitem expressar, coletivamente, determinados sentimentos acerca do “outro”. Talvez porque não existam outros fóruns para tal, ou porque tais sentimentos tenham de ser expressos de uma maneira tal que só o futebol permite, à medida que faz a “seriedade” passar-se por “brincadeira”. O certo é que tanto a questão do negro quanto o sentimento de exclusão em relação ao centro do país são temas polêmicos por aqui e, diga-se de passagem, desde longa data.

Nos três últimos anos, foi o Grêmio que permitiu expressar os sentimentos regionais; mas poderia ter sido o Inter e por certo será, logo adiante. E, quem sabe, não seremos surpreendidos, no futuro, com o Grêmio sendo chamado de “clube do povo”? Não foi assim com o Flamengo? Só o tempo dirá, pois as nações-clube de futebol ainda estão inacabadas.

Enquanto “tradições” forem sendo inventadas, ou seja, indefinidamente, os clubes estarão sujeitos a constantes reelaborações por parte de seus torcedores. O pertencimento clubístico permite quase tudo, até que se apedreje a sede do Clube, como já ocorreu com os torcedores do Palmeiras, com os do Fluminense e, mais recentemente, os Gaviões da Fiel por pouco não promoveram uma chacina de seus ídolos - pensados como patrimônio dos clubes. O pertencimento clubístico só não admite traição; é eterno e “para o que der e vier”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict (1989), Nação e consciência Nacional. São Paulo, Ática.
- ANTUNES, Fátima (1994), “O futebol nas fábricas”. In: Revista USP, nº 22.
- _____ (1996), “O futebol na Light & Power de São Paulo”. In: Pesquisa de Campo, n.º 3/4.
- ARIÈS, Philippe (1981), História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Guanabara; 2ª ed.
- BAKHTIN, Mikhail (1993), Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. São Paulo-Brasília, Edunb/HUCITEC.
- BACHELARD, Gaston (1988), A Dialética da Duração. São Paulo, Ática.
- BOURDIEU, Pierre (1983), “Como é possível ser esportivo”. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero.
- BROHM, Jean-Marie (1972), Deporte, cultura y represión - Colección Punto y Línea. Barcelona, Gustavo Gili.
- CABRAL, Cid & OSTERMANN, Ruy Carlos (s/d), O admirável Futebol Brasileiro. Porto Alegre, Gaúcha.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (1986), “Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível”. In: Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense.
- CASTRO, Ruy (1995), Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo, Cia das Letras.
- CÉSAR, Benedito T. (1982), “Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo”. Dissertação de Mestrado. Campinas, IFCH/UNICAMP/Antropologia Social.
- CHARTIER, Roger (1990), A História Cultural. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CLIFFORD, James (1995), “Sobre la autoridad etnográfica”. In: Dilemas de la cultura. Barcelona, Gedisa.
- COELHO NETTO, Paulo (1952), História do Fluminense. Rio de Janeiro, Gráfica Borsoi.
- COIMBRA, David & NORONHA, Antônio (1994), A História dos Grenais. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- COUTINHO, Edilberto (1994), “Zelins, Flamengo até morrer!”. In: Pesquisa de Campo, n.º 0.

- DAMATTA, Roberto (1982), "Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o futebol Brasileiro". In: Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek.
- _____ (1994), "Antropologia do Óbvio". In: Revista USP, nº 22.
- DAMO, Arlei (1995), "A construção da corporalidade do atleta no meio futebolístico". Monografia. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- DEBRUN, Michel (1982), "Paixão e participação: o futebol como base de uma cidadania". In: Revista Istoé. Nº 291, 21/7/92.
- DIENSTMANN, Cláudio (1987), Campeonato Gaúcho: 68 anos de história. Porto Alegre, Sulina; 2ª ed.
- DUARTE, Luis Fernando (1986), Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/CNPq.
- DUMOND, Louis (1992), Homo Hierarchicus. São Paulo, EDUSP.
- DUNNING, Eric (1992a), "As ligações sociais e a violência no desporto". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- DUNNING, Eric & SHEARD, Kenneth (1992), "La separation des deux Rugby". In: Actes de la Recherche en Sciences Sociales; nº 79.
- DUNNING, Eric & MURPHY, Patrick & WILLIAMS, John (1992), "A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- ELIAS, Norbert (1992a), "Ensaio sobre o desporto e a violência". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1992b), "A gênese do desporto: um problema sociológico". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1994), O Processo Civilizador. Rio de Janeiro, Jorge Zahar; 2ª ed.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric (1992a), "O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e no início dos tempos modernos". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1992b), "A busca da excitação no lazer". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- _____ (1992c), "A dinâmica dos grupos esportivos - uma referência especial ao futebol". In: ELIAS, N. & DUNNING, E. (org.), A busca da Excitação. Lisboa, Difel.
- ENDLER, Sérgio (1984), Tesourinha. Porto Alegre, Tchê, 2ª ed.

- EWEN, Stuart (1991), Todas las imágenes del consumismo. México, Grijalbo.
- FILHO, Mário (1964), O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2ª ed.
- FINE, Ben & LEOPOLD, Ellen (1993), "Food for Thought". In: The Word of Consumption. New York, Routledge.
- FRANCO, Sérgio da Costa (1992), Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS; 2ª ed.
- FREYRE, Gilberto (1964), "Prefácio". In: FILHO, M. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 2ª ed.
- _____ (1971), Novo Mundo nos Trópicos. São Paulo, Editora Nacional.
- FRYDENBERG, Julio (1997), "Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910". In: Entrepassados: Revista de História. Ano VI, nº 12.
- GEERTZ, Clifford (1989), A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Guanabara.
- GERTZ, René (1991), O perigo Alemão. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS.
- GIL, Gilson (1994), "O drama do 'Futebol-Arte': O Debate Sobre a Seleção nos Anos 70". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 25.
- GOLIN, Tao (1983), Ideologia do Gauchismo. Porto Alegre, Tchê.
- GONZALES, Demósthene (1986), Roteiro de um boêmio. Porto Alegre, Sulina.
- GUEDES, Simone (1982), "Subúrbio: Celeiro de Craques". In: Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek.
- GUIBERNAU, Montserrat (1997), Nacionalismo: o estado nacional e o nacionalismo no século XX. Rio de Janeiro, Zahar.
- HELAL, Ronaldo (1997), Passes e Impasses. Rio de Janeiro, Vozes.
- HOBSBAWM, Eric (1984), "Introdução: a invenção das tradições" e "A Produção em Massa das Tradições: Europa 1879 a 1914". In: HOBSBAWM, E. & RANGER, T. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____ (1990), Nações e Nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro, Paz e Terra
- HOFMEISTER, Carlos (1988), Pequena história do remo gaúcho. Porto Alegre, CORAG.

- JARDIM, Denise (1991), "De Bar em Bar: Identidade Masculina e Auto-segregação entre Homens de Classes Populares". Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- LEITE LOPES, José S. (1992), "A morte da alegria do povo". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 20.
- _____ (1994), "A vitória do futebol que incorporou a *pelada*". In: Revista USP, nº 22.
- _____ (1995), "Esporte, emoção e conflito social". In: MANA - Estudos de Antropologia Social, nº 1, v (1), Rio de Janeiro, Museu Nacional, Relumé/ dumarú.
- LEROI-GOURHAN, A. (1965), O Gesto e a Palavra: memória e ritmos. Rio de Janeiro, Edições 70.
- LEVER, Janet (1983), A Loucura do Futebol. Rio de Janeiro, Record.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1975), Totemismo Hoje. Petrópolis, Vozes.
- LEVINE, Robert (1982), "Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- MACEDO, Riopardense de (1972), Porto Alegre: História e Vida da Cidade. Porto Alegre, Editora da UFRGS.
- MACIEL, Maria Eunice (1994a), "Marcas". In: FISCHER, Luiz & BISSÓN, Carlos (org.), Nós, os gaúchos - II. Porto Alegre, Editora da Universidade (UFRGS).
- _____ (1994b), "Considerações sobre gaúchos e colonos". In: Diversidade Étnica e Identidade Gaúcha. Santa Cruz do Sul, UNISC.
- MAGNANI, José G. (1984), Festa no Pedaco. São Paulo, Brasiliense.
- _____ (1996), "Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole". In: MAGNANI, J. G. & TORRES, L. L. (org.), Na Metrópole. EDUSP/Fapesp.
- MÁXIMO, João (1996), João Saldanha. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- MAUSS, Marcel (1974), "As Técnicas Corporais". In: Sociologia e Antropologia II. São Paulo, EPU/EDUSP.
- OLIVEIRA, Paulo G. (1996), "Esportes trazidos pela imigração". In: FISCHER, L. A. & GERTZ, R. E. Nós, os teuto-gaúchos. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS.
- OLIVEN, Ruben (1992), A parte e o todo. Petrópolis, Vozes.

- _____ (1996), “A Invisibilidade Social e Simbólica do Negro no Rio Grande do Sul”. In: LEITE, I. B. (org.) Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis, Letras Contemporâneas.
- ORTIZ, Renato (1994), Cultura Brasileira & Identidade Nacional. São Paulo, Brasiliense, 4ª ed.
- PASOLINI, Pier Paolo (1996), “El fútbol es un lenguaje”. In: Literatura de la pelota - LA MAGA. Montevideú, nº 24.
- PEDROSA, Milton (1967), “O futebol na literatura brasileira”. In: Gol de Letra. Rio de Janeiro, Gol.
- PESAVENTO, Sandra (1994), “De como os alemães se tornaram gaúchos pelo caminho da modernização”. In: MAUCH, C. & VASCONCELLOS, N. (org.) Os Alemães no Sul do Brasil. Canoas, Editora da ULBRA.
- PORTO, Sérgio (1992), Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre, Editora da Universidade; 2ª ed.
- PRADO, Décio de A. (1994), Tempo (e espaço) no futebol. In: Revista USP, nº 22.
- PROENÇA, I. C. (1981), “Mundão Vocabular”. In: Futebol e Palavra. Rio de Janeiro, José Olympio.
- RAMOS, Roberto (1984), Futebol. Ideologia do Poder. Rio de Janeiro, Vozes.
- RICOEUR, Paul (s/d), Teoria da Interpretação. Lisboa, Edições 70.
- RODRIGUES, Nelson (1993), “Complexo de vira-latas” & “Garrincha não pensa”. In: CASTRO, R. (org.), À sombra das chuteiras imortais. São Paulo, Cia das Letras.
- RODRIGUES FILHO, Nelson (1995), “Lima Barreto: Jogando contra o futebol”. In: Pesquisa de Campo, n.º 3/4.
- ROSENFELD, Anatol (1993), Negro, Macumba e Futebol. São Paulo, Edusp.
- RUFINO DOS SANTOS, Joel (1981), História Política do Futebol Brasileiro. São Paulo, Brasiliense.
- SANTOS, Carlos L. (1975), Na Sombra dos Eucaliptos. Porto Alegre, Globo.
- SCHUTZ, Alfred (1979), Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro, Zahar.
- SEBRELI, Juan J. (1981), Fútbol y masas. Buenos Aires, Galerna.
- SEVCENKO, Nicolau (1992), Orfeu extático na metrópole. São Paulo, Cia. das Letras.
- _____ (1994), Futebol, Metrópole e Desatinos. In: Revista USP, nº 22.

- SHIRTS, Matthew (1982a), "Literatura Futebolística: uma periodização". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- _____ (1982b), "Futebol no Brasil ou Football in Brazil?". In: MEIHY, J. C. S. B. & WITTER, J. S. (org.), Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- SILVEIRA, O. A. da (s/d), "O Desenvolvimento da Educação Física e dos Desportos". In: FRANCO, A. & COUTO e SILVA, M. & SCHIDROWITZ, L. G. (Orgs.). Porto Alegre: Biografia Duma Cidade. Porto Alegre, Tipografia do Centro.
- SILVA, Josiane (1993), Bambas da Orgia: Um Estudo Sobre o Carnaval de Rua de Porto Alegre, seus Carnavalescos e os Territórios Negros. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS.
- SILVA Jr., José (1996), Histórias que a bola esqueceu. Florianópolis, CMM Comunicação.
- SOARES, Carmen L. (1994), Educação Física: Raízes Européias e Brasil. Campinas, Autores Associados.
- SOARES, Luis E. (1979), "Futebol e teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas". In: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, nº 33.
- SOUZA, Marcos (1996), "A 'Nação em Chuteiras': Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro". Dissertação de Mestrado; Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Brasília/UnB.
- TOLEDO, Luis H. (1993), Por Que Xingam os Torcedores? In: Cadernos de Campo, n.º 3, USP/IBICT.
- _____. (1995), Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/USP.
- _____. (1996a), Torcidas Organizadas de Futebol. São Paulo, Autores Associados/ANPOCS.
- _____. (1996b), "Contribuições ao Estudo da Crônica Esportiva 1: 'contracrônica esportiva de Lima Barreto'". In: Pesquisa de Campo, n.º 3/4.
- VELHO, Gilberto (1987), Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Jorge Zahar; 2ª ed.
- VERISSIMO, Luis Fernando (1996), "Gre-Nal". In: LÜDTKE, Sérgio. Traçando. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- WEBER, Max (1974), "A Nação". In: GERTH, H. H. & MILLS W. (org.), Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar.

ANEXOS

Os dez mandamentos irônicos do sócio gremista

- 1) Fala mal do teu club sempre que para isso tiveres ocasião.
- 2) Ameaça sempre com o teu pedido de demissão sempre que haja alguma coisa com o que não estejas de acordo.
- 3) Não escondas aos outros a mínima circunstância com que não estiveres de acordo na atividade do teu club.
- 4) Se estiveres indisposto com algum sócio, deves fazer cair a culpa sobre o club.
- 5) Acautela-te cuidadosamente em prestar algum serviço ao teu club e procura substituir todos aqueles que trabalham para o mesmo pois estes só o fazem pela ambição ou para obter vantagens pessoais.
- 6) Fala mal do teu club para os estranhos, porém acautela-te de fazê-lo no recinto do mesmo.
- 7) Nunca fale bem dos representantes legitimamente eleitos de teu club que trabalham pelo engrandecimento do mesmo.
- 8) Se tens boas idéias guarda-as contigo e espera a negligência de um membro da diretoria para mostrares que és mais inteligente do que os outros.
- 9) Não esqueças de fazer oposição nas assembléias, pois tu és o tempero das mesmas. Sem teu concurso elas não teriam sabor.
- 10) Se algum sócio vier ao encontro das tuas idéias contradize-o, pois tu tudo conheces mais, cabendo-te o direito de ser admirado como homem prudente e criterioso.

Tabela I

	CTGs	Cônsules	Retrans- missoras
Rio Grande do Sul	1350	288	46
Santa Catarina	120	49	16
Paraná	231	25	6
Centro-Oeste	68	6	7
Outros estados	47	32	2
Exterior	2	38	-
Total	1818	438	77

Tabela II

	Competição	Campeão	Vice
1994	Copa do Brasil	Grêmio	Ceará
1995	Copa do Brasil	Corinthians	Grêmio
	Libertadores	Grêmio	Nacional - Colômbia
	Mundial Interclubes	Ajax - Holanda	Grêmio
	Campeonato Gaúcho	Grêmio	Internacional
1996	Campeonato Brasileiro	Grêmio	Portuguesa
	Campeonato Gaúcho	Grêmio	Juventude
	Recopa Sulamericana	Grêmio	Independiente - Argentina
1997	Campeonato Gaúcho	Internacional	Grêmio
	Copa do Brasil	Grêmio	Flamengo

Tabela III*

	Grêmio	Violência ou violento	Grêmio e violência ou violento
1994	420	3186	12
1995	1014	3799	71
1996	947	4143	30
1997	671	3710	20

*Fonte: Folha de São Paulo

<http://www.uol.com.br/bibliot/>

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE - ORGANOGRAMA

